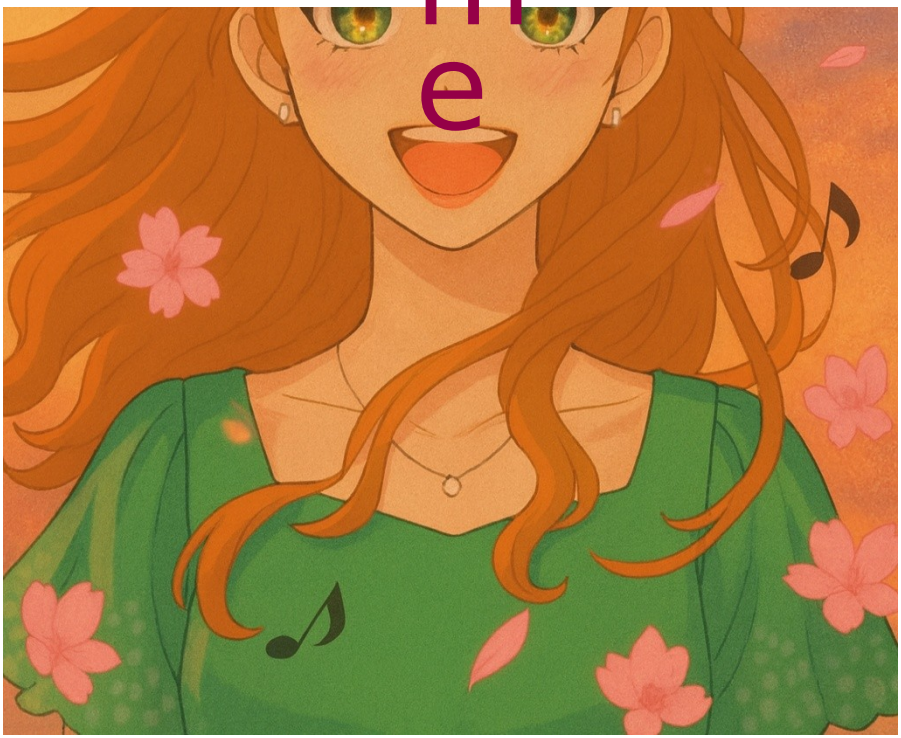
No tom do seu
olhar

# ome



Amy chega à Sakura Royal Blossom University querendo apenas um novo começo — mas a música do campus parece puxá-la para bem mais que isso. Entre salas de ensaio, risadas no corredor e dias que sempre viram alguma história inesperada, novos nomes entram no seu dia a dia: Chade, Minjae, Delilah… e é questão de tempo até que os caminhos dos quatro acabem se cruzando como uma música

que junta todos os instrumentos no momento certo. Entre notas de música e linhas de costura, Amy descobre que a vida ali tem um ritmo próprio — e que algumas conexões começam baixinho, mas logo ficam impossíveis de ignorar.

Num ambiente onde cada olhar pode esconder uma história, e cada gesto pode ser o começo de algo inesperado, eles vão perceber que o amor... não acontece por acaso.

*Dedicatória*

Ao Senhor, que me lembrou que a verdadeira beleza está no coração. “A beleza de vocês não deve estar nos enfeites exteriores... mas no seu interior, que não perece, beleza demonstrada num espírito dócil e tranquilo.”

-1 Pedro 3:3-4

## Prólogo

O ônibus diminuiu a velocidade até parar suavemente diante da Sakura Royal Blossom University e naquele instante senti meu coração tropeçar dentro do peito. A respiração veio curta, trêmula, como se o ar estivesse tentando avisar que

minha vida estava prestes a mudar — mesmo que eu ainda não entendesse como.

Quando a porta se abriu, fui recebida por uma visão que parecia saída de um conto antigo. Os prédios de madeira escura, ornamentados com entalhes delicados, erguiam-se como guardiões silenciosos de gerações inteiras. As janelas altas refletiam a luz dourada do fim de tarde, criando manchas brilhantes que dançavam nas paredes como pequenas promessas de algo novo.

O ar tinha cheiro de baunilha fresca — suave, acolhedor — misturado ao perfume leve das flores rosadas espalhadas pelos jardins. A sensação era tão agradável que me deu vontade de fechar os olhos e apenas respirar, como se aquele aroma fosse um abraço caloroso após um dia cansativo. Cada passo meu sobre o chão de madeira produzia um eco leve, quase tímido, mas firme o suficiente para me lembrar de que aquela escola imensa estava escutando minha chegada.

Apertei a alça da mochila, absorvendo cada detalhe ao meu redor: o brilho dos raios de sol atravessando os vitrais, as sombras longas das árvores perfeitamente podadas, o som distante de pássaros que contrastava com a tranquilidade do lugar.

O pátio estava quase vazio, e essa calmaria tornava tudo ainda mais imponente. Era como se o lugar estivesse respirando comigo, me observando, me medindo… esperando para ver quem eu seria dentro dele.

Os poucos alunos que passavam usavam uniformes tão impecáveis que pareciam recém-saídos de uma vitrine: camisas brancas sem um único amasso, gravatas ajustadas como se alguém as tivesse alinhado com régua, saias e calças que se moviam em sincronia com o vento.

Por um instante senti que não pertencia àquele lugar — como uma peça deslocada em um quebra-cabeça caro. Meu uniforme novo ainda parecia estranho no meu corpo, e eu me perguntei se alguém conseguiria notar que eu era nova só de olhar para mim. Provavelmente sim. Mas respirei fundo. Eu precisava tentar.

“Primeiro dia… vai dar tudo certo.” Pensei, mesmo que meu coração não tivesse tanta certeza assim.

Caminhei pelo corredor principal, meus olhos absorvendo cada detalhe como se fossem fotografias: os quadros com fotos de antigos formandos, as vitrines cheias de troféus reluzentes, o silêncio acolhedor que só universidades muito tradicionais têm. E quanto mais eu observava, mais meu peito se enchia de uma mistura estranha de nervosismo e esperança.

Até que cheguei ao segundo andar… e foi aí que tudo começou a dar errado.

Eu segurei meu horário com força, olhando para ele como se fosse um mapa de um tesouro escondido. “Sala 2-B”, dizia ali. O corredor estava vazio, e as portas, todas iguais, me deixavam mais confusa do que deveriam.

Escolhi uma delas — achando que era a certa — e empurrei.

A sala estava silenciosa, mas havia alguém lá dentro.

Um garoto sentado na última fileira, a luz da janela batendo nos fios escuros do seu cabelo, fazendo parecer que cada mecha carregava um brilho próprio. Ele estava com fones de ouvido, mexendo no caderno como se estivesse compondo alguma coisa. O jeito concentrado dele me fez hesitar por um instante. Parecia que eu tinha invadido um momento que não era meu.

Dei um passo para trás, pronta para fugir discretamente.

Mas então ele levantou o rosto.

E eu… simplesmente travei.

Ele tinha olhos que transmitiam algo raro — uma calma profunda, porém com algo escondido por baixo, como uma nota musical que não se revela completamente até o final da música. Um olhar bonito demais para ser casual. Intenso demais para ser ignorado.

O menino tirou um dos fones, franziu levemente o cenho e disse:

— Ei… você parece perdida.

Corei na hora.

— Ah! D-desculpa, eu… acho que entrei na sala errada.

Ele deu um sorriso pequeno — aquele tipo de sorriso que não é exibido, mas que nasce natural, como se ele estivesse acostumado a acalmar pessoas ansiosas sem esforço nenhum.

— Qual sala você está procurando? — perguntou em tom gentil.

— 2-B — respondi, segurando o papel como se fosse provar minha inocência.

Ele riu baixinho, sem zombar de mim, apenas achando graça da situação.

— Então realmente está perdida. — Ele se levantou, arrumando a gravata com um gesto rápido. — Essa aqui é a 2-E.

Meu rosto queimou.

— Ai… desculpa. É meu primeiro dia.

— Percebi — ele disse, simpático, abrindo a porta para mim sair primeiro. — Vem, eu te mostro onde fica.

Fiquei tão surpresa que só consegui assentir.

Caminhamos pelo corredor, lado a lado. Eu tentava agir normal, mas cada passo parecia ecoar dentro de mim. Ele tinha um jeito sereno, quase protetor, mas sem parecer superior. Era como se o ambiente inteiro ficasse um pouco mais leve perto dele.

— Sou o Chade — ele disse depois de alguns segundos de silêncio confortável. — E você?

Meu coração tropeçou de novo.

— Amy.

— Nome bonito — ele disse de um jeito simples, mas que me deixou completamente boba. — Combina com você.

Se ele falasse aquilo mais uma vez, acho que eu derreteria ali mesmo, no meio daquele corredor cheiroso de madeira e história.

Quando chegamos finalmente à porta certa, ele apontou para a placa:

— Aqui. 2-B. Agora você sobrevive.

Eu sorri, meio tímida, meio agradecida demais.

— Obrigada… de verdade.

Ele deu um passo para trás, como se estivesse se preparando para ir embora, mas parou antes de virar.

— Amy… — chamou, com a voz baixa. — Bem-vinda. Espero que goste daqui.

E foi embora, deixando meu coração completamente fora do ritmo.

Quando entrei na sala, ainda meio atordoada, sentei na primeira carteira que encontrei, tentando

processar tudo. Não sabia exatamente por quê, mas algo dentro de mim sussurrava que aquele encontro não tinha sido por acaso.

Talvez eu estivesse apenas imaginando coisas…

Ou talvez Deus estivesse preparando algo que eu ainda não tinha entendido.

## Capítulo 1

*(Chade)*

Caminhei pelos corredores da universidade, apenas as pessoas haviam mudado, a estava cheia de alunos. Risadas, cumprimentos e passos apressados enchiam o ar. Eu tentava parecer tranquilo, mas meu olhar percorria cada canto, observando veteranos ocupando os lugares mais próximos da sala e novatos se espalhando, tentando achar espaço.

Enquanto isso Minjae, meu melhor amigo, estava quicando uma bola de basquete, correndo em volta de mim e falando algumas coisas que eu não estava prestando atenção. Ele era meu amigo desde nascença, nossas famílias eram bem próximas, meu pai era dono de um hotel, e o pai dele era sócio. Crescemos juntos brincando, correndo e incomodando os hóspedes. Quando estou triste, ele sempre me anima, o Minjae, pra mim, é aquela pessoa que você sabe que pode contar.

— Cara, olha isso — disse Minjae, gesticulando para os grupos de alunos. — Todo mundo parece saber exatamente para onde vai, menos nós.

Suspirei, tentando soar calmo.

— Relaxa. Não é tão difícil. A gente só precisa achar um bom lugar e… sobreviver.

Enquanto caminhávamos, percebi duas meninas, que eu não havia visto no ano passado e provavelmente eram novas, entrando juntas pelo fundo da sala. Uma delas era ruiva, cabelo cacheado, com um penteado que parecia ter sido feito por um cabeleireiro antes da escola. Já a outra menina, cabelos loiros lisos e um sorriso de canto, ambas carregavam cadernos e bolsas, pareciam curiosas e um pouco apreensivas.

Encontraram dois lugares vazios bem na frente da sala de comunicação visual, e se sentaram lado a lado. Ok… novas alunas, pensei, desviando o olhar para não parecer que estava encarando demais. Mas o que elas estariam cursando para esse ano cair na mesma aula que a gente, pensei.

— Ei, olha lá! — disse Minjae, cutucando meu braço. — As novas meninas. Vamos lá dar um oi?

Bufei por dentro. Já chegamos atrasados o suficiente, pensei.

— Sério Minjae?…

— E daí? Um “oi” não vai machucar ninguém. Além disso, não é todo dia que a escola traz novidades interessantes — retrucou Minjae, sorrindo.

Respirei fundo e acabei me aproximando, tentando parecer natural.

— Oi, tudo bem? — disse, tentando controlar o nervosismo. — Sou o Chade, e ele é o Minjae.

Amy sorriu timidamente.

— Oi. Prazer em conhecer vocês.

Minjae olhou para Delilah, tentando disfarçar a curiosidade.

— Então… moda, né? Eu vi o seu crachá e fiquei me perguntando: o que exatamente moda faz por aqui? Só croquis ou tem algo mais secreto envolvido?

Delilah deu uma risadinha, fechando o caderno e colocando o lápis no bolso.

— Ah, tem muito mais que croquis, acredita. A gente lida com modelagens, tendências… é praticamente um laboratório de ideias malucas. E vocês? O que estão fazendo aqui, além de fazer pose com a câmera? — ela disse, com uma piscadinha para Minjae.

Minjae riu, olhando para Chade como se fosse uma autoridade em organização.

— Bom, eu sou de fotografia, e o Chade aqui, além de ser o cara mais sério do campus, é de administração. Ele tem um talento especial para organizar o caos.

Chade, com um sorriso sem mostrar os dentes, olhou para Minjae.

— A única razão de eu ser sério é porque alguém precisa dar conta dessa bagunça. Administrações não se fazem sozinhas, né?

Amy, que estava ouvindo a conversa de canto, não resistiu e entrou na brincadeira.

— Bom, eu sou de moda também, mas, falando sério, eu acho que tanto administração quanto moda têm algo em comum: prazos apertados e uma boa dose de nervos à flor da pele.

Minjae fez uma cara de surpresa, como se fosse um grande mistério.

— Prazos? Mas moda não é só desfile e glam? Achei que fosse mais tipo... "faça o croqui e pronto, é sucesso."

Delilah sorriu, meio irônica.

— Ah, sim, claro. Só que o “faça o croqui e pronto” é seguido de 15 ajustes de última hora, atrasos por causa de tecidos errados e uma boa dose de drama. Nada simples!

Chade olhou para Amy e Minjae, se divertindo com a conversa.

— Eu diria que todos nós estamos apenas tentando organizar o caos, seja com croquis, planilhas ou flashs de câmera. Cada um à sua maneira.

Amy, se apoiando na mesa com um sorriso travesso, fez uma cara de falsa indignação.

— Ah, claro, porque organizar a bagunça de moda é um trabalho simples... Chade, você nunca tentou lidar com tecido que não faz o que você quer, né? Aí sim você ia ver o que é organização!

Minjae riu alto, e Chade deu de ombro, como se se entregasse ao drama da moda.

— Tá bom, tá bom. Acho que tem um caos universal em todas as áreas. No fim, a gente só tenta sobreviver.

O som da porta se fechando atrás da professora ecoou como um comando invisível. O burburinho diminuiu pouco a pouco, até restar apenas o arrastar de cadeiras e tosses ocasionais. A presença dela preenchia o espaço. Era dessas professoras que não precisavam levantar a voz: a postura, o olhar firme, já bastavam.

Colocou uma pilha de cadernos sobre a mesa, alinhou-os com cuidado exagerado, como se cada detalhe fosse calculado, e só então se virou para nós.

— Bom dia.

A resposta da turma veio mansa, meio desordenada:

— Bom dia.

Eu ajeitei meu caderno sobre a carteira, tentando parecer ocupado, mas na verdade só me distraía para não encarar Amy, que ainda ajustava a alça da bolsa ao lado. Minjae, sentado atrás de mim, batucava com os dedos na madeira, como se fosse uma bateria.

A professora caminhou lentamente até o quadro. Escreveu o próprio nome com letra grande e firme.

— Antes de qualquer conteúdo, quero propor algo. Vocês vão se organizar em duplas. — Pausou,

encarando a sala com olhos estreitos. — Mas não com seus melhores amigos.

Um murmúrio correu entre os alunos, como uma onda inevitável.

— Quero que conversem com alguém novo. Vocês terão que descobrir cinco coisas sobre a pessoa, anotar, e depois apresentar. Simples.

Suspirei por dentro. Eu odiava esse tipo de exercício. Mas, antes que pudesse me preparar, Vanessa — com aquele jeito dela mesmo, se inclinou sobre a carteira, sorrindo como quem já tinha vencido o jogo.

— Chade, quer fazer dupla comigo? — disse, ajeitando o cabelo e piscando de leve.

Eu pigarreei, tentando parecer educado.
— Acho que a professora disse pra fazer com alguém que a gente não conhece, né? — respondi, meio sem graça.

Ela franziu os lábios, claramente contrariada, e se virou para o lado.

Foi então que Amy se aproximou. Não foi uma hesitação longa; foi uma decisão calma, como quem já sabia a resposta.
— Quer… fazer dupla comigo? — perguntou, baixinho, quase tímida.

Meu coração disparou. Eu quase ri de nervoso, mas apenas balancei a cabeça.
— Claro, senhorita Amy.

Arrastei minha carteira para perto dela. O barulho do ferro contra o chão pareceu mais alto do que deveria, como se todos estivessem nos observando. Amy sorriu de leve, e esse gesto simples bastou para me deixar mais consciente da minha respiração.

Enquanto isso, vi Minjae levantar as sobrancelhas para mim e, sem pensar duas vezes, virar-se para Delilah.

— Então parece que a gente vai ser dupla, né?

Delilah o olhou de cima a baixo, como quem avalia uma proposta antes de aceitá-la.

— Parece.

Minjae sorriu satisfeito, como se tivesse acabado de vencer um jogo.

Eu, por outro lado, me obriguei a focar em Amy.

— Bom senhorita,… cinco coisas. Você quer começar?

Ela girou a caneta entre os dedos, pensativa, e apoiou o queixo na mão antes de falar.

— Tá. Um: eu amo literatura clássica. Jane Austen, Shakespeare, essas coisas. Dois: gosto de desenhar roupas, principalmente vestidos. Três: aprendi francês quando tinha doze anos. Quatro: adoro animais, principalmente gatos. E cinco… tenho medo de altura.

Ela riu ao final, como se fosse uma confissão embaraçosa.

— Então nunca vou te chamar pra uma roda-gigante.
— Falei, sem pensar.

Ela arregalou os olhos por um instante, surpresa com a resposta rápida, e depois riu de novo, cobrindo a boca com a mão.

— Sua vez. — disse, empurrando levemente o caderno na minha direção, como quem dizia “sua responsabilidade agora”.

Respirei fundo.

— Um: eu toco piano desde pequeno. Dois: consigo decorar mapas com facilidade. Três: odeio filmes de terror. Quatro: sou competitivo em qualquer jogo. E cinco… gosto de acordar cedo pra ver o nascer do sol.

Amy inclinou a cabeça, surpresa.

— Isso é incomum. Mas… bonito.

Desviei os olhos, sem jeito.

— É só silêncio.

Ela anotou com uma letra pequena e delicada, como se estivesse registrando algo mais importante do que simples curiosidades.

Do outro lado, Minjae já fazia barulho.

— Um: eu jogo basquete. Dois: como mais do que três pessoas juntas. Três: já quase derrubei uma estátua caríssima no hotel do meu pai. Quatro: eu sou especialista em entrar em encrenca. E cinco… aturo o Chade desde que nasci, o que já devia contar como um superpoder.

A sala explodiu em risadas. Delilah, que até então permanecia mais séria, deixou escapar um sorriso rápido, contido, mas genuíno. Eu conhecia Minjae: ver esse riso já seria combustível suficiente para ele continuar tentando a semana inteira.

A professora, com a calma de sempre, bateu palmas.

— Muito bem. Agora, algumas duplas vão apresentar em voz alta.

Um frio percorreu minha espinha. Claro que ela não deixaria passar sem expor alguém. E não demorou.

— Amy e Chade. Vamos começar com vocês.

Senti minhas mãos suarem. Amy, porém, levantou-se com naturalidade, segurando o papel com firmeza. Sua voz saiu clara, mesmo que suave:

— O Chade toca piano desde pequeno, decora mapas com facilidade, odeia filmes de terror, é competitivo em jogos e… gosta de acordar cedo para ver o nascer do sol.

A sala reagiu com um “oooh” coletivo, seguido de algumas risadinhas. Senti minhas orelhas

queimarem, mas Amy sorriu de forma sincera, sem zombaria.

Minha vez. Levantei-me meio desajeitado.

— A Amy ama literatura clássica, gosta de desenhar vestidos, fala francês, adora gatos… e tem medo de altura.

Alguns riram, Minjae fingiu cair da cadeira em choque, e Amy escondeu o rosto por um instante, rindo envergonhada.

Logo depois, foi a vez de Minjae.

— A Delilah desenha desde criança, toca violino, já morou em três países, odeia refrigerante… e é péssima em matemática.

A turma caiu em gargalhadas, mas Delilah sustentou o olhar, como se dissesse: não é mentira.

A professora assentiu.

— Excelente. É disso que falo: conhecer além da superfície.

Continuaram as apresentações, mas eu mal prestava atenção. Meu olhar ia e voltava para Amy, que mordia a tampa da caneta quando estava distraída, rabiscava margens do caderno com flores pequenas e, às vezes, erguia os olhos rapidamente, só para desviá-los logo em seguida.

Ao mesmo tempo, Minjae gesticulava animado para Delilah, que não ria de tudo, mas ouvia. Atenta.

Era quase estranho ver alguém conseguir mantê-lo focado.

A professora voltou a bater palmas.

— Silêncio. Esse ano teremos um projeto especial. Trabalho em grupo, interdisciplinar, que vai durar meses. Vai exigir convivência, união e criatividade.

Alguns resmungaram, outros bufaram.

— As duplas que formaram hoje podem ser o início desses grupos. Guardem bem quem esteve ao seu lado. Talvez essa parceria dure mais do que imaginam.

Um silêncio pesado pairou. Não sei se era expectativa ou nervosismo. Olhei para Amy, e ela também olhou para mim. Foi rápido, tímido, mas havia algo ali, algo que eu não conseguia nomear.

Minjae, por sua vez, falava sem parar com Delilah, que, para minha surpresa, não parecia incomodada. Ela só o observava, como quem estuda alguém antes de decidir se vale a pena.

O sinal ainda não tinha tocado, mas o ar já parecia carregado de novidades. Eu sentia, no fundo, que aquele ano não seria apenas mais um

## Capítulo 2

*(Amy)*

O tempo parecia alternar entre momentos lentos e rápidos, e eu não conseguia evitar prestar atenção em tudo ao mesmo tempo.

Quando finalmente o sinal tocou, indicando o recreio, me levantei, sentindo uma mistura de alívio e ansiedade. Segui Delilah para fora da sala, buscando um lugar tranquilo. Encontramos um banco à sombra de uma árvore, e nos sentamos, respirando fundo.

Suspirei.

— Vanessa, né?
Delilah arqueou a sobrancelha.

— Ela mesma. A princesa da facul. Mimada, perfeitinha e completamente obcecada pelo Chade.

— Ah… então é por isso que ela ficou me fuzilando com o olhar.

— Exatamente. Ela gosta de ser o centro da atenção dele. E ele, coitado, é educado demais pra dar um fora direto. Mas acredite, Vanessa não está acostumada a dividir o palco.

— Eu nem fiz nada. Só sentei do lado dele.

— E isso já foi o bastante, disse Delilah, rindo. — Ela vai surtar internamente por dias.

Ficamos um momento em silêncio, observando o movimento do pátio.
Depois de um tempo, Delilah se inclinou pra mim e falou:

— E aí? Gostou de ser dupla do garoto mais misterioso da turma?

— Não é bem assim… — ri, sentindo o rosto esquentar. — Ele só parece… diferente. Gentil, talvez. Tranquilo.

— É, ele tem esse jeito calmo que engana. Parece que tá sempre no próprio mundo. Mas… não sei. Acho que ele nota tudo.

— Você acha que Vanessa vai implicar comigo?
Delilah deu um meio sorriso.

— Acho que ela vai tentar. Mas relaxa. Todo mundo tá curioso sobre você. Até o próprio Chade, pelo visto.

Sorri, sem saber o que responder. O vento bagunçou um pouco meu cabelo e, por um instante, tudo pareceu mais leve.

Mas o momento se quebrou quando vi Vanessa vindo em nossa direção.
Ela andava rápido, os passos firmes, o queixo erguido.

— Oi, Delilah. Oi… Amy, né? — disse, com um sorriso forçado.

— Oi. — respondi, tentando ser educada.
Vanessa cruzou os braços.

— Então… você é a nova aluna que sentou com o Chade. Interessante. Normalmente ele não deixa ninguém sentar ao lado dele.

Senti o tom oculto nas palavras.
Delilah, percebendo, respondeu antes que eu pudesse:

— Ah, é? Acho que ele não se importa tanto quanto você pensa, né, Vanessa?
Vanessa estreitou os olhos, mas manteve o sorriso.

— Claro. Só achei… curioso. — E deu meia-volta, indo embora com o mesmo gingado confiante de quem precisa ser vista.

Ficamos olhando ela se afastar.
Delilah bufou.

— Tá vendo? Mimadinha até o último fio de cabelo. Não liga pra ela.
Ri, aliviada.

— Nem pretendo.

Sorri, agradecida por ter Delilah ali.

— É… ter você aqui faz uma diferença enorme.

Ela bateu levemente no meu ombro.

— Sempre. A gente se entende, né?

Ficamos um instante observando o pátio: alunos correndo, conversando, alguns sentados em grupos, outros caminhando apressados. O barulho parecia menos sufocante agora, quase divertido.

— E o que você achou da aula? — perguntei, curiosa. — Eu fiquei tentando prestar atenção, mas parecia que cada vez que olhava ao redor, algo novo acontecia.

Delilah sorriu, lembrando-se de momentos da aula.

— Eu também. Minjae é… imprevisível. Ele não para quieto um minuto, e a professora precisa constantemente chamar atenção. Mas ele é

engraçado, e eu sei que você deve ter notado como ele fica me observando.

Ri.

— Sim, ele parece não conseguir disfarçar.

Ficamos conversando sobre a aula, comentando detalhes engraçados e esquisitos: o menino que comia salgadinho com garfo, colegas que falavam sem parar, pequenos gestos que mostravam a personalidade de cada um. Delilah me contou suas percepções sobre Minjae, sobre como ele provavelmente ia aprontar o ano inteiro, e sobre as pequenas rivalidades e amizades da turma.

A conversa fluía naturalmente, sem pressa, cheia de risadas e pequenos comentários sarcásticos sobre a escola. Era como se, mesmo depois de horas de nervosismo, pudéssemos finalmente relaxar e compartilhar observações que ninguém mais notaria.

E, no final, eu me senti leve. Não que tudo estivesse resolvido, mas havia uma sensação de pertencimento: minha melhor amiga estava comigo, eu já começava a perceber padrões e personalidades na sala, e mesmo que tudo fosse novo e estranho, parecia que o primeiro dia tinha começado bem.

E naquele instante, sob a sombra da árvore, com a conversa fluindo naturalmente, eu sabia que aquela amizade, aquela observação do novo e toda aquela confusão de um primeiro dia, era apenas o começo de algo grande. Então eu levantei os olhos e vi um garoto se aproximar. Alto, mochila desbotada,

cabelo castanho meio bagunçado e um jeito calmo… diferente.

Chade

Ele parou ao nosso lado, com um sorriso meio tímido, mas daqueles que aquecem o peito.

— Boa tarde senhoritas… vocês se importam? — perguntou.

Delilah deu de ombros.

— Pode sentar.

Ele se sentou ao meu lado, sem cerimônia, e puxou um sanduíche da mochila. Começou a comer devagar, sem falar nada. Fiquei em silêncio também, mas por dentro… sei lá. Era como se o tempo tivesse diminuído a velocidade.

Depois de uns segundos, ele me olhou.

— Ei, você é a senhorita Amy, né? — disse ele, inclinando-se levemente, com aquele jeito meio curioso de sempre.

— Sou… — respondi, surpresa por ele me abordar assim mesmo já me conhecendo, então respondi devagar novamente assentindo com o que ele havia dito— Amy.

Ele sorriu, mas era diferente do sorriso casual de sempre, parecia mais sincero, quase cuidadoso.

— Chade — disse ele, estendendo a mão de leve. — Prazer de novo.

Quando o Chade sentou ao nosso lado, eu tentei parecer tranquila… mas por dentro, eu estava longe disso. Ele tinha aquele jeito meio calmo, meio distante, que me deixava ainda mais consciente dos meus próprios movimentos. E, por algum motivo que eu não entendia direito, eu não queria parecer idiota na frente dele.

— É bom ver que você já tá se acostumando com a escola — ele comentou.

Tentei não transparecer minha confusão interna, mas a verdade escapou antes que eu pudesse controlar:

— Ainda acho tudo meio grande demais. Mas eu tô tentando.

Delilah, do meu lado, caiu na risada.

— Ela quase entrou na sala dos professores achando que era a nossa.

— DELILAH! — protestei, batendo de leve nela com o ombro. — Eu juro que parecia o corredor certo!

Os dois riram. E, sinceramente? O riso deles juntos era tão… natural. Quente. Como se eu fizesse parte de algo sem precisar me esforçar.

— Você entrou mesmo? — Chade perguntou, ainda rindo.

Revirei os olhos, mas já estava sorrindo também.

— Entrei. Com a maior confiança do mundo, inclusive. Aí dei de cara com três professores me olhando como se eu tivesse invadido outro planeta.

Ele perguntou o que eu tinha feito. E eu só consegui lembrar da vergonha.

— Pedi desculpa. E saí tão rápido que quase perdi o sapato.

Delilah completou, toda orgulhosa:

— A parte mais engraçada é que o Chade salvou ela depois.

Meu coração quase parou. Eu tinha esquecido COMPLETAMENTE daquele momento.

— Ai, meu Deus…

Ele disse que não foi nada. Que só me mostrou o caminho certo. Mas, pra mim, tinha sido muito mais do que isso.

— Pra você não foi nada — falei baixinho. — Pra mim foi tipo… salvação.

Quando ele desviou o olhar, tentando esconder um sorriso… eu senti o rosto inteiro esquentar. Como é que alguém podia ser tão… simples e tão diferente ao mesmo tempo?

Delilah se afastou para ir à cantina, e de repente ficou só eu e ele. O silêncio não era desconfortável, mas era cheio. Como se tivesse algo ali… crescendo devagar.

Fiquei mexendo na mochila só pra não parecer que eu estava... sei lá... nervosa.

Ele percebeu.

— Você tá bem?

Assenti, mas ficava difícil colocar em palavras.

— É só que... tudo é muito novo. Mas hoje... hoje foi menos assustador do que eu imaginei.

Ele me olhou daquela forma tranquila, profunda, que fazia eu querer continuar falando.

— E por quê?

Respirei fundo, tentando não parecer intensa.

— Porque você e a Delilah estavam lá. Isso ajudou a não parecer tão... sozinha.

Foi honesto. Verdadeiro. E eu vi no sorriso dele que ele entendeu isso.

E aquilo bastou.

## Capítulo 3

*(Chade)*

O pátio já estava quase vazio quando terminei meu suco de caixinha e me levantei do banco. O sol batia de lado, iluminando a grama e refletindo nas janelas da escola, espalhando pequenas faixas de luz pelo corredor que levava à entrada do prédio principal. Segurei a garrafa vazia, ajeitei a mochila nas costas e olhei para Amy, que ainda estava sentada, observando tudo com aqueles olhos atentos e curiosos que pareciam querer registrar cada detalhe sem dizer uma palavra.

— Quer que eu te mostre locais secretos dos Sêniors? — perguntei, tentando soar casual. — Prometo que não vou te perder no caminho.

Ela piscou algumas vezes, surpresa.

— Ah… sério? Achei que você só viesse aqui pra sentar e comer em paz — disse, meio tímida, mexendo nos cachos com a ponta dos dedos

— Comer em paz é mais divertido quando alguém ri das suas piadas ruins — retruquei, e ela soltou uma risadinha baixa que me fez sentir algo leve no peito, um calor bom, tranquilo.

Caminhamos juntos pelo corredor do segundo andar. O eco dos nossos passos misturava-se ao som distante de um aviso de aula ainda tocando, e a luz dourada do fim de tarde atravessava as janelas, iluminando azulejos claros, cartazes de projetos antigos e o canto onde a parede estava marcada com pequenos desenhos e assinaturas de anos passados. Então comecei a mostrar os cantos mais calmos: a biblioteca do prédio 2, onde o silêncio é absoluto e mais reconfortante; e o pequeno jardim interno, com bancos de madeira já desgastados pelo tempo.

— Eu sempre gostei de lugares assim — disse Amy, observando o jardim — onde dá pra pensar e ficar quieta.

— Eu também — falei — às vezes fico horas na biblioteca ou no jardim, só refletindo. É como se o mundo desacelerasse. Penso que mesmo nos momentos mais silenciosos, quando ninguém percebe ou entende, Deus está presente. Para mim, a música é minha forma de conversar com Ele.

Ela inclinou a cabeça, curiosa:

— Música… você fala sério?

— Sim — respondi — cada nota, cada melodia, é como uma oração que ninguém precisa ouvir, mas que faz sentido para mim e para Deus.

Ela sorriu baixinho.

— Então você acha que Deus se importa até com coisas pequenas, como meu jeito de pensar ou de sentir?

— Mais do que podemos imaginar — falei, olhando ao redor do corredor, para os azulejos, os cartazes, o brilho do sol filtrado pelas janelas — Ele se importa com o que ninguém mais nota. Até com pequenas gentilezas, pensamentos ou palavras que ninguém vê.

Ela riu baixo, e o sorriso dela parecia uma melodia silenciosa que só nós dois podíamos ouvir.

— Conversar assim com você faz tudo parecer mais fácil de entender.— ela comentou sorrindo.

— É porque prestamos atenção — respondi, sorrindo de leve — e quando prestamos atenção, até o silêncio pode ensinar alguma coisa.

Ela olhou para mim com aquele sorriso pequeno e sincero, e seguimos caminhando, lado a lado, falando de pequenas coisas e grandes ideias. Cada palavra, cada gesto, cada pausa parecia escrever algo só nosso.

Amy caminhava ao meu lado, ainda segurando a alça da mochila com as duas mãos. Ela parecia guardar perguntas atrás dos olhos, mas hesitava em soltá-las.

— Posso te perguntar uma coisa? — ela disse baixinho.

— Pode.

— A Delilah falou que vocês vão pra igreja… e eu fiquei pensando nisso.

Eu parei de mexer no cabelo, prestando atenção.

— Pensando como?

Ela respirou fundo.

— Eu nunca tive um lugar assim. Um lugar que… sei lá… parecesse seguro. E vendo vocês falarem, parece que a igreja é esse lugar.

Eu sorri de leve, mas não daquele jeito automático. Sorri porque ela estava abrindo algo dela, e Amy não fazia isso com qualquer um.

— Posso te contar uma coisa? — perguntei.

Ela assentiu.

— A igreja não é um lugar — falei devagar. — Não é o prédio, nem as cadeiras, nem o palco. Se tudo isso sumisse… ainda existiria igreja.

Amy franziu o cenho, curiosa.

— Como assim?

— Igreja são as pessoas — expliquei. — Pessoas que se reúnem pra buscar a Deus, aprender, crescer juntas… tropeçar juntas também. É como uma família, mas daquelas que você escolhe ficar perto.

Amy ficou em silêncio por um momento.

Ela parecia absorver palavra por palavra.

— Então… você se sente seguro por causa das pessoas? — perguntou.

— Também — respondi. — Mas principalmente porque quando a gente tá ali, junto, é como se Deus lembrasse a gente que não tá sozinho. Que tem gente pra apoiar, pra ouvir, pra orar junto… até pra rir e chorar junto.

Ela olhou para frente, pensativa.

— Isso parece bonito — murmurou. — Parece… diferente do que eu imaginava.

— Você pode ir com a gente, se quiser — falei, sem hesitar. — E eu te explico tudo. Não precisa saber nada, nem fazer nada. Só… estar ali. Com a gente.

Ela levantou os olhos devagar, como se aquela simples frase tivesse destravado algo dentro dela.

— Eu quero — disse. — Não sei por quê… mas quero.

Meu peito se apertou num jeito bom, aquele aperto que só vinha quando algo importava de verdade.

— Então vai ser especial — falei.

Amy sorriu. Pequeno, discreto, mas cheio de luz.

Falamos sobre música, desenho, e como cada gesto poderia ser uma forma de louvor silencioso, e como os detalhes mais pequenos de nossas vidas tinham significado.

Subíamos os degraus no meio da confusão do corredor, todos correndo ou apressados para pegar um bom lugar na próxima aula. Mochilas se esbarrando, gritos e passos apressados criavam uma

espécie de caos, mas ao lado de Amy, o mundo parecia reduzir-se apenas à nossa presença.

— Então… você compõe? — perguntou ela, inclinando a cabeça. Os olhos brilhando de curiosidade, e eu notei um leve rubor subindo nas bochechas. Havia uma sinceridade genuína naquela pergunta, como se quisesse realmente entender algo que fosse só meu.

— Às vezes. Depende do que eu tô sentindo. Tem dias que só toco e deixo o som falar por mim — respondi, tentando soar tranquilo, embora meu coração batesse mais rápido do que o normal. Ela assentiu, sorrindo de leve, e aquele sorriso, mesmo pequeno, parecia preencher cada canto do corredor barulhento.

— Eu faço isso com desenhos. Ou playlists. Crio uma pra cada sentimento — disse ela.

— Tipo… “Playlist: estou quase chorando mas finjo que tô bem”? — brinquei, e percebi a leve risada dela ecoando dentro de mim de um jeito que eu não esperava.

— Exatamente essa. E uma chamada “esperando algo que nem sei o quê” — respondeu ela, rindo. Meu peito se aqueceu; havia algo em sua forma de falar que me deixava completamente atento, como se cada palavra tivesse peso e significado só para nós dois.

Nossos olhares se cruzaram por mais tempo do que o normal. Por um instante, o barulho do corredor desapareceu. Eu senti algo estranho: uma mistura

de calma e tensão, de curiosidade e expectativa. Era como se o tempo tivesse desacelerado, só para que aquele momento fosse registrado.

Então aconteceu.
Um movimento rápido ao lado — Vanessa passou apressada, o salto batendo firme no chão. O esbarrão em Amy foi sutil.

Amy tropeçou, perdendo o equilíbrio, e meu corpo reagiu antes mesmo de eu entender o que estava acontecendo. Meus braços se estenderam, segurando-a firme. Ela caiu contra meu peito, quente, próxima demais. Senti o coração disparar, como se quisesse escapar dali e contar pra todo mundo que aquele instante importava.

— Você tá bem? — perguntei, sem conseguir desviar o olhar.

— Sim… obrigada — respondeu ela, ainda trêmula, a voz fraca e doce.

Por um segundo, o mundo inteiro pareceu se calar. Era só ela e eu.

Mas quando Amy se afastou, o feitiço se quebrou. Vanessa estava parada alguns passos adiante, com um sorriso congelado no rosto — o tipo de sorriso que não chegava aos olhos. Ela cruzou os braços, observando a cena com aquele brilho de desagrado que não se disfarça.

— Nossa… que cena de filme — murmurou, quase inaudível, antes de virar o rosto e seguir adiante, o som dos passos ecoando pelo corredor.

Eu a acompanhei com o olhar por um instante, depois voltei para Amy.
E, pela primeira vez, tive certeza de que aquele trabalho em dupla não seria nada simples.

Quando finalmente a soltei, Amy se ajeitou rapidamente, tentando disfarçar, mas o rubor nas bochechas dizia mais do que qualquer palavra poderia.

Amy ainda ajeitava a alça da mochila quando notei que seu olhar ficou preso no corredor, onde Vanessa havia desaparecido. O silêncio entre nós parecia carregado, como se palavras não ditas ecoassem no ar.

— Ela é… sempre assim? — perguntou Amy, finalmente, com a voz baixa, mas curiosa.

— Vanessa? — repeti, coçando a nuca. — É… mais ou menos. Ela tem um jeito difícil, às vezes.

Amy inclinou a cabeça, tentando parecer despreocupada, mas havia um brilho genuíno de curiosidade em seus olhos.
— Vocês se conhecem há muito tempo, né?

Assenti devagar.
— Desde pequenos. Nossos pais eram colegas de faculdade — e depois acabaram trabalhando juntos por um tempo. Então, inevitavelmente, crescemos meio lado a lado.

— Ah… — ela murmurou, o tom misto de surpresa e algo que parecia… cuidado.
— É tipo… amizade de infância, então.

— Sim. — dei um meio sorriso. — Sabe aquelas pessoas que simplesmente sempre estiveram por perto? Vanessa é assim. Nossas famílias viajavam juntas, estudávamos em escolas próximas, e agora… ela acabou vindo pra cá também.

Amy desviou o olhar por um instante, olhando para o chão brilhante do corredor, onde a luz do sol se refletia.
— Então ela te conhece bem.

— Conhece uma parte de mim. — pausei um pouco antes de continuar. — Mas, com o tempo, as pessoas mudam, né? A gente vai descobrindo quem é de verdade e quem só gosta de estar por perto quando tudo parece fácil.

Amy levantou o olhar, atenta.
— E ela… gosta de você? — a pergunta saiu meio rápida demais, como se tivesse escapado.

Sorri, sem ironia, mas com aquele tipo de sorriso que carrega mais compreensão do que resposta.
— Acho que ela se acostumou a ter minha atenção. Só que carinho antigo não é o mesmo que sentimento novo.

Amy piscou, meio sem saber o que dizer.
— Entendi.

— Ela não é uma pessoa ruim, sabe? Só... foi criada pra achar que o mundo gira em torno dela. — continuei, com calma. — E quando algo foge do que ela quer, é difícil aceitar.

Amy mordeu o lábio, pensativa.
— Por isso ela pareceu irritada quando eu sentei com você.

Assenti, com um suspiro leve.
— Talvez. Mas não deixa isso te afetar. Não foi nada de mais, e a Vanessa também vive cercada de gente. Às vezes, pessoas assim não sabem como reagir quando alguém novo aparece.

Houve um silêncio breve, mas confortável. O som distante de risadas e passos ecoava pelo corredor. Amy mexeu em um cacho de cabelo e falou baixinho:
— Engraçado… você fala dela com paciência.

— Porque paciência é o que a gente deve a quem ainda não aprendeu a sentir de verdade. — respondi, olhando pela janela, onde o sol começava a se inclinar para o fim da tarde. — E porque, por mais complicado que pareça, eu acredito que cada um tem seu tempo pra entender o que realmente importa, Deus vai tratando com cada um de uma vez.

Amy me observou em silêncio por alguns segundos, e então sorriu — aquele sorriso pequeno, cheio de significado.
— Você tem um jeito estranho de ver as pessoas, Chade. Um jeito bonito, mas estranho.

Ri, desviando o olhar.
— Talvez. Ou talvez eu só aprendi a ouvir o que os outros não dizem.

Ela riu também, e o som da risada dela dissipou a tensão do momento.

O pátio lá fora já estava quase vazio, a luz dourada escorrendo pelas janelas, e tudo parecia mais calmo — como se o mundo inteiro estivesse exalando um suspiro longo e tranquilo.

— Então… quer continuar o tour, ou prefere fugir antes que a próxima história de corredor comece? — brinquei, tentando quebrar o clima intenso.
— Depende. Vai me segurar se eu tropeçar de novo? — ela respondeu, arqueando a sobrancelha, com um sorriso brincalhão.

— Prometo tentar.

No fundo, pensei comigo mesmo: se isso era só o primeiro dia, o que mais poderia acontecer? Cada pequeno gesto dela me parecia importante, cada olhar, cada risada, cada suspiro. Uma mistura de admiração, carinho e algo que eu ainda não conseguia nomear preenchia meu peito, e uma parte de mim queria que aquele instante durasse para sempre, sem precisar de palavras, apenas sentimentos compartilhados

## Capítulo 4

*(Delilah)*

O treino continuava na quadra, o som da bola ecoando como um metrônomo insistente. Eu permanecia sentada na arquibancada, o caderno aberto no colo, fingindo desenhar — traços soltos, desconexos, só para ter algo entre as mãos.

Do outro lado, Minjae ainda brincava com os amigos, e o sol entrava em faixas pelo vidro alto do ginásio. Tudo parecia normal, até que risadas conhecidas se espalharam pelo ar.

Vanessa.

Ela apareceu com o grupo de sempre, subindo alguns degraus acima de mim. Reconheci a voz antes mesmo de vê-la — firme, alta, sempre um pouco performática.

— Gente… olha só quem resolveu se sentar do lado do Chade. — O tom dela tinha aquele tipo de doçura que machuca nas bordas.
As outras meninas se inclinaram, curiosas.

— Ela é… simpática — disse uma das garotas, num tom de quem tenta apaziguar.
Vanessa deu uma risadinha curta. — Simpática demais, talvez. Você viu como ela olha pra ele? Parece que já o conhece faz tempo.

Outra voz respondeu, meio rindo:
— Ou talvez o Chade que esteja aproveitando a recepção calorosa.
Vanessa fez silêncio por um instante — e esse silêncio disse mais do que qualquer frase.

Eu podia imaginá-la com aquele olhar calculado, o meio sorriso no rosto, tentando disfarçar o

incômodo. Vanessa não gostava de perder espaço, ainda mais com Chade por perto.
Eles tinham uma história de quase — quase algo, quase namoro, quase confissão. E às vezes o quase pesa mais que o tudo.

— Ridículo — murmurou ela, por fim. — Aposto que ele só tá sendo gentil. Ele é assim com todo mundo.
Mas a rigidez da voz a traía.

As amigas riram, meio sem graça, tentando manter o clima leve, mas o desconforto pairou no ar como poeira iluminada pela luz.

Eu fiquei em silêncio, escutando sem querer escutar. Uma parte de mim entendia o que ela sentia — aquela mistura de raiva e vulnerabilidade que vem quando alguém ocupa o espaço que você achava que era seu.
Mas outra parte só observava, curiosa, quase triste, como quem assiste a uma cena que não pode mudar, só pela oração.

Fiquei olhando o desenho incompleto no meu caderno — linhas que não formavam nada — e percebi que o clima ao meu redor tinha mudado, mesmo que ninguém dissesse abertamente.
Era como se cada risada, cada olhar, cada silêncio, carregasse uma tensão nova, invisível, mas impossível de ignorar.

Meu pensamento ainda vagava pelos acontecimentos do dia, misturando curiosidade, ansiedade e aquela sensação estranha de estar entre o conhecido e o novo. As vozes e passos ao redor se tornavam apenas pano de fundo, como uma música

distante. O caderno parecia mais um suporte para minha mão do que uma ferramenta real de desenho.

Então uma bola quicou pelo chão, parando bem aos meus pés. Levantei os olhos e quase engasguei ao reconhecer o garoto correndo atrás dela, cabelos pretos curtos e sorriso largo, com aquele jeito despreocupado de quem parecia não se incomodar com nada.

— Ah, então foi parar aí! — disse ele, segurando o fôlego e sorrindo como se tivesse acabado de descobrir um tesouro perdido. — Obrigado por salvar a fugitiva.

Segurei a bola, arqueando uma sobrancelha, tentando aparentar indiferença. — Eu não sei se fui tão heroica assim… — falei, mas por dentro ria.

Ele riu alto, espalhando energia ao redor. — Ai, isso doeu aqui dentro! — disse, apontando para o peito dramaticamente. — Eu juro que sou melhor do que parece.

Eu não podia deixar de reparar na naturalidade com que ele se movia, girando a bola nos dedos, tentando parecer descontraído. Era impossível não ficar curiosa sobre aquele garoto que parecia sempre encontrar uma maneira de fazer tudo parecer divertido.

— Então ainda há esperança? — perguntei, inclinando a cabeça, um pouco divertida com a teatralidade dele.

— Sempre — respondeu, segurando a bola contra o corpo.

Ele sorriu de um jeito que fez meu coração acelerar por uma fração de segundo, mas rapidamente mudei o foco para o que estava ao nosso redor, tentando parecer normal.

—Então, Delilah Borjuar, tem mais algum hobbie chique, ou só desenho?

— Violino — Respondi, sorrindo

Ele fez um gesto dramático, como se tivesse acabado de desvendar o maior mistério do universo. — Então é por isso que você parece tão concentrada o tempo todo. Aposto que desenhar é sua arma secreta.

— Talvez — falei, tentando não rir. — E você? Só basquete?

— Basquete, correria, trapalhadas… — respondeu ele, rindo de si mesmo. — Mas olha, posso te mostrar umas coisas. Tipo… truques de bola. Nada sério, prometo.

Levantei uma sobrancelha, surpresa com a naturalidade e a confiança dele. — Truques de bola?

— Sim! — disse, como se estivesse revelando o maior segredo do universo. — Se você quiser, posso te ensinar. Ou pelo menos tentar não errar feio e te fazer rir no processo.

Meus lábios se curvaram num sorriso involuntário. — Hm… talvez eu aceite — falei, curiosa.

— Então está combinado! — disse ele, animado. — Mas antes, me conta: violino ou desenho, qual é

mais difícil de aprender? Preciso saber se vou precisar praticar truques de bola ou aprender a apreciar a arte.

— Difícil? — perguntei, pensando. — Depende. Violino exige disciplina, mas desenho exige paciência e atenção aos detalhes. Acho que você precisaria de ambos para acompanhar.

Ele fingiu anotar mentalmente e depois riu. — Então estou ferrado. Mas tudo bem. Adoro desafios.

Por alguns segundos, ficamos em silêncio, apenas nos observando. Eu percebia cada detalhe dele, o jeito que segurava a bola, o leve arqueamento das sobrancelhas quando pensava em algo, o sorriso que surgia sem esforço. Havia algo curioso na forma como ele parecia genuinamente interessado em entender o mundo ao redor, mesmo em coisas pequenas.

— Quer dizer… se você não tiver nada pra fazer depois das aulas, podemos ir até o pátio da escola. Posso te mostrar umas jogadas e, quem sabe, você me mostra algum desenho seu — disse, piscando meio tímido, meio confiante.

Senti uma pontada de receio misturada a curiosidade. — Pode ser, mas tem que ser depois das 16h, tenho alguns compromissos com o Senhor depois das aulas. — respondi, surpresa por aceitar tão rapidamente. — Mas só se você prometer não fazer vergonha na frente da bola.

— Uhm, claro, eu também. Prometo! — disse ele, sério, mas com aquele sorriso que fazia qualquer promessa parecer verdadeira.

Enquanto ele se afastava para devolver a bola à quadra, fiquei sentada, observando seus passos e o movimento natural que ele tinha. Aquele encontro breve, mesmo com brincadeiras e leveza, tinha deixado uma marca curiosa no meu dia.

Fiquei refletindo sobre a conversa enquanto o via brincar com a bola. Havia algo reconfortante naquele jeito despreocupado, mas também admirável. Ele era confiante sem precisar se impor, brincalhão sem ser infantil. Era curioso, rápido, mas ao mesmo tempo parecia prestar atenção em cada detalhe, como se enxergasse muito mais do que apenas a superfície.

Lembrei de hohje mais cedo, e como ele sempre conseguia arrancar risadas de qualquer situação. A diferença agora era que eu sentia que havia algo mais, mesmo que não fosse romântico, apenas um reconhecimento silencioso de que nossa amizade tinha camadas mais profundas.

O sol batia de lado, e a quadra vazia refletia a luz nos seus cabelos e na bola, como se tudo ao redor estivesse desenhado para aquele instante.

Ele tentou um truque com a bola, girando-a no dedo, e eu ri, sem perceber, observando a concentração dele misturada à alegria.

— Sabe, você realmente se diverte com qualquer coisa, não é? — falei, ainda sorrindo.

— Depende do público — respondeu ele, piscando para mim de forma exagerada. — Mas com você… é divertido de verdade.

Eu observei enquanto ele demonstrava outro truque, a bola quicando entre mãos habilidosas e passos calculados. Quase parecia uma dança improvisada, cheia de ritmo e leveza.

— Eu poderia passar horas vendo isso — falei, quase sem perceber, porque havia algo hipnotizante naquele jeito que ele se movia.

— Acredite, há dias que faço isso sozinho, e parece nada — disse ele, sorrindo. — Mas quando tem alguém interessado, muda tudo.

Sorri para ele, tentando não demonstrar que meu coração estava acelerado. Era bobo, mas havia algo na atenção que ele me dava que me deixava curiosa e confortável ao mesmo tempo.

— E quando não está jogando basquete, o que faz? — perguntei.

— Muitas coisas — disse, erguendo os ombros — mas gosto de observar as pessoas. Parece bobo, mas você aprende muito só prestando atenção.

Eu balancei a cabeça, achando engraçado como ele conseguia transformar algo simples em algo interessante.

— Então você presta atenção em tudo? — perguntei, meio brincando, meio querendo entender se ele era realmente tão observador quanto parecia.

Minjae parou de quicar a bola por um instante. O som que ecoava pela quadra desapareceu, e ele apoiou as mãos na bola, pensando por dois segundos mais do que o normal.

— Em tudo não — disse, dando de ombros com naturalidade. — Só nas coisas que chamam a atenção.

Eu soltei uma risada leve.

— Isso não explica muita coisa — observei.

— Bom… — ele girou a bola nos dedos — às vezes é a pessoa que tá quieta demais. Às vezes é alguém tão concentrado que parece estar em outro mundo. Isso se destaca.

Olhei para meu caderno fechado antes de voltar para ele.

— Tá dizendo que eu me destaco? — perguntei, sem intenção de soar vaidosa.

— Destaca — disse simplesmente, como se fosse óbvio. — Mas não de um jeito estranho. Só… dá pra perceber que você presta atenção nas coisas, e cuida do que Deus te deu.

Sorri, mais por educação do que por qualquer emoção maior. Era curioso como ele tinha aquele jeito leve de falar que não deixava a atmosfera estranha.

— Você fala muito fácil — comentei, mexendo na ponta do lápis.

— É meu jeito de quebrar o clima — respondeu, rindo. — Faculdade grande assim deixa todo mundo meio perdido. Acho que brincando fica mais fácil de puxar conversa.

Aquilo eu entendia perfeitamente. Um lugar novo podia ser esmagador, principalmente com tanta gente, tantos grupos, tantas coisas acontecendo ao mesmo tempo.

— Faz sentido — murmurei.

Enquanto ele voltava para a quadra, resolvi fechar o caderno de vez. O dia tinha sido cheio, e aquele encontro inesperado só deixou tudo… menos monótono.

Minjae era leve. Descomplicado. Não puxava assuntos profundos nem tentava parecer mais do que era. Conversava como alguém que estava simplesmente tentando sobreviver à faculdade como qualquer um.

E, de certa forma, era bom ter encontrado alguém assim tão cedo no semestre.

## Capítulo 6

*(Amy)*

O pátio já estava quase vazio quando saí da sala, a mochila pendurada de um lado só — como sempre. O céu tinha aquele tom alaranjado de fim de tarde, bonito o suficiente pra parecer uma pintura, mas minha cabeça estava cheia demais para prestar atenção. Cada passo parecia arrastar meus pensamentos junto, e eu não conseguia decidir se estava mais aliviada por ter sobrevivido à aula ou preocupada com algo que nem conseguia nomear.

Vi Delilah no banco do jardim lateral, folheando uma revista de moda antiga, cheia de rabiscos e desenhos que só ela entendia. Era reconfortante saber que, mesmo quando tudo muda, algumas coisas continuam exatamente no lugar.

— Então… tropeçou nos sentimentos ou só nas escadas mesmo? — disse ela sem levantar os olhos. Aquela provocação leve me fez sorrir antes mesmo de responder.

Revirei os olhos e joguei a mochila no chão, sentando-me ao lado dela. — Foi um acidente, tá? Nem me olha com essa cara.

Ela deu aquele sorrisinho contido que sempre precedia uma provocação. — Foi o que eu pensei. Mas você tá estranhamente quieta. E com essa sua expressão “não foi nada, mas talvez tenha sido alguma coisa”.

Cruzei os braços, bufando. — Eu só… tropecei. Alguém esbarrou em mim, e o Chade me segurou antes de eu despencar escada abaixo. Fim da história.

Ela levantou uma sobrancelha. Clássico Delilah: não precisava falar muito pra arrancar verdades. — Hm. E o que aconteceu depois?

— Nada! A gente ficou se olhando por uns segundos, e aí o sinal tocou. Foi só isso.

— Só isso? — disse ela, divertida, mas curiosa.

Suspirei, olhando para o chão. — Sim! E, sinceramente… que bobagem, né? Só porque um garoto me segurou pra eu não cair quer dizer que é o destino? Que agora a gente vai se casar, tocar piano e desenhar vestidos juntos enquanto chove lá fora?

Delilah caiu na risada, e eu quase ri junto, mas o coração ainda batia mais rápido do que queria admitir. — Ninguém falou em casamento, dramática. Só me causou estranheza ver você um pouco… dispersa. Você, que sempre tem tudo sob controle.

Fiquei em silêncio, olhando para a folha caída no banco. Não era como se eu gostasse dele. A gente mal se conhece. Mas tinha… algo. Um jeito de olhar que parecia ver além da superfície. E isso me

deixava desconfortável, porque nem eu mesma sempre me entendo.

— É só que… foi estranho — murmurei. — O jeito que ele olhou pra mim. Como se… sei lá. Como se visse algo que nem eu vejo.

Delilah me olhou com aquele sorrisinho debochado. — Talvez ele só tenha miopia, amiga.

Dei um tapa leve no braço dela, rindo.

Ela me olhou com carinho, e eu senti aquele conforto familiar que só uma amizade antiga proporciona. Era como voltar para casa, mesmo estando no meio de uma escola gigante, com corredores barulhentos e desconhecidos.

— Você não precisa entender tudo agora, Amy. Às vezes as coisas começam simples. E tudo bem se continuarem assim.

Assenti, pegando uma folha caída no banco. Fiquei girando-a entre os dedos, pensando em como algo tão simples podia parecer tão complicado.

— É… talvez tenha sido só um tropeço mesmo. Literalmente.

— Ou o começo de algo que só vai fazer sentido depois. Mas cuida do seu coração Amy, é um presente muito precioso do Senhor— disse Delilah, com aquele tom calmo de quem sempre parece saber um pouco mais do que revela.

O vento passou, e algumas folhas secas rodopiaram pelo chão. O silêncio que se seguiu não era

desconfortável; era um tipo de pausa que me deixava respirar, pensar e tentar colocar ordem na confusão do meu dia.

O sol já começava a descer, pintando o céu de laranja, vermelho e dourado, e eu finalmente notei a beleza à minha volta. Era leve, serena… quase como se a natureza tivesse decidido acalmar meu turbilhão de pensamentos.

— Sabe, Amy — Delilah começou, ainda folheando a revista —, às vezes a gente pensa demais no que poderia ter acontecido ou no que vai acontecer. Acho que deveríamos apenas deixar o Senhor guiar a nossa vida mesmo, e confiar Nele.

Assenti, tentando absorver a ideia. — É fácil dizer isso, mas difícil acreditar.

— Eu sei — disse ela, sem olhar para mim —. Mas também é reconfortante pensar que não precisamos ter controle sobre tudo. Às vezes, só precisamos estar presentes, ativos com Ele.

Fiquei um momento olhando para o céu, o alaranjado profundo refletindo na quadra vazia. Cada sombra parecia alongar-se, criando padrões estranhos e bonitos no chão. Mesmo com tudo acontecendo ao redor, era como se tivéssemos nosso próprio mundo ali, Delilah e eu, sentadas no banco, rindo de nada e falando sobre tudo ao mesmo tempo.

— Agora vamos voltar? O sol já vai embora e ainda temos caminho até casa.

Levantei-me, pegando minha mochila e sentindo que, mesmo com o dia confuso, tudo parecia mais leve. Pequenos tropeços, olhares inesperados, momentos silenciosos — às vezes, era só isso que importava.

Enquanto caminhávamos, o som de nossos passos ecoava pelo pátio vazio, misturado ao farfalhar leve das folhas secas. O sol já tinha descido o suficiente para deixar tudo num tom dourado e suave, como se estivéssemos caminhando dentro de uma lembrança — dessas que você só entende muito tempo depois.

Delilah seguia ao meu lado, balançando a revista contra a perna, distraída. Ainda assim, tinha aquele jeito dela… como se sempre percebesse mais do que dizia.

— Você tá pensando demais — ela comentou, sem olhar pra mim.

Revirei os olhos, mesmo sabendo que ela tinha razão. — Eu sempre penso demais.

— Mas hoje você tá pensando mais do que o normal. — Ela riu. — Tipo… nível “explodir a própria cabeça”

Bufei, puxando a alça da mochila. — Não é sobre ele, se é isso que tá pensando.

Ela ergueu as mãos, divertida. — Ei, eu não disse que era. Mas já que mencionou…

— Delilah! — reclamei, empurrando o ombro dela, mas com um sorriso que eu não conseguia segurar.

— Tá bom, tá bom. — Ela levantou as mãos como se estivesse se rendendo. — Mas posso te dizer uma coisa sem você ficar toda dramática?

Suspirei, fingindo relutância. — Pode.

— Você não precisa fugir do que sente só porque é novo.

Fiquei quieta por alguns segundos. O vento soprou mais forte, mexendo meu cabelo e fazendo alguns fios entrarem no meu rosto. Parei para arrumar, e Delilah também parou, me encarando com aquele olhar que parecia enxergar de um jeito que doía e confortava ao mesmo tempo.

— Eu não tô fugindo — murmurei. — Eu só não… sei se devo sentir nada. Eu nem conheço o garoto.

— Mas Deus conhece — ela respondeu naturalmente, sem pausas dramáticas. — E às vezes Ele usa encontros simples pra nos mostrar alguma coisa. Não necessariamente sobre romance… mas sobre nós.

Aquela frase me atingiu de um jeito estranho.

Continuamos andando e percebi que a faculdade estava tão silenciosa que dava pra ouvir o canto de algum passarinho longe. O dia estava acabando, mas havia uma paz estranha preenchendo tudo.

— Você acha mesmo que Deus se importa com… essas pequenas coisas? — perguntei baixinho, quase temendo ouvir a resposta.

Delilah sorriu de lado. — Amy… Ele se importa com cada detalhe da sua vida. Até com os que você acha insignificantes. A Bíblia diz que Ele conta até os fios de cabelo da sua cabeça. — Ela estendeu a mão e puxou um cachinho meu. — Até esses aqui.

Suspirei. Não porque estava triste — mas porque eu nunca tinha pensado nisso daquele jeito.

— Às vezes eu sinto que Ele tá tão distante — confessei. — Como se… eu não fosse importante o suficiente.

Delilah parou de andar. Literalmente parou.

Eu quase trombei nela.

Ela virou de frente pra mim, séria, mas com aquele brilho no olhar que só quem acredita de verdade tem.

— Amy. — Ela colocou as mãos nos meus ombros. — Você é importante. Não é porque você fez algo, ou por ser perfeita, ou por ser boa. É porque Ele decidiu amar você. E isso não muda.

Desviei o olhar, sentindo um nó subir pela garganta. Não de tristeza… mas de uma espécie de verdade que eu não sabia receber.

— Eu não sou muito boa com… essas coisas — murmurei.

— E ninguém é no começo — ela respondeu. — É por isso que a gente aprende. Caminha. Pergunta. E Deus não se irrita com suas perguntas. Ele só quer que você fale com Ele.

Ficamos ali, paradas no meio do pátio vazio, enquanto a luz laranja se tornava um rosa suave. Era bonito. Ao mesmo tempo, parecia um abraço silencioso.

— Às vezes eu queria acreditar com essa certeza que você acredita — admiti. — Você fala de Deus como se Ele estivesse aqui do nosso lado agora.

Ela arqueou a sobrancelha. — E Ele está.

Uma onda de silêncio nos envolveu. Mas não foi desconfortável. Foi… reverente.

Depois de alguns segundos, voltamos a caminhar.

— Amy — Delilah disse, num tom mais leve —, você não precisa entender tudo agora. Só deixa o seu coração respirar um pouco. As coisas vão se encaixar naturalmente.

Assenti, mesmo sem saber exatamente como.

Quando chegamos perto do ponto de ônibus, ouvi alguém chamar:

— Hey! Amy!

Meu coração gelou.

Virei-me devagar — quase contra minha vontade — e lá estava ele.

Chade.

Encostado no corrimão da entrada, com a mochila pendurada por uma alça só, a camiseta branca

amassada, o cabelo bagunçado pelo vento. Ele levantou a mão num cumprimento meio tímido, meio confiante… o tipo de gesto que deixa qualquer um sem saber onde colocar os pés.

Delilah me lançou um olhar rápido, e eu sabia exatamente o que ela estava pensando.

*Respira, Amy.*

Engoli seco.

— Oi — respondi, tentando parecer casual.

— Eu… — ele hesitou, coçando a nuca. — Só queria ter certeza de que você chegou bem depois do… é… do quase-tombo.

Senti minhas bochechas queimarem.

— Sim, sim. Cheguei. Tá tudo bem. — Falei tão rápido que Delilah quase riu.

Chade assentiu, mas parecia meio sem graça. Como se quisesse falar algo e não soubesse como.

— Ah, e… sobre a conversa de mais cedo… — ele continuou, olhando para mim por baixo dos cílios. — Se você quiser aparecer lá na comunhão… eu vou estar lá.

Meu coração deu um salto.

Um salto tão grande que quase precisei fingir tossir só pra disfarçar.

Delilah cruzou os braços, claramente se divertindo com a minha incapacidade de reagir.

— Eu… — comecei, mas a voz sumiu. Respirei fundo. — Talvez eu vá. Não sei ainda. Mas… obrigada pelo convite.

Ele sorriu — pequeno, genuíno, o tipo de sorriso que não exige nada em troca.

— Beleza. Sem pressão. — Ele começou a se afastar, mas virou mais uma vez. — E… gostei do jeito que você fala. Meio impulsiva, mas sincera. — Ele riu leve. — Combina com você.

Eu congelei.

Literalmente.

Quando ele finalmente desapareceu pelo portão, Delilah segurou o riso até não conseguir mais.

— *Impulsiva mas sincera*, hein? — ela repetiu, me cutucando com o cotovelo.

— Fica quieta — murmurei, tapando o rosto com as mãos. — Eu vou morrer.

— Vai não. — Ela riu. — Mas claramente vai sofrer um pouquinho.

— Delilah, não começa…

— Eu não tô começando — ela disse, levantando as mãos em rendição. — Mas alguém aí ficou com o coração acelerado…

— Foi o susto — respondi automaticamente.

Ela gargalhou.

Começamos a caminhar novamente rumo à saída da escola, e uma parte de mim — a parte que sempre pensa demais — sabia que aquele dia tinha significado mais do que eu queria admitir.

Mas outra parte, a parte silenciosa que ainda está aprendendo a sentir, apenas deixou o vento me acalmar.

## Capítulo 7

*(Delilah)*

O portão automático se abriu devagar, e eu mal consegui segurar o sorriso quando vi minha mãe parada na varanda, enxugando as mãos em um pano de cozinha, como sempre fazia quando estava ansiosa — e ela estava *claramente* ansiosa.

Não por mim.
Mas porque a Amy estava comigo.

— Minhas meninas! — ela abriu os braços e abraçou primeiro a Amy, depois me puxou junto. — *Ah, que alegria ter vocês aqui!*

Amy riu, meio tímida, mas encostou o rosto no ombro da minha mãe como se fosse familiar, natural. E era. As duas, minha mãe e a mãe dela, tinham sido inseparáveis. Às vezes eu sentia que a Amy conhecia minha mãe quase tanto quanto eu.

— A gente trouxe lasanha congelada! — eu anunciei, erguendo a sacola como se fosse um troféu.

— E eu trouxe… — Amy ergueu a outra sacola. — … quase nada útil. Só coisas aleatórias que eu achei que a Del precisava.

— Amy, você nunca traz “coisas aleatórias”. Só suas bugigangas organizadas com carinho. — eu disse, empurrando o ombro dela de leve.

Minha mãe riu, balançando a cabeça como quem via duas crianças falando bobagem.

— Entrem, entrem. A casa é de vocês.

E eu senti, naquele exato momento, que era isso que Amy precisava ouvir.

Minha mãe já tinha deixado tudo preparado: travesseiros extras, cobertas fofas e até um bolo de chocolate esperando na cozinha. Aquele tipo de carinho que só mãe cristã sabe fazer — sem falar nada, mas dizendo tudo.

Entramos em casa com o som das risadas misturando com o cheiro do bolo recém-esquentado.

— Sério, sua casa parece aquelas que aparecem em drama coreano — Amy comentou, largando a mochila no sofá.

— Só falta o Minjae entrar pela porta com um ramalhete de flores — falei, zombando.

Ela fez uma careta, e eu ri. Eu adorava provocar.

Subimos para o meu quarto com as malas arrastando pelo chão. Assim que empurrei a porta, Amy soltou um suspiro que parecia ter guardado o dia inteiro.

— Eu amo esse seu quarto — ela disse, girando no meio do tapete felpudo, as mãos no ar.

— Só parece organizado — respondi. — Se abrir aquela cômoda ali, tudo cai.

Ela riu alto.

E então, sem precisar combinar, colocamos nossos pijamas. Amy vestiu um de cor lilás, com estampa de estrelas — muito ela — e eu coloquei o meu conjunto rosa-claro, simples, mas confortável.

Quando nos sentamos no chão, a Bíblia da minha mãe estava sobre a mesinha baixa. Ela sempre deixava ali “por precaução espiritual”, como dizia.

Amy a encarou por alguns segundos. Não com estranhamento. Mas com curiosidade.

— Quer fazer um devocional? — perguntei, tentando soar natural, sem pressionar.

Ela hesitou por meio segundo… mas sorriu.

— Quero.

Meu peito se aqueceu. Abri em Provérbios 31:25, o versículo que minha mãe repetia desde que eu tinha idade suficiente para entender metade das palavras.

“A força e a dignidade são os seus vestidos, e, quanto ao dia de amanhã, não tem preocupações.”

Lemos juntas. E eu expliquei como minha mãe dizia que “força e dignidade” eram escolhas diárias, não um sentimento mágico.

Amy ficou em silêncio por um instante.

— Eu queria ser assim… forte, sabe? Parece que você e sua mãe já nasceram sabendo das coisas.

— Não — eu ri. — A gente só apanha menos do que parece. E quando apanha… ora.
— Eu… quero aprender a orar como vocês — ela murmurou.

— E você vai — falei, sincera. — No seu tempo. Deus não é apressado.

Os olhos dela brilharam. E eu tive certeza: aquela noite era necessária.

Depois do devocional, a gente mudou completamente o clima, porque fé é profunda, mas amizade também é barulhenta.

— Karaokê? — Amy perguntou, já segurando o microfone de brinquedo que eu tinha desde os dez anos.

— *Óbvio.*

Cinco minutos depois, estávamos gritando — não cantando — uma música antiga de K-pop, desafinando com perfeição artística. Amy tropeçou tentando fazer um passo de dança, caiu no meu tapete com um “ai!” e eu ri tanto que doeu.

— Você tem zero coordenação — provoquei.

— E você tem zero empatia, me ajuda aqui!

Puxei ela pela mão, e nós duas desabamos numa crise de riso tão longa que minha barriga doeu.

Depois da bagunça, ficamos deitadas na cama, o teto iluminado pelas luzes LED, aquela atmosfera calma de noite que só melhores amigas compartilham.

Amy virou o rosto para mim.

— Del… você realmente acha que a gente vai conseguir ir pra Paris juntas?
— Acho.
— E… e o desfile? Você acha que vai dar certo?
— Amy, você desenha como se tivesse nascido com lápis na mão. E eu… eu acredito que se Deus colocou isso no seu coração, não foi por acaso.
— Então… posso te perguntar uma coisa meio estranha?
— Sempre.

— Você acha… que Deus realmente se importa com coisas assim? Moda? Viagem? Esses sonhos meio… sei lá… meus?
— Acho que Ele se importa com o plano que Ele tem para sua vida amiga, e você tem que escolher seguir o caminho que ele preparou para você — respondi sem pensar duas vezes. — Deus não é um diretor rígido. Ele é Pai.

Amy ficou quieta. E um sorriso pequeno apareceu, aquele que ela fazia quando tentava esconder que estava emocionada.

A noite foi ficando mais tranquila. Guardamos as coisas, apagamos quase todas as luzes e deixamos só a lâmpada baixinha acesa.

Amy fechou os olhos.

— Obrigada por isso, Del. De verdade.
— Eu que agradeço. Não sei explicar… mas você aqui, a nossa amizade, é muito do Senhor mesmo!

Ela sorriu sem abrir os olhos.

— Boa noite.
— Boa noite, Amy.

E quando ela dormiu, virei para o teto e sussurrei uma oração curta, simples:

“Obrigada, Deus… por conexões que só o Senhor sabe explicar.”

# Capítulo 8

*(Minjae)*

Meus passos ecoavam enquanto eu caminhava, e logo avistei Delilah sentada no banco perto da janela, totalmente concentrada em um caderno cheio de rabiscos, flores e traços que só ela entendia.

Havia algo… reconfortante nela. Talvez fosse o jeito calmo de existir mesmo no meio do barulho de tudo. Quase como se o mundo não conseguisse atrapalhar o universo particular dela.

— Ei, Delilah! — chamei, tentando soar casual, mas com aquele nervosismo leve que sempre aparecia quando eu estava perto dela.

Ela levantou o olhar e sorriu. Um sorriso pequeno, verdadeiro. Por algum motivo, aquilo me fez soltar um “ufa” interno. Ainda não aparentava estar assustada comigo — bom sinal.

Fechou o caderno com cuidado e ajeitou a mochila ao lado.

— Oi, Minjae — disse, com um sorriso suave.

— Pensei que… sei lá, a gente podia conversar um pouco — falei, dando uma piscadinha dramática

Ela riu baixo e levantou-se do banco.

— Pode ser — respondeu.

Começamos a caminhar pelo corredor, lado a lado. A luz do sol entrava pelas janelas e desenhava faixas douradas no chão. Era tudo tão tranquilo que, por um instante, parecia que o resto do mundo tinha desligado.

— Então, me conta — falei, tentando parecer interessado sem parecer interessado demais — o curso de moda é assustador pra alguém que passa metade do tempo tocando violino e desenhando?

— No começo, talvez — ela disse, olhando para os armários alinhados. — Mas dá pra sobreviver. E você? Basquete, correria… não fica cansado?

— Ah, mas é divertido! Tem técnica, estratégia, emoção… drama.

Ela me olhou como se estivesse analisando o quanto eu estava exagerando.

— Drama? — ela perguntou, rindo.

— Claro! Cada jogada pode ser épica. Um lance errado e o mundo desaba!

Ela inclinou a cabeça, segurando o riso.

— Acho que você é dramático em tudo — disse.

— Talvez. Mas é isso que me torna interessante.

Ela riu de leve.

— Interessante, então. — E desviou o olhar, mas o sorriso continuava lá.

Não sei por quê, mas aquilo me acertou diferente. De um jeito bom.

— Já que sou tão interessante assim… que tal um café? — perguntei, mais animado do que deveria

Ela piscou, surpresa, mas assentiu

— Pode ser.

Não era um encontro nem nada — não queria que parecesse. Mas também… queria que fosse especial de algum jeito.

Empurrei a porta do café, e o som suave das campainhas no teto me fez sentir que o lugar tinha algo de acolhedor. O aroma de café fresquinho e o calor do ambiente me envolveram instantaneamente. Eu nunca cansava desse lugar — ele sempre parecia ser o tipo de refúgio que todos nós precisávamos de vez em quando.

Delilah entrou logo atrás, e o espaço apertado não a incomodava nem um pouco. Ela se movia com a mesma calma que sempre transparecia, como se o tempo aqui fosse diferente. Uma suavidade que contrastava com o mundo acelerado da faculdade lá fora. Eu estava meio hipnotizado por essa forma dela de ser.

— Então… — comecei, tentando trazer a conversa para o ponto mais leve, sem parecer que eu estava forçando muito. — Qual é o seu café favorito aqui?

Ela olhou ao redor, como se estivesse avaliando a vibe do lugar, e então se inclinou um pouco para o balcão, como se estivesse realmente decidindo.

— Eu costumo ir no cappuccino, mas vou sair da zona de conforto hoje. Que tal um mocha? — Ela riu baixinho, olhando para mim com aquele sorriso tímido, como se estivesse compartilhando um pequeno segredo.

Eu ri junto, mais pela forma descontraída que ela fez isso do que pela escolha do café em si. Algo nela tornava tudo mais fácil, mais natural.

— Olha, eu sou mais básico. Café preto e pronto, sem firula — eu disse, apontando para o balcão com um gesto exagerado. — Às vezes a vida precisa de um pouco mais de simples, sabe?

Delilah me olhou com uma expressão brincalhona.

— Simples, você? Achei que você fosse do tipo “descolado, cheio de energia”. Nunca imaginaria que você fosse tão… straightforward assim.

Eu ri de volta, surpreendido pela maneira como ela já estava me desafiando de um jeito divertido.

— É, a gente tem nossas camadas, né? — disse, jogando um olhar para ela, tentando parecer mais tranquilo do que realmente estava. A verdade é que eu estava começando a gostar cada vez mais dessa interação descontraída. Delilah tinha esse jeito de me fazer parecer mais natural, mais à vontade, sem aquelas expectativas de ser sempre "divertido" ou "legal".

Fui até o balcão e fiz o pedido, o tempo parecia passar mais devagar enquanto eu tentava entender o que estava acontecendo ali. O que eu estava sentindo? Era como se estivesse abrindo espaço para alguém que, até então, eu não sabia que precisava conhecer.

— Então, o que você faz quando não está desenhando ou indo para as aulas? — perguntei, inclinando a cabeça, curioso. Tinha algo nela que me fazia querer descobrir mais, mas sem pressa. Ela tinha esse jeito misterioso, como se sempre houvesse algo mais além do que ela mostrava.

Ela deu um leve suspiro, olhando para a xícara por um momento, como se estivesse pensando em como responder. Era engraçado, porque eu estava começando a perceber que ela sempre fazia isso antes de falar, como se estivesse decidindo qual pedaço dela ia compartilhar naquele momento.

— Ler, na maioria das vezes — ela disse, com uma naturalidade tão grande que nem pareceu que ela estava começando a revelar algo mais íntimo. Era

como se ela estivesse falando sobre uma rotina comum. — Eu gosto de ler quando quero escapar um pouco da realidade. Fico tão envolvida que, às vezes, perco a noção do tempo.

A forma como ela disse isso fez com que a conversa se tornasse mais pessoal de repente, mas sem aquele peso que geralmente vem com declarações mais profundas. Parecia algo leve, apenas uma parte dela que ela estava compartilhando com alguém, sem querer impressionar. Eu estava começando a ver mais dela, e isso me fazia querer saber mais.

— O quê você anda lendo? — perguntei, tentando parecer desinteressado, mas no fundo, a curiosidade estava mais forte do que eu queria admitir.

Ela sorriu levemente, quase como se estivesse pensando em qual livro mencionaria. Algo me dizia que a escolha de qual livro falar não era aleatória, talvez ela estivesse escolhendo a história certa para me contar.

— Ultimamente, tenho lido romances clássicos. Às vezes é como viajar para outro mundo, sabe? Não sou muito fã dos modernos, acho que eles são um pouco barulhentos. Mas os clássicos… tem uma coisa neles que me faz sentir mais conectada, mais presente de alguma forma.

Eu a observei enquanto falava, tentando visualizar a forma como ela se entregava a esses livros. Ela parecia tão diferente do que eu esperava, mas de um jeito bom. Não parecia que ela estava tentando me impressionar, mas sim compartilhando uma parte dela que, de algum jeito, fazia sentido.

— Eu nunca fui muito de ler, sabe? — eu disse, meio que admitindo uma falha, mas sem querer soar como alguém que não se importa. — Sempre preferi uma boa partida de basquete ou ver algo na televisão. Não sou tão bom em ficar quieto por muito tempo.

Delilah deu uma risada baixa, quase como se ela achasse graça de como a minha vida parecia ser sempre uma sequência de movimentos rápidos.

— É, eu posso ver isso — ela disse com um sorriso divertido, me fazendo rir também. — Mas você deveria tentar. Às vezes, é bom se permitir um silêncio. Mesmo no meio de tanta agitação, a leitura te ajuda a encontrar paz, de um jeito que você nem imagina.

Eu fiquei quieto por um momento, pensando nas palavras dela. Não sei por que, mas houve algo nelas que me tocou de forma estranha. Eu sempre fui do barulho, da ação, mas nunca parei para pensar no silêncio, no poder de se perder em algo tão simples quanto virar uma página de um livro.

— Talvez você esteja certa — respondi, mais para mim mesmo do que para ela. Eu nunca tinha dado oportunidade para esse tipo de coisa, e algo me dizia que, se eu parasse para tentar, talvez eu começasse a ver o mundo de outra maneira.

Delilah deu um sorriso pequeno, mas satisfeito, como se ela tivesse plantado uma ideia ali, e agora estava esperando para ver o que eu faria com isso. Eu não sabia se estava pronto para virar a página, mas de alguma forma, eu queria tentar.

— Não precisa ser agora — ela disse, com uma leveza no tom. — Mas se algum dia quiser pegar algo para ler, me avise. Eu posso te dar algumas sugestões.

Eu a olhei com um sorriso de canto, um pouco admitindo a derrota, mas também com uma curiosidade genuína.

— Vou pensar nisso — eu disse, rindo um pouco, enquanto mexia na xícara. — Talvez eu precise de um momento de silêncio para entender o que você quer dizer.

Ela riu junto, e a conversa seguiu de forma leve, mas com uma sensação de descoberta no ar. Eu estava começando a perceber que, embora eu fosse mais de ação e movimento, talvez, de vez em quando, desacelerar e encontrar algo que fosse mais sutil, mais calmo, pudesse ser o que eu realmente estava precisando.

Ficamos ali por mais alguns minutos, conversando sobre música, esporte, arte, vida, essas coisas pequenas que fazem o dia parecer maior do que é.

Quando levantamos para ir embora, ela agradeceu:

— Obrigada por hoje. Foi… divertido.

— Foi incrível! Podemos repetir quando quiser.

# Capítulo 9

*(Amy)*

O sol entrava pela janela, espalhando manchas douradas pelo chão da sala, que hoje servia de quintal improvisado. Nós tínhamos estendido uma toalha grande e colorida e colocado cestas de frutas, sanduíches, sucos e até algumas bolachinhas que Delilah insistira em trazer. O cheiro doce da melancia se misturava ao perfume do pão recém-feito.

Delilah estava sentada na beira do pano de piquenique, fazendo anotações em partituras, balançando a cabeça com aquela expressão de quem sabe que o caos faz parte da harmonia. E eu, com meu caderno aberto, desenhava cada gesto, cada sombra, cada sorriso. Era como se a música tivesse formas que só eu podia capturar.

— Ei, cuidado com a uva, Minjae! — alertou Delilah, franzindo o nariz enquanto ele fingia mirar uma uva na minha direção.

— Só tô testando a gravidade — respondeu ele, rindo, e a fruta quicou no chão.

— Gravidade? Você quis dizer “estragar meu desenho”? — reclamei, mas não consegui evitar rir. Eu me sentei perto da cesta, ainda com meu caderno no colo, e comecei a desenhar Minjae tentando

equilibrar duas uvas nas mãos, Delilah comendo uma fatia de melancia e Chade cuidadosamente cortando sua maçã. Cada gesto, cada sorriso, cada franzir de sobrancelha tinha um detalhe único que só eu parecia notar.

— Amy, mostra! — pediu Minjae, inclinando-se sobre meu caderno.

— Só depois — respondi, sorrindo — senão perde a graça.

Enquanto comíamos, Delilah começou a narrar uma história improvisada sobre cada fruta da cesta, inventando nomes e personalidades.

— Esta melancia é a rainha do verão — disse ela, segurando a fatia como se fosse um cetro. — E este suco de laranja é seu fiel escudeiro!

— E eu sou o general das uvas — disse Minjae, jogando uma uva na direção de Chade, que desviou com um sorriso contido.

— General destruidor — completou Chade, e todos caímos na gargalhada.

Eu fechava os olhos por um instante, respirando fundo. O sol aquecia meu rosto, o cheiro da fruta doce se misturava ao perfume leve do chão limpo e do tecido da toalha, e o riso de Minjae ecoava junto com o estalar do suco sendo derramado nos copos. Era como se cada detalhe fosse uma nota silenciosa de uma música que ninguém tocava, mas todos sentíamos.

— Amy, você vai desenhar tudo isso? — perguntou Delilah, inclinando-se para ver meu caderno.

— Sim — respondi, sorrindo — cada gesto, cada risada, cada pedacinho de sol.

Minjae se jogou de lado sobre a toalha, rindo, enquanto Chade tentava equilibrar seu suco na mão.

— Ok, agora isso é um caos organizado — disse Chade. — Mas eu gosto.

— Caos organizado é meu lema — respondeu Minjae, esticando os braços e quase derrubando outra uva.

Eu continuei desenhando, capturando cada expressão, cada movimento improvisado. A melancia se tornou uma pequena coroa, o pão um castelo, e Minjae o general mais atrapalhado que já existiu. Mas, mesmo no meio da confusão, havia algo profundo naquele momento: todos nós juntos, rindo, brincando, compartilhando silêncio e som, risos e música invisível.

— Sabem — disse Chade, olhando para nós, a voz baixa mas firme

— daqui a alguns anos, nenhum som de piano vai me lembrar tanto de vocês quanto este piquenique.

— Isso é quase poético demais — Delilah comentou, sorrindo, e Minjae fez uma careta exagerada, fingindo se ofender.
E eu, segurando meu caderno, percebi que talvez felicidade seja isso: não um momento perfeito, mas

um instante inteiro, compartilhado, cheio de risos, caos, cores, sabores e calor do sol. Um momento que não precisa ser lembrado — porque ele já está gravado na pele, na memória e no coração de todos nós.

— Amy — disse Minjae, inclinando-se para ver mais uma vez meu desenho — você vai guardar isso?

— Claro — respondi — e ninguém vai precisar tocar piano pra eu lembrar desse dia.

O sol tocava nossos ombros e, por alguns minutos, não havia pressa, não havia nada a corrigir, nada a desafinar. Minjae ainda ria de tudo e de nada, Delilah provava cada fruta e fingia que estava julgando o sabor, Chade se inclinava sobre sua tigela, e eu? Eu desenhava os detalhes que, talvez, ninguém mais notasse, mas que me faziam sentir que aquele momento era nosso.

Talvez fosse isso o que chamam de felicidade — não o instante perfeito, mas o instante inteiro, inteiro e simples, compartilhado com aqueles que aprendem o mesmo ritmo que você, mesmo que cada um bata a própria batida.

E eu sabia, no fundo, que nenhum som do piano seria tão doce quanto o riso que ecoava entre nós naquele piquenique improvisado

# Capítulo 10

*(Chade)*

As aulas tinham acabado, e o silêncio nos corredores era quase absoluto. Quase. Eu ainda ouvia o eco distante de alguma conversa, passos apressados, portas se fechando. Mas no geral… estava calmo.

Voltei pra sala de música porque tinha esquecido meu caderno de anotações. Coisa simples. Coisa que qualquer um faria sem pensar muito. Mas, por algum motivo, cada vez que eu pisava ali dentro, não conseguia só entrar e sair.

A luz do fim da tarde entrava oblíqua pela janela, tingindo tudo de dourado. Era um tipo de silêncio que me acolhia. Que me deixava ser.

Me aproximei do piano mais por instinto do que por vontade consciente. Sentei. Os dedos tocaram as teclas antes mesmo que minha cabeça decidisse o que fazer. Uma melodia saiu. Eu nem sabia de onde.

Não tinha partitura. Não tinha plano. Só tinha sentimento acumulado demais. E foi isso que deixei sair. Não precisava ser bonito. Só precisava ser verdadeiro.

Tocava com os olhos baixos, como sempre. O piano é um lugar onde posso existir inteiro, sem precisar me explicar. E naquele momento, eu tava ali por completo.

Quando parei, o tempo parecia ter desacelerado. Respirei fundo. Me levantei pra pegar o caderno, que estava esquecido sobre uma das cadeiras no canto da sala. Foi então que vi.

Um livro sobre o piano, cuidadosamente deixado em cima do tampo de madeira. E, em cima dele… um bilhete dobrado.

Franzi o cenho. Ninguém deixava coisas ali. Não por acaso.

Peguei o papel com cuidado, como se fosse feito de algo mais frágil que papel mesmo.

Desdobrei.

“Te vi tocando piano.
Você tinha mencionado que gostava…
Essa é a biografia de um homem cristão, que foi um dos melhores no que fazia, com a ajuda de nosso Senhor, Johann Sebastian Bach.”
- A

Li e reli. A letra era firme, artística. Aquelas voltas e traços… eu já tinha visto antes. Em cadernos, nas bordas das folhas. Em desenhos.

Amy.

Um sorriso escapou, pequeno. Não porque fosse surpreendente. Mas porque fazia sentido. Era ela, claro que era.

Levantei os olhos. Fui até a janela, como se algo me chamasse sem dizer uma palavra. Olhei pro corredor, e ali estava ela.

Amy.
Meio escondida atrás da parede. Pensava que eu não tinha percebido. Mas vi. Estava me observando com aquele olhar curioso e sensível, como quem escuta com a alma.

E naquele instante, o mundo desacelerou de novo.

O vento passou pelo corredor, carregando algumas pétalas de sakura que deviam ter vindo da árvore perto do jardim. Elas flutuaram no ar entre nós, como se a cena tivesse sido coreografada por algo maior que a gente.

Eu fiquei ali. Sem me mexer.

E, em voz baixa, só pra mim, como se dissesse pra garantir que aquilo realmente tinha acontecido, murmurei:

— Você escutou…

Mas teve uma voz estridente e irritante que quebrou aquele silêncio gostoso de sentir.

Vanessa.

Ela entrou como quem não pede licença.

Alta. Postura firme. Uniforme impecável, perfume forte demais — daquele tipo que gruda no ar como se tivesse sido pulverizado com intenção. Vanessa. O tipo de presença que tenta dominar o espaço só com a sombra.

— Estava te procurando, Chade — disse ela, com um daqueles sorrisos treinados no espelho. — Minjae disse que você estaria aqui. Me ajuda a escolher uma música pra tocar no recital?

Pisquei, meio em choque por um segundo, tentando sair do transe que ainda me prendia à janela.

Amy.

Virei o rosto de volta pro corredor, rápido. Mas ela já não estava mais lá. Tinha ido embora. Sumido. Como se nunca tivesse estado ali.

E eu fiquei com aquela sensação de que tinha deixado algo escapar.

Respirei fundo, retomando o tom mais neutro que consegui.

— Agora não, Vanessa. Estou ocupado.

Ela não se moveu. Só continuou avançando, com aquele andar de quem acha que o mundo gira ao redor dos próprios desejos.

— Você sempre está. Mas vive sozinho. Que desperdício de talento, sabia?

Não respondi.

Me aproximei da mesa, peguei o bilhete com todo o cuidado que ele merecia e o guardei entre as páginas do livro, como se fosse uma partitura rara. Como se fosse algo que não podia se perder. Porque, de algum jeito estranho… não podia mesmo.

— Você nunca vai dar espaço pra ninguém, né? — ela disse, agora com a voz irritada, os braços cruzados como se esperasse que eu quebrasse.

Mas não quebrei. Não por ela.

Fingi que estava concentradíssimo arrumando partituras — mesmo sem nenhuma partitura ali — só pra evitar mais conversa. Mas era inútil.

— *Chade.* — ela chamou meu nome como quem reivindica propriedade. — Eu estava pensando…
Parei de mexer nas folhas e ergui só o olhar, sem mover o corpo.
— E isso sempre é perigoso — murmurei, baixo demais pra ela ouvir. Espero.

Ela se aproximou, dando voltas pela sala como se fosse a dona do lugar. Tocou o piano com a ponta dos dedos — coisa que sempre me irritou, porque ela não entendia o que estava tocando, só queria parecer importante.

— Você sabe que o professor disse que quer um dueto na apresentação da primavera, né? — ela sorriu, como quem já sabe a resposta que quer. — Eu pensei em nós dois.

Eu pisquei devagar.
Muito devagar.

— Vanessa… — comecei, tentando ser educado o suficiente para não pecar por omissão de caridade — não tem dueto nenhum.

— Ainda não! — ela rebateu, com aquele brilho competitivo. — Mas ele vai aceitar quando eu sugerir. Somos o par perfeito.

Eu me engasguei com o ar.

— *Par? Vanessa, eu—*

— Claro! — ela interrompeu, ignorando por completo meu tom desesperado. — Você toca, eu canto. Ou danço. Ou os dois.
Ela fez um giro rápido, um giro completamente desnecessário, e bateu o cotovelo numa estante de partituras.

A estante balançou.

Eu congelei.

Ela congelou.

As partituras começaram a deslizar em câmera lenta.

— *Não, não, não, não—*

PÁAAAA.
Tudo caiu no chão.

Por um instante, fiquei só olhando o desastre completo tomando conta do chão, enquanto Vanessa tentava parecer calma, mas o rosto dela entregava tudo.

— *Ops* — ela disse, sorrindo sem graça.

— Ops — repeti, respirando fundo para não surtar.

Comecei a juntar as folhas. Ela tentou me ajudar, mas cada vez que pegava um papel, deixava cair três. Era impressionante. Um dom ao contrário.

No meio do caos, ela comentou como se fosse natural:

— Você viu que a Amy vive te observando?
— *Que?* — engasguei.

— A Amy — disse, como quem fala de uma ameaça.
— Vive passando perto da sala de música, fica te olhando, sabe?
Ela aproximou o rosto do meu, como se estivesse analisando minha reação.

Antes que ela conseguisse dizer mais alguma coisa irritante ou ameaçadora voltei meu olhos e mãos para as partituras caidas, ela segurou uma partitura e perguntou:

— Isso aqui estava ordenado por cor ou por dificuldade?

Respirei fundo.
Muito fundo.

— Por compositor.

— Ah — ela disse, envergonhada, colocando a folha de volta… no lugar completamente errado.

Eu a observei bagunçar o que eu tinha acabado de organizar e fechei os olhos por um segundo, pedindo forças espirituais que nem sabia que precisava naquele dia.

Quando terminei de arrumar tudo — so *zi nho* — ela já estava mexendo no piano de novo, tocando notas

aleatórias como se estivesse testando a paciência de Jesus.

— Vanessa, por favor — falei, não aguentando mais — não encosta nas teclas.

— Ah, deixa de bobagem — ela riu. — Um dia você vai agradecer por ter uma pessoa como eu na sua vida.

Eu encostei na beirada da mesa e soltei a frase antes que pudesse me segurar:

— Agradeço quando você for embora.

Ela arregalou os olhos, chocada demais para responder.
Parecia até que alguém tinha puxado o tapete emocional dela.

— Uau — foi tudo o que conseguiu dizer.

Pelo menos funcionou.
Ela saiu da sala, batendo o salto com força no chão, provavelmente prometendo guerra silenciosa.

Assim que o som dos passos sumiu, senti o ar voltar pros meus pulmões.

Olhei para o livro de Bach.
Para o bilhete guardado dentro dele.
Para o corredor onde Amy tinha desaparecido.

E um pensamento me atravessou tão rápido quanto a melodia que eu tinha tocado antes.

Eu preferia mil vezes o som da voz dela do que o barulho do mundo.

E isso… significava alguma coisa.
Mesmo que eu tentasse negar

Fiquei sozinho de novo. Mas não exatamente.

As pétalas ainda dançavam do lado de fora, como se o mundo insistisse em poesia mesmo quando tudo parece querer ser ruído.

E no fundo do peito, bem lá onde as músicas nascem antes de virarem som, alguma coisa tinha mudado.
Uma nota tinha sido tocada.
Baixa.
Discreta.
Mas impossível de ignorar.

Amy.

# Capítulo 11

*(Amy)*

O vento da tarde bagunçava meu cabelo enquanto eu caminhava pela calçada meio esburacada em direção de casa. A rua estava quase vazia, com aquele silêncio típico do fim do dia escolar. Só os passarinhos faziam barulho nas árvores, como se soubessem o que se passava dentro da minha cabeça.

E eu nem conseguia andar direito, de tanto que minha mente voltava pra aquela sala.

A música.
O jeito que ele tocava.
O bilhete.
O momento.
Vanessa.

Meu estômago ainda se contorcia com aquela imagem. Ela ali, invadindo tudo com aquele sorriso ensaiado. Ele olhando. E eu parada feito boba, me escondendo, como se fosse uma figurante da minha própria história.

Bufei, tentando me convencer de que não importava. Que não era nada.

Mas por que parecia ser?

Foi nessa hora, distraída, perdida nos meus próprios pensamentos — e, admito, olhando pro chão sem ver nada — que meu pé prendeu numa elevação maldita da calçada. Me desequilibrei.

Senti o corpo inclinar pra frente, o coração disparar, aquele microsegundo de “pronto, agora eu caio feito uma idiota no meio da rua”.

Mas não caí.

Do nada, braços firmes me seguraram pela cintura, com um reflexo rápido demais pra ser coincidência.

— De novo não — ouvi a voz, baixa, quase rindo.

Meu coração deu um pulo tão grande que tive certeza que ele me ouviu. Virei o rosto e ali estava ele.

Chade.

Com aquele olhar calmo e meio surpreso, como se o universo tivesse colocado ele ali só pra me impedir de virar estatística de tombos públicos.

— Você… — comecei, mas minha voz falhou. — O que você tá fazendo aqui?

— Te seguindo. — Ele deu de ombros, ainda com uma mão firme no meu braço, como se achasse que eu podia cair de novo a qualquer momento. — Você saiu correndo. E deixou isso no piano senhorita.

Ele abriu a mão. O bilhete.

Engoli em seco. Aquele jeito pelo qual ele me chamava, o bilhete... aquele bendito bilhete! tudo aqulo me deu um frio na barriga.

— Eu ia só deixar ali e ir embora…

— Eu sei — ele disse. — Mas você ficou. Eu vi.

Droga.

Senti o rosto esquentar. Desviei o olhar, mas ele não desviou o dele.

— Você… leu?

— Li — respondeu. — E escutei.

Silêncio.

Não aquele silêncio constrangedor. Mas o tipo que pesa bonito entre duas pessoas que estão dizendo muita coisa sem dizer nada.

— Desculpa — murmurei. — Por espiar. Foi invasivo.

A mão dele ainda estava no meu braço quando percebi o quanto eu estava tremendo. Não era o susto da quase queda. Era outra coisa. Algo mais fundo. Mais quieto.

— Vem — ele disse, soltando devagar. — Te acompanho até em casa.

Assenti, sem conseguir falar. Meu coração ainda tava meio descompassado, como se tivesse perdido o ritmo na hora que ele me segurou.

Começamos a andar, lado a lado, sem pressa.

O silêncio entre nós era estranho — não pesado, não desconfortável. Era mais como… um espaço seguro. Um intervalo entre uma música e outra. Eu olhava pro chão, pro céu, pra ele às vezes. E ele andava com as mãos nos bolsos, como se estivesse ouvindo o som dos meus pensamentos.

— Você sempre toca daquele jeito? — perguntei, depois de uns minutos, tentando parecer casual. Não consegui.

— Que jeito?

— Como se as notas tivessem sentimentos. Como se… elas lembrassem de alguma coisa.

Ele riu baixinho. Um som tão calmo que me deu vontade de fechar os olhos só pra ouvir melhor.

— Acho que as músicas têm isso mesmo. Memória. E quando a gente toca de verdade, meio que empresta a nossa pra elas.

— E o que aquela lembrava?

Ele parou de andar por um segundo. Olhou pra frente, mas como se visse muito mais do que a rua. Como se estivesse vendo por dentro.

—O amor de Deus!— ele disse, por fim. — Uma alegria misturada com calma, Aquela que parece que tá te ouvindo, e realmente está.

— Foi muito bonito. E verdadeiro. Então... você me viu mesmo, né? Lá fora, pela janela.

Ele assentiu, sem olhar pra mim.

— Vi. Mas achei que você precisava daquele momento tanto quanto eu. Então deixei.

Respirei fundo.

— A Vanessa… ela parece fazer parte do seu mundo. Eu só… não queria atrapalhar.

Ele parou. Dessa vez me olhou. Sério.

— Ela faz barulho — ele disse. — Mas não escuta. Não de verdade.

— E eu escuto?

O olhar dele suavizou. A boca se curvou num meio sorriso que parecia dizer tudo.

— Você escuta mais do que imagina — disse ele, com um sorriso irônico, mas cheio de verdade. — Não é sobre ouvir só as palavras, é sobre captar o que está por trás delas. E, no seu caso, isso é o que me interessa.

Meu coração apertou de um jeito tão intenso que doeu.

Chegamos na esquina da minha rua. A luz do poste começava a acender. O mundo tava mudando de cor — daquela fase dourada da tarde pra algo mais azul e calmo. Como se dissesse que o dia estava terminando, mas alguma coisa tinha começado.

— Obrigada, pela conversa. — murmurei, parando perto do portão.

— E por impedir sua morte causada por calçadas traiçoeiras — ele brincou.

Ri, finalmente relaxada.

— Também.

Ele deu um passo pra trás, como quem respeitava fronteiras que ninguém tinha dito em voz alta.

— Boa noite Amy, Deus abençoe.

— Boa noite Chade, amém, a você também!

Ele sorriu e se virou, indo embora com passos calmos, como se nem o vento pudesse apressá-lo.

Fiquei parada por alguns segundos, olhando ele sumir na esquina. Depois entrei em casa, sentindo algo no peito que não tinha nome ainda.
Era como uma música sem letra.
Mas que eu entendia perfeitamente.

# Capítulo 12

*(Amy)*

O despertador não tocou.

Ou talvez eu tivesse esquecido de ativá-lo na noite anterior — mas, naquele momento, isso não importava.

Sentei-me na cama num pulo, cabelo todo bagunçado, olhos meio grudados, e o relógio

marcando 9h42 . A minha primeira aula começava às 10h.

— Ah, não, não, não, não… — murmurei, desesperada.

Saí correndo pelo quarto, esbarrando na cadeira, derrubando um lápis, esquecendo completamente o devocional que sempre fazia ao acordar. Parte de mim percebeu a ausência, mas não tinha tempo. Nem orar. Nem ler. Apenas vesti o uniforme com uma mão e amarrei os cadarços com a outra.

Na Aula de marketing, ainda ajeitando os fios soltos de cabelo, me joguei na cadeira quando o professor passou pela sala.

— Para o próximo trabalho, quero algo fora da caixa. Vocês devem visitar algum lugar artístico, histórico ou cultural, e depois fazerem uma propaganda emocional e inspiradora do local. — anunciou o professor.

Enquanto anotava no caderno, uma voz familiar soou ao meu lado. Chade.

— Já ouviu falar da Biblioteca Starfield? — perguntou ele, com um tom casual, mas com uma pontada de curiosidade no olhar.

Levantei os olhos, surpresa, mas logo sorri, reconhecendo o nome. Sempre adorei aquele lugar.

— Aquela do COEX Mall, né? Com as estantes gigantes e a escada de vidro que parece flutuar? — Respondi

— Essa mesmo. Fica perto da faculdade. Eu ia lá agora depois da aula, tenho o resto do dia livre. Quer ir comigo?

Hesitei por meio segundo, surpresa.

— Só se tiver livros de verdade. E não for armadilha de alguém tentando me vender café ruim — disse, tentando soar indiferente.

— Prometo que os livros são bons. E o café… é horrível mesmo — respondeu, com um sorriso que eu não consegui ignorar.

Caminhei com os olhos brilhando, como uma criança em um parque de diversões.

— Isso aqui parece outro mundo… — sussurrei, emocionada, quase sem perceber.

Chade veio alguns passos atrás, silencioso. Eu podia sentir o olhar dele em mim, mas ele não dizia nada. Apenas observava o jeito como meus dedos passavam pelas lombadas dos livros, como se cada capa contasse uma história só pelo toque, como eu sussurrava os nomes dos autores como se fossem velhos conhecidos.

— É… outro mundo — ouvi baixo, quase para si mesmo.

Cheguei em frente a uma estante mais alta e fiquei na ponta dos pés tentando alcançar um livro de capa escura com letras douradas.

Quase toquei nele quando uma mão apareceu ao lado da minha. Segura. Firme. Retirou o livro suavemente.

Virei-me rápido e encontrei os olhos de Chade, quase encostando em mim, o livro em mãos. A luz colorida de um vitral caía sobre nós.

— Ainda temos que fazer a parte teórica. Mas esse livro… vale cada linha — disse ele, olhando nos meus olhos.

Fiquei parada por um segundo a mais do que deveria.

— É só um livro. Eu só queria ver a arte da capa — tentei recuperar o controle, desviando o olhar.

— Claro. Só um livro. — Chade entregou o livro para mim. — Igual foi só um tropeço, né?

Engoli seco, fingindo não entender.

— Você é péssimo com finais de conversa — murmurei.

— Eu prefiro silêncios bem usados — disse ele.

Peguei o livro de suas mãos, e nossos dedos se tocaram levemente. O suficiente para estremecer algo que ainda chamava de “nada demais”.

O silêncio da biblioteca aumentou, e eu não queria quebrá-lo.

A chuva caiu forte quando saímos da biblioteca. Ri nervosa:

— Ah, meu guarda-chuva ficou no ateliê da faculdade… de novo.

— Sorte a sua. Guarda-chuva sempre salva o dia — disse Chade, abrindo o dele.

Entramos debaixo do guarda-chuva compartilhado, rindo das gotas que escorriam pelo rosto.

A porta estava destrancada. Entrei devagar, com Chade logo atrás, e pude sentir o ar diferente — pesado, silencioso. Como se tudo estivesse em pausa.

Meu pai estava na cozinha, mexendo alguma coisa na panela. Olhou pra mim com um sorriso cansado, mas ainda assim um sorriso.

— Chegou cedo.

— A chuva pegou a gente no caminho — murmurei.

Chade acenou educadamente.

— Boa tarde, senhor.

Meu pai retribuiu o aceno.

— Fiquem à vontade. Vou terminar o jantar.

A mesa estava arrumada de forma simples. Uma toalha azul clara, talheres alinhados. Tudo lembrava… alguém.
Alguém que não estava mais ali para alinhar coisa nenhuma.

Senti o peito apertar.

Respirei fundo.

Chade percebeu. Eu vi no olhar dele. Mas, pela primeira vez, ele não perguntou nada. Nem tentou preencher o silêncio com palavras. Apenas puxou uma cadeira para mim.

# Capítulo 13

*(Chade)*

Depois do jantar, subimos para a sala de estudos. O ar ali tinha um cheiro leve de papel, tinta e madeira antiga — uma mistura que sempre me trazia uma sensação de refúgio. Peguei meu caderno e sentei ao lado de Amy, pronto para começar a redação. O silêncio entre nós era confortável, o tipo de silêncio que não exige palavras, só presença. O único som vinha do arranhar suave das canetas no papel, ritmado, quase hipnótico.

Ela parecia imersa em seus pensamentos, os olhos atentos à folha à sua frente, mas havia algo mais —

uma tensão sutil, um peso invisível pairando entre nós. Eu conseguia senti-lo como quem sente uma mudança no ar antes de uma tempestade.

Observei cada gesto dela: o modo como mordia levemente o lábio inferior, concentrada; como franzia a testa em pequenos intervalos, tentando prender as ideias que fugiam; e como os dedos batiam ritmicamente na ponta do lápis, denunciando um nervosismo que ela não deixava transparecer na voz.
Meu peito apertou. Queria poder aliviar aquele fardo, mesmo que por um instante — ser abrigo quando o mundo lá fora se tornava pesado demais.

Mas então ouvi passos vindos do corredor — passos pesados, irritados. O tipo de passo que anuncia problema antes mesmo de ver quem está vindo.

O pai de Amy passou pela porta, indo para o próprio quarto, murmurando algo que não consegui entender — mas o tom… era o de alguém cansado, frustrado. De alguém que grita por dentro o tempo todo.

Ela congelou.

Senti.

E mais que isso: percebi a sombra que passou pelos olhos dela. Sombra antiga. Sombra conhecida.

A porta do quarto dele bateu, e quase no mesmo instante, outro barulho veio de dentro — uma discussão telefônica, aparentemente. Sobre

trabalho? Dinheiro? Pressão? Não dava pra saber. Só dava pra sentir a turbulência.

Amy baixou a cabeça devagar. Eu vi a lágrima cair antes mesmo de ela perceber que estava chorando.

Meu peito apertou.

— Amy… — chamei, baixinho.

Ela tentou passar a manga do moletom nos olhos, mas a mão tremia demais. Era como se ela estivesse segurando peso demais há tempo demais.

— Desculpa… — sussurrou, quase inaudível. — Não consigo me concentrar.

— Não tem nada pra pedir desculpa — respondi, chegando mais perto. — Você quer… falar?

Ela respirou fundo, tentando ser forte, mas a voz saiu quebrada:

— Hoje fez… um ano.

Aquilo me acertou como um soco invisível.

Um ano.

Um ano desde o quê?

— Hoje faz um ano que… — ela segurou o ar por um instante, como se tivesse que empurrar a frase pela garganta — …que a minha mãe morreu.

Fiquei em silêncio.

Mas não porque não havia nada pra dizer. Era porque algumas dores são tão profundas que qualquer palavra precipitada vira ruído.

Ela continuou, a voz tremendo mais a cada sílaba:

— Meu pai não fala sobre isso. Finge que… tudo está normal. Mas não está. Ele não lida com a morte dela. Ele não lida com nada. Só afasta tudo. Inclusive a fé. Ele diz que… “se Deus existisse, não teria deixado ela morrer”.

A força com que ela apertou o próprio braço fez meu peito doer.

— Eu oro por ele todos os dias — ela confessou — mas parece que quanto mais eu oro, mais ele se fecha. E hoje… ele passou o dia inteiro como se fosse qualquer outro dia. E eu… eu não sei lidar com isso sozinha.

A voz dela quebrou completamente.

Sem pensar, estendi a mão e toquei a dela. Era um gesto pequeno — mas ela segurou como se estivesse se afogando e finalmente tivesse agarrado alguma coisa pra não afundar.

— Você não precisa lidar com isso sozinha — falei, firme, mas suave.

Ela fechou os olhos, e mais lágrimas rolaram.

A chuva começou lá fora, fina a princípio, depois pesada. O som batendo na janela parecia

acompanhar a respiração dela — irregular, tensa, solta em soluços discretos.

— Posso orar por você? Pela sua casa? Pelo seu pai? — perguntei.

Por um segundo, achei que ela fosse hesitar. Mas ela abriu os olhos, úmidos, cansados, e assentiu devagar. Um gesto vulnerável. Um pedido silencioso de ajuda.

Ajoelhei ao lado da mesa. Ela veio também, sem largar minha mão.

Fechamos os olhos.

— Senhor… — comecei, respirando fundo para não tremer — Tu sabes da dor dela. Tu sabes da ausência que corrói, do vazio que a perda deixa… e também sabes do quanto ela tenta, do quanto luta sozinha. Deus, cobre o coração dela com paz. Paz que só vem de Ti. Dá consolo onde falta abraço. Dá força onde falta apoio. E toca o coração do pai dela… mostra que ainda existe esperança, mesmo quando a vida parece ter arrancado tudo. Cuida dessa casa, Pai. Cuida dos dois. Em nome de Jesus. Amém.

O silêncio depois do “amém” foi pesado… mas não sufocante. Era o tipo de silêncio que vem depois de um choro importante.

Amy respirou fundo. E quando abriu os olhos, havia mais dor… mas também mais calma.

A chuva foi diminuindo aos poucos, transformando-se num som suave contra a janela. Amy respirou fundo, como se ainda estivesse tentando se estabilizar por dentro. Levantou-se devagar para pegar um copo d'água na cozinha, e a sala ficou em um silêncio estranhamente quieto… um silêncio que parecia esperar por ela.

Quando voltou, segurando o copo com cuidado, sentou-se novamente na cadeira, ajeitando o moletom nas mangas como quem tenta recuperar algum controle sobre si mesma.

— Desculpa — ela disse, mexendo no copo. — A gente tinha que terminar o trabalho da universidade, e… eu simplesmente não consegui.

— Tudo bem — respondi, mantendo a voz calma. — A gente continua quando você se sentir melhor. Não é uma corrida.
Ela apertou os lábios, pensativa.

— Amy… — chamei, a voz suave, mas firme o suficiente para chamar sua atenção. Ela levantou o olhar lentamente, e eu percebi que ela sabia o que vinha a seguir.
Ela respirou fundo, como se tivesse esperado que eu dissesse algo, mas estava esperando, talvez, por uma confirmação de que não precisaria falar mais.

— Eu não sou especialista em… em lidar com perdas. E sei que não posso consertar nada. Mas tem uma coisa que eu sei que poderia te ajudar, se você quiser ouvir.

Ela me olhou, as sobrancelhas ligeiramente franzidas, mas sem afastar o olhar, como se, de alguma forma, estivesse esperando por essas palavras. Eu sabia que ela estava cansada. Cansada de fingir estar forte o tempo todo. Cansada de carregar o peso da dor e, ainda assim, tentar se manter firme. Mas havia algo mais que eu queria mostrar a ela, algo que podia tocar sua alma.
Eu sorri, quase de forma despretensiosa, e puxei minha mochila para mais perto de mim.

— Ainda bem que nunca tiro da pasta. — Murmurei, enquanto puxava a Bíblia de dentro da mochila, com um gesto simples, mas já carregado de significado.

Ela me olhou com uma expressão curiosa. Eu podia ver a dúvida no olhar dela, mas também uma abertura. Algo nela se permitia a escutar, mesmo que estivesse em meio à tempestade interna.

— Você leva a Bíblia para todo lugar? — Ela perguntou, com um leve sorriso no rosto, mas o olhar ainda tenso.

Eu assenti, sem vacilar. Sabia que essa era uma boa hora para oferecer algo que fosse além de palavras vazias.

— Sim, sempre. — Respondi com uma calma que parecia ter se impregnado em mim ao longo dos anos. — Eu aprendi que é bom ter algo assim por perto, especialmente quando a vida fica difícil. Eu queria te mostrar uma passagem que me ajuda quando as coisas parecem sem saída.
Ela ficou quieta, observando, enquanto eu folheava as páginas até encontrar o versículo que queria

compartilhar. Ela parecia um pouco mais calma, talvez até um pouco mais receptiva, como se estivesse começando a perceber que eu não estava tentando ser invasivo, mas apenas oferecer algo que podia ser útil. Algo que talvez ela não tivesse pensado antes.

— Romanos 8:28. — Falei, a voz suave. — “Sabemos que Deus faz todas as coisas cooperarem para o bem daqueles que O amam, dos que foram chamados de acordo com o Seu propósito.”

Ela leu as palavras com atenção, os olhos se movendo devagar pelas linhas, absorvendo. Eu a observei, sabendo que aquelas palavras poderiam fazer mais do que qualquer consolo superficial.

— Eu sei que, agora, tudo parece sem sentido. A dor, a perda… E parece que, por mais que você ore, nada muda, nada melhora. — Falei, olhando para ela com sinceridade. — Mas essa passagem me lembra que, mesmo nas situações mais difíceis, Deus está trabalhando. Mesmo quando não vemos, Ele está transformando as coisas, não necessariamente da maneira que esperamos, mas de um jeito que só Ele sabe.

Eu podia ver o olhar de Amy suavizar um pouco, como se ela estivesse permitindo que a ideia se firmasse. As palavras não eram mágicas, não iriam apagar a dor dela. Mas eram verdadeiras. E isso, por si só, já começava a fazer diferença.
— Eu… nunca tinha pensado nisso dessa maneira. — Ela disse, quase em um suspiro, como se estivesse tentando encaixar as peças de um quebra-cabeça

— Sim. Não significa que tudo vai se resolver de imediato, mas significa que a dor que você está sentindo não é em vão. Deus vê. Ele sabe. E Ele vai te sustentar até que você consiga ver a razão por trás disso. Pode não ser hoje, pode não ser amanhã, mas Ele vai transformar a sua dor em algo que te fortaleça. — Respondi, com a certeza de quem já viu essa verdade agir na própria vida.

Ela ficou em silêncio por um momento, os olhos presos nas páginas da Bíblia. Eu sabia que ela estava processando tudo, tentando entender, tentar acreditar naquilo que eu estava dizendo.

— Eu oro por isso todos os dias. Mas, às vezes, parece que Ele está distante. — Ela murmurou, a voz ainda baixa, quase como um lamento. — E isso me faz sentir ainda mais sozinha.

— Você não está sozinha, Amy. — Falei, com a calma que vinha de saber que Deus nunca a deixaria. — Eu sei que a dor faz você pensar que está, mas não está. Ele está com você, mesmo quando parece que não está. E eu também estou aqui, sempre que você precisar.

Ela olhou para mim, a expressão um pouco mais serena agora, ainda tocada pela dor, mas com algo novo também: esperança.
— Obrigada, Chade. Por me lembrar disso. Por me mostrar que não estou sozinha. — Ela disse, o olhar mais tranquilo, ainda guardando a dor, mas agora com um pequeno consolo.
Eu sorri para ela, com um sorriso que falava mais do que palavras poderiam expressar.

— Você nunca vai estar sozinha, Amy. E Deus nunca vai desistir de você. — Falei, e era como se, com aquelas palavras, um peso invisível fosse compartilhado, um alívio silencioso que se fazia presente entre nós.

A chuva parou de vez lá fora, o som agora uma leve batida contra a janela. Dentro da sala, o silêncio parecia mais ameno, mais confortável. Não porque a dor tivesse desaparecido, mas porque agora ela sabia que, apesar de tudo, poderia seguir. E que não precisava carregar o peso sozinha.

# Capítulo 14

*(Delilah)*

O sol ainda não tinha chegado ao auge, mas já lançava seus raios mornos sobre a areia úmida da manhã. Caminhar pela praia com o Minjae ao meu lado me deixava com uma sensação que eu ainda não sabia nomear direito — um misto de calma e coração acelerado, como se cada passo no chão ficasse marcado dentro de mim, gravando o momento.

Ele tinha sugerido: “Que tal irmos à praia hoje? Só nós dois.” E, de repente, minha semana inteira parecia girar em torno daquela manhã. Senti meu estômago apertar de uma forma estranha quando

concordei, fingindo naturalidade enquanto meu coração batia com força dentro do peito, como se quisesse sair correndo da minha caixa torácica.

A areia estava fria nos meus pés descalços, e cada grão que se agarrava à minha pele me lembrava que eu estava ali, de verdade, com ele. Minjae parecia confortável, caminhando com passos longos, os olhos azuis absorvendo a paisagem sem pressa, mas, ao mesmo tempo, lançando-me olhares rápidos, quase imperceptíveis, que me faziam corar.

— É bom, né? — ele disse, a voz baixa, quase tímida, enquanto olhava para o mar.

Assenti, tentando parecer despretensiosa, mas a verdade é que minhas mãos tremiam ligeiramente. O som das ondas quebrando na areia soava como uma música calma, e eu me peguei prestando atenção em cada detalhe: o cheiro salgado da água, o vento que bagunçava meu cabelo, o rastro que deixávamos na areia molhada.

— Sempre que venho aqui, parece que tudo o resto some — continuei, como se estivesse tentando não mostrar o quanto queria que ele notasse o quanto aquela manhã significava para mim.

Minjae sorriu, de um jeito que fez meu coração dar um pulo. Um sorriso simples, quase tímido, mas que carregava algo a mais — atenção, cuidado, algo que me deixava flutuar. Ele pegou uma concha do chão e a girou entre os dedos antes de me mostrar:

— Olha essa, parece uma miniatura de oceano.

Peguei a concha com cuidado, sentindo a textura áspera e fria. Segurei-a por alguns segundos, e por algum motivo, parecia que ele estava tentando me dizer algo através daquilo, uma mensagem silenciosa que só nós dois entendíamos.

Ficamos alguns minutos andando em silêncio, apenas ouvindo as ondas e o vento. O céu estava começando a se tingir de tons alaranjados e rosados, e a luz suave refletida na água parecia iluminar um mundo só nosso. Cada passo ao lado dele me fazia sentir como se estivesse flutuando, mas sem perder o contato com a realidade — cada detalhe do momento ficaria guardado dentro de mim.

— Que tal passar no mercadinho ali perto? — Minjae apontou para uma pequena rua que levava a um lugar simples, mas acolhedor. — Podemos pegar algo pra comer.

Senti uma pontada de felicidade. Era bobo, mas simples gestos assim me deixavam encantada. Concordei, e seguimos juntos, meus dedos roçando os dele vez ou outra sem que nenhum de nós mencionasse. Cada toque parecia carregar uma centelha que fazia meu corpo inteiro despertar.

O mercadinho era pequeno, com prateleiras de madeira desgastada, cheias de frutas, pães e garrafinhas de suco. Minjae caminhava comigo lentamente pelos corredores, e cada olhar que ele lançava para mim era como se tentasse ler meus pensamentos. Eu me peguei sorrindo sozinha, sem perceber, enquanto escolhia algumas frutas, tentando não encarar diretamente os dele olhos — mas era impossível não perceber o jeito como ele me

observava, com paciência e interesse genuíno.

Quando chegamos ao caixa, ele pagou pelas frutas com um sorriso discreto, e senti meu coração disparar de novo. Havia algo em vê-lo ali, tão natural, tão próximo, que me deixava sem fôlego.

Na saída, o sol já estava mais alto, aquecendo minha pele. O caminho de volta para a praia parecia mais curto, e nós caminhávamos lado a lado, conversando sobre coisas pequenas — sobre as cores do céu, sobre o cheiro do mar, sobre a sensação de areia entre os dedos. Mas mesmo nas palavras mais simples, havia um silêncio compartilhado, uma intimidade que eu sentia profundamente.

Quando começamos a nos afastar da praia para voltar para o campus, a mochila com as frutas balançando entre nossas mãos, percebi que algo dentro de mim tinha mudado. Aquela manhã com ele não era apenas uma caminhada na praia — era um começo, um passo silencioso em direção a algo que eu mal podia compreender, mas que sentia com cada célula do meu corpo.

O vento ainda bagunçava meu cabelo, as ondas ainda quebravam suavemente na costa, e eu sorria sozinha, guardando cada detalhe daquele dia como se fosse um segredo precioso.

E, no fundo, eu sabia: minha vida com Minjae acabava de ganhar um novo capítulo, e eu estava pronta para vivê-lo, mesmo sem saber exatamente onde tudo aquilo iria nos levar.

Caminhávamos de volta para o campus, os passos

ainda marcados na areia que começava a esquentar sob o sol. Ele carregava a mochila com as frutas que compramos no mercadinho, e eu percebia cada detalhe dele — o jeito que ele franzia levemente a testa ao caminhar, o contorno dos lábios quando falava, os dedos que seguravam a alça da mochila com firmeza, mas de um jeito quase distraído.

— Sabe… — começou ele, olhando para o horizonte antes de me encarar, os olhos azuis refletindo a luz do sol — eu estava pensando em algo que poderíamos fazer mais tarde.

Senti meu coração apertar. O “mais tarde” dele sempre carregava um certo peso de expectativa, e eu me peguei sorrindo antes mesmo de saber o que ele queria dizer.

— É? — perguntei, tentando parecer casual, embora a ansiedade me dominasse.

— Sim… — Minjae respirou fundo, e eu pude notar o pequeno sorriso que se formava nos cantos da boca dele. — Tem um restaurante que eu gosto muito. Nada muito sofisticado, mas… é aconchegante, sabe? Tem aquele clima que faz você esquecer do mundo por algumas horas. Eu queria te levar lá.

Meu peito disparou. A ideia dele me incluir naquele espaço especial era ao mesmo tempo empolgante e assustadora — no melhor sentido.

— Eu adoraria ir — sussurrei, quase sem perceber, e ele riu baixinho, um som que me fez sorrir involuntariamente.

— Então vamos — disse ele, com aquela calma que sempre me deixava em paz. — Mas eu pensei… antes de irmos, podemos parar num lugar tranquilo e conversar um pouco? Queria saber como você se imagina daqui uns anos.

Senti minhas bochechas esquentarem. A conversa sobre o futuro sempre me deixava vulnerável, porque eu não sabia exatamente o que esperar dele, mas sabia que cada palavra que ele ouvia de mim seria preciosa.

— Bom… — comecei, olhando para a linha do mar à nossa esquerda, tentando organizar meus pensamentos. — Eu ainda nem sei direito. Mas eu quero viajar, conhecer lugares, trabalhar com algo que me faça feliz… E você?

Minjae sorriu, olhando para mim com aquele jeito calmo, quase estudando cada traço do meu rosto.

— Eu também quero viajar, mas quero construir algo sólido, sabe? Ter um lugar que eu chame de nosso… e, se possível, ter ao meu lado alguém que faça tudo isso valer a pena.

Meu coração quase parou. Cada palavra dele parecia um sussurro direto para dentro de mim, e eu senti minhas mãos suarem levemente, tentando controlar a intensidade das minhas emoções.

— Sério? — perguntei, tentando parecer firme, mas minha voz falhou um pouco.

— Sim — respondeu ele, e seus olhos se encontraram com os meus de um jeito que não dava

para desviar. — Por isso eu pensei… que poderíamos começar com algo simples hoje. Um jantar naquele restaurante que eu gosto, você e eu, sem pressa, sem planos além de aproveitar o momento.

Sorri, e uma sensação de felicidade pura me invadiu, misturada com uma pontada de nervosismo gostoso. Era como se cada passo, cada palavra, cada toque de mãos tivesse um significado novo, carregado de possibilidades.

— Eu adoraria — disse finalmente, e ele estendeu a mão para mim, suave, como quem convida para uma dança sem música.

Segurei a mão dele, e senti um calor percorrer todo o meu braço. Era simples, era delicado, mas naquele instante parecia que o mundo inteiro se resumia à sensação de estar ali, com ele, e à promessa silenciosa de tudo o que ainda poderia vir.

— Então vamos — disse ele, sorrindo daquele jeito que sempre me fazia perder a noção de mim mesma.

Caminhamos lado a lado, a areia quente sob os pés, a brisa do mar bagunçando meus cabelos, os sons suaves das ondas misturados com o farfalhar das folhas das palmeiras na rua de saída da praia. Cada detalhe parecia perfeito, como se o universo inteiro tivesse conspirado para que aquele momento acontecesse.

Chegamos ao restaurante no final da tarde. A luz do sol já começava a se pôr, tingindo o céu de tons dourados e rosados, refletindo suavemente nas

janelas de vidro do lugar. Shade abriu a porta para mim, e o cheiro de pão recém-assado, ervas e um toque sutil de mariscos me envolveu imediatamente. Era aconchegante, com mesas de madeira clara e cadeiras acolchoadas, velas pequenas acendendo uma luz cálida em cada canto. Parecia o tipo de lugar que você queria que durasse para sempre, onde cada detalhe fazia você se sentir seguro e tranquilo.

Na volta para a praia, Minjae se sentou na areia, tirou o violão da mochila e começou a tocar algumas músicas. Eu me sentei ao lado dele, rindo quando ele cantava desafinado de propósito, imitando cantores famosos.

— Ei, você tá tentando me assustar com isso? — perguntei entre risadas.

— Não, é meu jeito de te entreter! — ele respondeu, rindo junto. — Mas agora, sério, vou te mostrar uma música que compus. É boba, mas engraçada.

E ali ficamos, o som do violão misturado com o barulho das ondas, as risadas constantes e as piadas improvisadas. Conversamos sobre tudo e nada: aulas, professores, memórias estranhas da infância, como seria se um dia tivéssemos que sobreviver numa ilha deserta. Cada conversa, cada improviso musical, cada gargalhada parecia preencher o dia de algo que eu nunca tinha sentido antes — a amizade verdadeira, leve e divertida.

Quando minjae parou de tocar, olhou para mim com aquele sorriso de satisfação e disse:

— Sabe, depois de tudo isso, estava pensando… que tal continuarmos a diversão num restaurante que eu adoro? Nada chique, mas tem uma comida boa e risadas garantidas.

Sorri, animada. — Parece ótimo! — respondi, já imaginando a nossa competição de quem faz caretas mais engraçadas durante o jantar.

Chegamos ao restaurante no final da tarde. A luz do sol já começava a se pôr, tingindo o céu de tons dourados e rosados, refletindo suavemente nas janelas de vidro do lugar. Shade abriu a porta para mim, e o cheiro de pão recém-assado, ervas e um toque sutil de comida caseira nos envolveu imediatamente. Era aconchegante, com mesas de madeira clara e cadeiras acolchoadas, velas pequenas acendendo uma luz cálida em cada canto.

— Eu amo este lugar — ele disse, sorrindo de um jeito brincalhão. — Vem, reservei uma mesa perto da janela. Assim podemos rir e ver o pôr do sol ao mesmo tempo.

O som das conversas baixas dos outros clientes misturava-se com uma música suave ao fundo, quase imperceptível. Nós nos sentamos, e ele retirou a cadeira para mim — um gesto simples, mas que, na nossa brincadeira constante, virou piada:

— Viu só? Você tem que agradecer ao meu “serviço de hotelaria particular”!

— Obrigada, Sr. Min — respondi, fazendo uma reverência exagerada e arrancando gargalhadas dele.

O garçom nos entregou os cardápios, mas Shade já parecia decidido.

— Você precisa experimentar a massa com frutos do mar daqui — disse ele, os olhos brilhando. — É a melhor para nos fazer rir e comer ao mesmo tempo, porque você vai tentar mastigar rápido e rir das minhas piadas.

— Então vou confiar em você — respondi, rindo.

Enquanto esperávamos a comida, continuamos nossa conversa boba e divertida: quem conseguiria fazer a careta mais estranha, histórias dos professores mais excêntricos, memórias de infância que pareciam impossíveis. Cada risada, cada comentário idiota, cada olhar trocado de cumplicidade reforçava a amizade leve que tínhamos.

A comida chegou, trazendo aromas deliciosos. A massa estava perfeita, e mesmo nas pequenas gafes de tentar falar enquanto ríamos, Minjae se divertia ainda mais.

— Eu te disse — comentou, rindo da minha careta de quem tentava comer sem engasgar. — Isso é amizade de verdade: massa e risadas.

— Sabe, Amy… — ele começou, olhando para mim com uma seriedade suave — eu sei que ainda estamos descobrindo quem somos, mas… gosto da ideia de ter você por perto nesses momentos. Mesmo nos simples, mesmo nos silenciosos.

Meu coração quase explodiu. Eu queria falar, queria dizer tantas coisas, mas tudo o que consegui foi sorrir, e senti minhas bochechas queimarem.

— Eu também gosto disso — murmurei, minha voz quase se perdendo na música e no tilintar dos talheres.

Conversamos sobre tudo e nada ao mesmo tempo. Sobre aulas, professores, projetos, sonhos… Mas também sobre coisas pequenas, como o jeito que o vento bagunça meu cabelo, ou como eu adorava o som das ondas. Cada frase, cada olhar, cada gesto parecia desenhar um mapa secreto de nós dois, um território que ninguém mais conhecia.

Quando o céu começou a escurecer, e a luz suave das velas ficou mais evidente, Minjae pegou minha mão por um instante.

— Hoje foi perfeito — disse ele, a voz baixa e sincera. — Quero mais dias assim. Só nós dois, sem pressa, sem distrações.

Sorri, sentindo uma onda de calor percorrer meu corpo. Cada palavra dele era como se o tempo tivesse parado, como se aquele momento pudesse se estender eternamente.

— Eu também — respondi, sentindo minhas mãos se apertarem nas dele, quase sem perceber.

O relógio na parede marcava pouco mais de sete e meia da noite, mas parecia que estávamos suspensos fora do tempo. As últimas cores do pôr do sol desapareciam no horizonte, e a noite começava a

tomar conta do céu, trazendo um silêncio acolhedor, quebrado apenas pelo som das conversas baixas e do garçom limpando mesas ao fundo.

Saímos do restaurante mais tarde, já quase noite, mas o mundo parecia mais leve, mais bonito, como se cada passo que dávamos juntos fortalecesse uma conexão que estava apenas começando a se revelar. A brisa da noite trouxe consigo o cheiro do mar distante, misturado com o aroma das velas que ainda queimavam nas janelas do restaurante.

E eu percebi, com uma clareza tranquila e assustadora ao mesmo tempo, que aquele dia — cada detalhe, cada toque, cada sorriso — seria lembrado para sempre. Porque, ao lado de Shade, eu descobria que o futuro podia ser algo para se esperar ansiosamente, e não apenas algo incerto.

E, enquanto caminhávamos de volta pelo caminho que levava ao campus, eu sabia que estava exatamente onde deveria estar.

# Capítulo 15

*(Amy)*

Acordei com o cheiro de bolo recém-saído do forno. Não era um cheiro comum naquele apartamento tranquilo, silencioso demais desde a morte da minha mãe. Era o tipo de aroma que preenchia cada canto, como se quisesse aquecer o que o tempo esfriou. O quarto ainda estava meio escuro, mas a luz tremeluzente da vela escapava pela fresta da porta.

— Parabéns pra você… — ouvi a voz do meu pai, tímida, quase envergonhada por tentar.

Ele entrou com um bolinho simples — baunilha com chantilly e morangos — exatamente como o que minha mãe fazia quando eu era pequena. Uma única

vela no topo. Acho que foi isso que apertou meu peito.

— Faz um pedido, filha — disse ele, tentando sorrir.

Fechei os olhos.

Meu pedido foi silencioso, quase secreto:

“Senhor, continua sendo meu consolo. Me guia… mesmo quando eu não sou forte.”

Assoprei a vela devagar.

A faculdade parecia igual a todos os outros dias: o barulho dos corredores, o arrastar de mochilas, conversas sobre provas, projetos, festivais culturais, estágios. Ninguém ali sabia que era meu aniversário.

Ninguém… exceto Delilah.

Ela me encontrou antes da aula de História da Arte, me puxou para um abraço longo e sussurrou

— Je t’aime. Que o Senhor continue te fazendo florescer.

O abraço dela era quente, quase familiar — talvez porque, de certa forma, ela também sentia falta de uma mãe.

Sorri, respirando fundo para não chorar.

Eu precisava daquele carinho.

Mas ao entrar na sala, algo me fez parar.

Sobre minha carteira havia um envelope dobrado com cuidado. Sem nome. Sem assinatura.

Sentei devagar e o abri.

Um cartão feito à mão.

O traço era preciso, sensível, profissional.

No desenho, um piano preto.

E no chão… uma garota sentada, de costas. Observando. Escutando.

Era eu.

Virei o cartão.

Meu coração bateu mais rápido.

Não sorri de imediato. Eu fiquei apenas… olhando.

Ser vista de verdade era raro.

Guardei o cartão entre as páginas do meu caderno de Literatura — bem ao lado do primeiro bilhete que ele me dera: *“Continue escrevendo.”*

Naquele instante, não imaginava que alguns dias depois tudo desmoronaria um pouco.

Mas, por enquanto… havia bolo.

Havia um cartão.

Havia alguém que me ouvia mesmo em silêncio.

Isso bastava.

Depois das aulas, segui pelo corredor central da faculdade, cansada pela prova difícil da manhã. Ao passar pelo estúdio de música, estranhei o piano coberto com o pano escuro. Chade não estava ali — o que era raro.

Continuei andando, mas a sensação de que algo estava errado não saiu do peito

Mais tarde, indo para a sala de Projetos Interdisciplinares, passei pela escada de emergência — ninguém usava aquele caminho. O eco era sempre frio e vazio.

Mas, naquele dia, havia vozes.

Reconheci na hora.

Vanessa.

E Chade.

Meu corpo travou.

— Você precisa decidir, Chade — a voz dela saiu dura. — Isso não é só sobre você e ela. Você sabe que afeta muito mais coisa.

O coração martelou no meu peito.

A voz dele veio tensa, mais do que eu já ouvira:

— Eu sei o que estou fazendo.

— Sabe mesmo? — Vanessa rebateu. — Porque se ela descobrir, vai te odiar. E talvez com razão.

Um frio enorme percorreu minha coluna.

— Eu nunca menti pra ela… — ele disse num sopro. — Eu só… não contei tudo.

Meu estômago virou.

— Você não contou sobre o acordo com seu pai.

Sobre Genebra.

Sobre o tempo que ainda tem aqui.

Genebra.

Acordo.

Tempo contado.

Meu mundo pareceu se inclinar.

Não esperei ouvir o resto.

Saí dali rápido, segurando a respiração até chegar ao jardim dos fundos — onde costumávamos

conversar, rir, dividir opiniões sobre filmes, músicas, sonhos.

As sakuras do campus caíam com calma,
indiferentes ao caos dentro de mim.

Sentei no banco, abraçando os joelhos.

Não chorei.

Só… doeu

O piano dentro da sala parecia tocar dentro de mim, mesmo silencioso.

Na aula de robótica — a pior possível para ter logo naquele dia — eu tentava me concentrar, mas minha mente voltava sempre à escada

Ele estava ali, a algumas fileiras atrás.

Quieto.

Tenso.

Eu podia sentir os olhos dele sobre mim.

Mas eu não conseguia olhar de volta.

Abri o caderno e encontrei o bilhete do cartão.

“Obrigado por sempre ouvir — mesmo quando eu não falo.”

O sorriso que veio foi triste.

Escrevi no canto da página:

“Bonito não é suficiente se não for verdadeiro.”

E fechei o caderno como quem fecha a porta de um quarto que ainda cheira a lembranças.

No intervalo, fui sozinha ao jardim.

O banco estava frio.

Ele observava de longe.

Eu sabia.

Mas eu não estava pronta.

Na saída, ele se aproximou devagar.

— Amy… você tem um minuto?

Respirei fundo.

— Você vai pra Suíça? — perguntei direto.

Ele engoliu seco.

— Eu ia te contar. Eu só não sabia como. Ou quando.

— Mas você soube escrever bilhetes. Fazer desenhos. Orar comigo. — minha voz falhou. — E não soube como dizer isso?

— Eu tive medo de perder o que estava ficando real entre a gente — ele disse olhando para o chão, como se encarasse a própria culpa.

Meu peito queimou.

— Eu não queria promessas. Só verdade — respondi, firme. — Era só isso.

Ele ficou em silêncio.

E eu me virei.

Deixei o banco vazio pela primeira vez em semanas

Na saída da faculdade, o fim do dia parecia pesado demais para os meus ombros. O céu estava nublado, quase como se refletisse exatamente o que eu sentia.

Eu só queria ir pra casa. Só isso.

Quando atravessei o portão principal, vi meu pai encostado no carro, com as mãos nos bolsos do casaco. Ele ergueu o rosto quando me viu — não com aquela expressão distante e educada que eu sempre conheci, mas com algo diferente… preocupado. Verdadeiramente preocupado.

— Amy… — Sua voz saiu baixa, carregada de cuidado raro

Tentei manter minha expressão neutra, mas meus olhos denunciavam o caos que eu segurava dentro do peito.

Ele deu um passo na minha direção.

Eu hesitei.

— A Delilah me mandou mensagem — ele disse, com aquele jeito torto de quem não sabe bem como

entrar no assunto. — Falou que você não parecia bem.

Eu fechei os olhos por um instante. A garganta apertou.

— Pai… — comecei, mas minha voz falhou.

Ele percebeu. E antes que eu pudesse decidir recuar, ele colocou uma mão leve no meu ombro. Depois, devagar, me puxou para perto.

Eu não esperava aquele abraço. Não daquele homem que sempre manteve tudo tão organizado, tão calculado, tão… distante.

Seu peito era firme e quente, e pela primeira vez em muito tempo, senti que ele não era apenas uma figura ali, mas meu pai. De verdade.

Meu corpo tremia só um pouco — de cansaço, de frustração, de tudo o que eu tinha guardado.

— Filha… — ele murmurou, apertando-me com mais força. — Eu sei que eu falho, às vezes. Talvez muitas vezes. Mas eu tô aqui. Tá bom? Eu tô aqui.

O mundo desabou dentro de mim.

Apoiei a testa no ombro dele, sentindo aquele nó enorme começar a se desfazer. Não chorei alto. Só deixei uma ou duas lágrimas escaparem, silenciosas, como se pedissem permissão.

— Eu tentei ser forte hoje… — sussurrei.

— Você não precisa ser forte o tempo inteiro — ele respondeu. — Nem comigo.

Aquelas palavras doeram de um jeito bom. Um jeito de cura.

Ele se afastou só o suficiente para olhar meu rosto.

— Quer ir direto pra casa? — perguntou. — Ou prefere dar uma volta primeiro… falar, não falar… como você quiser. Eu só quero estar com você hoje.

Respirei fundo. Pela primeira vez, senti que talvez ele estivesse tentando de verdade. Não com gestos grandiosos, mas com presença. E isso, pra mim, valia mais.

Assenti devagar.

— Vamos pra casa.

Quando entrei no carro, senti o cartão no bolso da mochila. O desenho. As palavras. O peso.

Mas, pela primeira vez naquele dia, o peso não estava esmagando tanto. Talvez porque agora… havia um lugar seguro para descansar. Nem que fosse só por alguns minutos

Meu pai deu partida no carro, mas antes de seguir, falou baixinho:

— Feliz aniversário, Amy. Eu sei que não sei ser perfeito… mas eu te amo. Muito.

Meus olhos se encheram de novo. Não respondi com palavras. Apenas segurei sua mão por um instante.

Não era a resolução de todos os meus problemas.

Mas era um começo.

E, naquele momento, isso era suficiente.,

# Capítulo 16

*(Delilah)*

O sol da tarde entrava em feixes dourados pela janela, pintando meu quarto com aquele brilho dourado que deixava tudo com cara de lembrança bonita. O ar cheirava a café com baunilha — culpa das minhas velas aromáticas — e a bagunça de sempre espalhada pelo chão: tecidos, lápis, tesouras, revistas antigas de moda e alguns manequins pequenos que eu estava reformando.

Amy estava sentada no tapete, pernas cruzadas, curvada sobre o papel, desenhando com uma concentração que eu raramente via. Ela sempre desenhava bem, mas hoje seu traço parecia… profundo. Como se cada linha fosse um alívio. Ou uma fuga.

Eu a observava em silêncio. Sempre observei. Desde que tínhamos doze anos e rabiscávamos vestidos nos cantos do caderno da escola.

Mas hoje havia algo no olhar dela… um cansaço quieto. Um peso que ela fingia não sentir.

Era impossível não pensar no que aconteceu com Chade.

Amy podia sorrir — e ela sorria — mas havia um buraco dentro daquele sorriso. Eu sabia. Ela carregava a dor da briga como quem esconde um machucado debaixo da roupa: ninguém vê, mas cada movimento dói.

Eu queria poder arrancar essa dor dela. Queria gritar com o Chade. Queria fazê-los resolver logo.

Mas não era assim que as coisas funcionavam.

— Isso está ficando lindo — comentei, só para quebrar o silêncio. — Tem cara de editorial francês.

Ela levantou o olhar devagar. Sorriu. Mas foi um sorriso curto, meio cansado.

— É só um rascunho… mas obrigada.

Sorri de volta, mas senti meu peito apertar.

Se Chade visse esse sorriso… talvez parasse de hesitar. Talvez parasse de fugir.

Antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, ouvi o celular dela vibrar. Eu soube exatamente o que era. Ela também soube.

O resultado do programa de estágio internacional da faculdade.

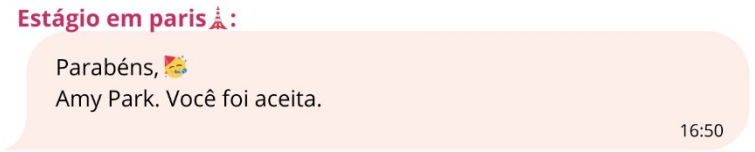
Era o sonho dela desde o primeiro semestre. Trabalhar com moda na Europa por alguns meses, aprender com estilistas grandes, ver outro mundo.

Ela segurou o celular como se pesasse mais que o normal.

— Chegou… — murmurou.

Fiquei sem ar enquanto ela abria.

A mensagem era curta, objetiva.




Por um segundo o quarto ficou mudo.

Depois, eu explodi.

— VOCÊ PASSOU! MEU DEUS, AMY!! — pulei em cima dela, abraçando, sacudindo os braços, gritando sem vergonha nenhuma

Ela ria, se deixava girar comigo, as bochechas coradas daquele jeito que sempre denunciava a alegria verdadeira. E eu, mesmo em meio à comemoração, pensava:

“Será que ela vai viver esse sonho mesmo… ou o coração ainda vai ficar preso ao que aconteceu com Chade?”

Mal tive tempo de processar. Meu celular vibrou. Meu resultado.

Abri.

“Lamentamos informar…”

A frase me atravessou como uma lâmina.

O chão pareceu desabar debaixo de mim.

Tentei sorrir. Tentei engolir o nó na garganta. Mas a lágrima caiu antes que eu conseguisse evitar.

Amy percebeu na hora. Ela sempre percebe. Ela sempre vê.

— Ei… — Olha pra mim.

Eu tentei desviar, mas ela segurou meu rosto com as duas mãos.

— Delilah, isso não muda nada. Nada.

A gente vai viver isso juntas. Nem que seja depois. Nem que seja de outro jeito. Você vai tentar de novo. Deus vai abrir outro caminho. E eu vou estar com você.

Aquelas palavras quebraram o que restava da minha resistência.

E aí ela me abraçou tão forte que eu senti que ela estava falando a verdade e que torceria por mim.

Chorei nos braços dela. E, pela primeira vez em muito tempo, senti que tudo que eu deveria fazer era… deixar ela cuidar de mim também.

Quando consegui respirar, ela sorriu fraco.

— De, você sempre foi minha âncora. Hoje deixa eu ser a sua.

E eu deixei.

Porque, por mais que o mundo tentasse nos separar, nossas histórias sempre voltavam uma pra outra.

À noite, já mais calma, ficamos no meu quarto conversando.

Amy estava sentada na cama, encolhida num canto, abraçando um travesseiro. Eu estava no chão, costurando distraidamente a barra de um tecido.

Foi ela quem quebrou o silêncio.

— Eu… conversei com o meu pai hoje cedo — disse de repente.

Levantei o olhar na hora.

Ela raramente falava dele. E, quando falava, não era com facilidade.

— Sobre o quê? — perguntei suave.

Amy respirou fundo.

— Sobre nós. Sobre… ele não estar presente. Sobre tudo que ficou apertado entre a gente na minha adolescência.

O meu peito doeu por ela.

— E…? — incentivei.

— Ele me abraçou.

Ela disse isso tão baixinho, tão vulnerável, que meus olhos arderam.

— De verdade? — sussurrei

Ela assentiu, mordeu o lábio para não chorar.

— Não foi perfeito. Ele ainda é meio duro… não sabe falar direito sobre sentimentos. Mas ele tentou. Ele disse que quer fazer melhor. E eu… acho que perdoei um pedaço dele.

Um sorriso se formou nos meus lábios.

— Amy… isso é enorme.

Ela abaixou o olhar.

— Eu sei. Mas dói. Um abraço dele… me deu um tipo de paz que eu não esperava. Como se… como se Deus estivesse recolocando peças que eu nem sabia que estavam fora do lugar.

Meu peito se apertou.

Ela sempre me desmonta com as coisas que sente.

Mas então veio o nome que eu sabia que chegaria.

— Delilah… — ela respirou fundo. — Sobre o Chade…

Eu larguei a agulha.

— Tô ouvindo.

Ela olhou para as próprias mãos.

— Eu ainda tô magoada. Muito. Eu sei que ele tinha medo, eu sei que ele não queria me perder… mas… — a voz falhou — quando você guarda algo assim da pessoa que você gosta… machuca. Machuca muito.

Eu apenas fiquei em silêncio. Às vezes, ouvir é mais sagrado do que aconselhar.

— Eu não sei se consigo olhar pra ele do mesmo jeito — ela continuou. — Não sei se quero ficar longe. Não sei se quero me aproximar. Não sei nada.

Ela riu sem humor.

— E eu odeio não saber.

— Amy… — me aproximei, sentando ao lado dela. — Você não precisa decidir hoje. Nem amanhã. É muita coisa ao mesmo tempo. Seu pai, o estágio, o Chade, você mesma. Leva um dia de cada vez.

Ela recostou a cabeça no meu ombro.

— Você acha que… existe chance de consertar?

— Eu acho que existe chance de Deus consertar — respondi. — Que é ainda melhor.

Ela sorriu fraco.

— Minha mãe sempre dizia isso…

Segurei a mão dela.

— E ela estava certa. Ele cuida. Mesmo quando a gente não vê.

A verdade é que, por dentro, eu também estava magoada com o Chade.

Ele feriu alguém que eu amo.

E eu não sabia se confiava nele o suficiente para acreditar que ele faria certo desta vez.

Mas… eu também sabia que a vida ama surpreender.

E Deus, mais ainda.

Mais tarde, já quando a noite tinha tomado o quarto e só a luminária estava acesa, Amy deitou no meu colo e ficou mexendo no meu colar. Era um hábito antigo. Desde crianças.

— Del… — ela chamou baixinho.

— Hm?

— Obrigada por hoje. Por tudo.

Eu passei a mão no cabelo dela.

— Eu sempre vou estar aqui. Até quando você não precisar mais.

E ainda quando precisar de novo.

Ela sorriu, fechou os olhos, e pela primeira vez em dias… parecia respirar inteira.

E, mesmo com a dor dela, a minha incerteza sobre Paris, e o futuro completamente bagunçado… senti uma paz enorme ali.

Eu sabia:

antes de qualquer moda, viagem, sonho ou paixão…

Nós éramos casa uma para a outra.

E Deus estava construindo algo em nós — mesmo que ainda não estivesse pronto.

E isso… era suficiente.

À noite, já no meu quarto, fiquei olhando para o teto. As luzes da cidade entravam pela cortina, e eu só conseguia pensar nela. Na minha melhor amiga, que agora tinha Paris pela frente… mas ainda tinha Chade preso no coração.

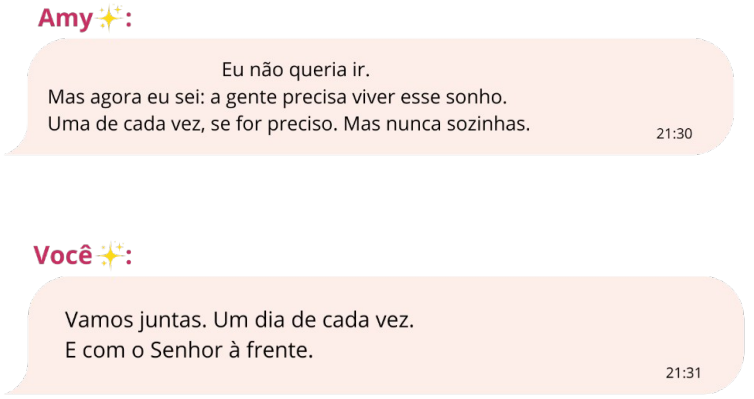
Doía ver. Doía porque eu sabia que ela era forte, mas também sabia que até os fortes sangram quando ninguém vê.

Peguei o celular e pensei em escrever para Minjae. Ele sempre tinha uma calma diferente, sempre me lembrava de olhar para as coisas com fé. Eu não escrevi — não ainda —, mas imaginei o que ele diria se me ouvisse agora:

“Delilah, você não precisa carregar o peso da Amy. Só precisa estar ao lado dela, apontando para Deus quando ela esquecer o caminho. O resto… Ele faz.”

Sorri sozinha, só de imaginar a voz dele.

Mas veio um barulho no meu celular:




Mas meu coração ainda latejava de preocupação.

Porque no fundo, mais do que sonhar com Paris, mais do que sonhar com ateliês e passarelas, tudo o que eu queria era ver Amy livre. Livre da dor, livre da mágoa. E eu sabia: só Deus podia dar isso a ela.

Enquanto isso, eu estaria aqui. Ao lado dela. Mesmo que fosse chorando em silêncio, enquanto ela aprendia a sorrir de **novo**

# Capítulo 17

*(Minjae)*

O corredor estava cheio de vozes, risadas e passos apressados, mas nada daquilo me distraía do livro que eu segurava. Era uma leitura densa, dessas que exigem atenção. Ainda assim, bastou um som diferente para que eu erguesse os olhos.

Delilah vinha caminhando na minha direção.

Era estranho como ela sempre parecia deslocada da pressa dos outros. Enquanto todos corriam, ela caminhava. Enquanto o mundo fazia barulho, ela trazia silêncio.

Mas havia algo diferente naquele silêncio dela. Não era calma. Era peso.

— Bonjour, Delilah — falei, num tom leve, brincando com o francês que ela tanto gostava.

Ela sorriu, mas o sorriso não alcançou os olhos.

“Ela está preocupada.” O pensamento me veio sem esforço. Eu já tinha aprendido a ler seus gestos: a

forma como seus dedos brincavam com o tecido da saia, o olhar que evitava se prender em algo por muito tempo.

— Você parece preocupada — arrisquei. — É com a Amy, não é?

Ela assentiu, e então as palavras começaram a sair. Primeiro devagar, depois como uma enxurrada. Falou sobre a aceitação de Amy em Paris, falou do sonho, mas logo a sombra de Chade entrou no meio. O medo de que a briga tivesse arrancado algo que não poderia voltar.

Eu apenas ouvi. Não havia nada a acrescentar enquanto ela despejava o coração em minha frente. Era como observar alguém tentando segurar água entre os dedos: quanto mais ela tentava controlar, mais escorria.

Quando finalmente parou, respirei fundo.

— Você não precisa ter medo por ela — disse.

Ela desviou o olhar, como quem não acreditava muito. Eu continuei, firme, mas sereno:

— Não é sua responsabilidade curar o coração da Amy.

Os olhos dela brilharam, e por um instante temi que tivesse sido duro demais. Mas a verdade não pede licença.

— Deus não se perde em brigas humanas — acrescentei. — O que é Dele, permanece. Talvez não no tempo que vocês esperam, mas permanece.

Ela me olhou. E naquele olhar havia tanta delicadeza, mas também um vazio pedindo resposta. Eu quis dizer mais, quis dizer que ela não precisava carregar o mundo nos ombros porque eu estava ali. Mas contive. Algumas coisas não precisam ser ditas — pelo menos não ainda.

— Você fala como se fosse fácil — ela disse, quase sorrindo.

— Não é. Mas é simples.

O sinal tocou. O corredor virou um redemoinho de passos e mochilas se chocando. Mas nós dois ficamos imóveis por alguns segundos, como se aquele espaço fosse nosso.

Enquanto caminhávamos lado a lado para a sala, pensei em algo que não disse em voz alta:

Delilah se preocupa tanto com Amy porque tem medo de que a amiga se quebre. Mas quem iria dizer a ela que ela também podia se quebrar? Que ela também precisava de alguém que a lembrasse de descansar?

Quis ser esse alguém.

E, silenciosamente, fiz esse voto dentro de mim.

O movimento no corredor seguia frenético, mas quando eu fechei meu armário e olhei para Delilah, pareceu que o mundo desacelerou. Era sempre assim com ela. Um contraste vivo entre graça e inquietação.

Passei o livro de uma mão para outra e caminhei ao lado dela pela rampa que levava ao pátio interno.

— Você quer sentar um pouco? — perguntei. — Só… respirar?

Ela assentiu. Descemos as escadas e fomos até o jardim onde as árvores pequenas faziam sombra no fim da tarde. Os outros alunos riam, corriam, faziam vídeos, mas nós dois encontramos um banco vazio. Ali, o caos virava ruído de fundo.

Delilah ajeitou a saia sobre os joelhos, mas o gesto era automático. O olhar estava longe.

— Ela conversou comigo ontem — disse, finalmente.

Meu peito se apertou.

Amy. Claro.

Delilah continuou:

— Ela… teve um momento com o pai. Um daqueles que você não espera mais que aconteçam. Ele abraçou ela, Minjae. *Abraçou mesmo*, sabe? Como se estivesse pedindo desculpa sem palavras. Ela tava tremendo — e Delilah sorriu, com canto de tristeza. — Disse que não lembrava da última vez que o pai tinha abraçado ela desse jeito.

Eu respirei fundo, tentando imaginar a cena.

Amy, frágil e forte ao mesmo tempo, cercada por silêncios familiares que sempre a machucaram mais que gritos.

— Isso é bom — falei com cuidado. — Deus às vezes reconstrói laços quando a gente já até desistiu deles.

Delilah concordou, mas o olhar dela escureceu de novo.

— Mas depois ela falou do Chade.

Ah.

Então era isso.

Ela entrelaçou os dedos como quem tenta segurar algo que escapa.

— Ela disse que doeu ver que ele escondeu a história de ir para a Suíça. Não porque ele vai… mas porque não confiou nela. Disse que tentava não pensar, mas quando deita… volta tudo. Ela sente falta dele, mas sente raiva também.

Eu fiquei em silêncio.

Às vezes, o silêncio é a única resposta madura.

Delilah suspirou, exausta:

— Ela pediu desculpa por “desabafar demais”. Imagina. Logo pra mim… eu quero ouvir tudo. Só que… eu senti que ela tava se segurando. Como se tivesse medo de se desmontar.

Ela esfregou o polegar na lateral do banco.

— E eu fiquei com medo. Medo dela se perder tentando ser forte

Eu a observei por alguns segundos. A forma como falava, como cuidava, como carregava os outros. Havia tanto amor ali… e também tanto peso.

— Delilah — chamei, com suavidade. — Você não pode impedir os outros de sentirem dor. Nem de errar. Nem de quebrar.

Ela desviou o olhar.

— Mas eu posso estar junto — insistiu.

— Pode — respondi. — E você faz isso melhor que qualquer pessoa que eu conheço. Mas… você não pode salvar ninguém. Só Deus salva.

Os olhos dela ficaram úmidos. Ela piscou rápido, disfarçando.

— Eu sei. Mas às vezes… eu sinto que se eu não segurar ela, ela afunda.

— E se for você que está cansando de nadar? — perguntei, devagar.

Ela congelou.

Era como se ninguém nunca tivesse dito isso a ela.

— Delilah… quem segura você?

Ela abriu a boca como se fosse responder, mas a voz não veio. Baixou o olhar, perdida em um ponto na grama.

Eu me inclinei um pouco, mas sem invadir o espaço dela.

— Você cuida tanto de todo mundo que esquece que também é humana. Que também sente. Que também precisa de descanso. Não faz mal precisar de alguém. Não é fraqueza.

Ela respirou fundo, tentando se recompor.

— Eu tenho Deus — disse, quase como uma defesa.

— Sim — sorri de leve. — Mas às vezes Ele coloca pessoas ao nosso lado pra dividir o peso… e você ignora essas pessoas.

Ela engoliu seco.

Eu sabia que ela entendeu.

Ficamos assim por um momento, o vento bagunçando os cachos dourados dela, os meus livros apoiados no colo, e uma paz estranha pairando entre nós — mistura de vulnerabilidade e revelação.

Delilah limpou os olhos com um gesto rápido e respirou fundo.

— Obrigada… por falar isso — murmurou. — Ninguém fala comigo desse jeito.

— Posso continuar falando, se quiser — respondi, com um sorriso pequeno

Ela corou.

E desviou o olhar rapidamente.

O sinal tocou.

Os estudantes se levantaram, reclamando.

Nós dois ficamos mais um instante sentados, como se o mundo tivesse esquecido de nos chamar.

— Minjae — ela disse quando levantou — … obrigada por me lembrar que eu não preciso ser forte o tempo inteiro.

— Você não precisa — confirmei. — Você só precisa ser verdadeira.

Ela respirou fundo, assentiu e caminhou ao meu lado rumo ao prédio principal.

Enquanto subíamos os degraus, pensei na promessa silenciosa que fiz a mim mesmo mais cedo:

Se o mundo estivesse pesado demais para ela, eu repartiria o peso. Mesmo que ela nunca soubesse.

Mesmo que um dia ela não me quisesse mais por perto.

Mas, naquele momento, bastava isso:

Caminhar com ela.

Um passo de cada vez.

E orar para que ela também aprendesse a descansar em alguém — nem que fosse em mim, um dia.

O resto do dia passou arrastado. As aulas, os corredores, os grupos conversando animadamente… tudo parecia seguir num ritmo diferente do meu. Minha mente ainda estava presa ao que Delilah

tinha me dito — àquela preocupação silenciosa que ela tentava esconder com gracejos, mas que vazava pelos olhos.

E, no fundo, uma pergunta latejava:

“E o Chade? O que ele está fazendo com essa dor toda?”

A resposta veio antes do esperado.

Quando saí para o pátio da universidade, ouvi o som de um piano ecoando pelo corredor da ala de artes. Não era raro que alguém fosse treinar no fim da tarde, mas havia algo diferente naquela música.

As notas não fluíam — elas *caíam*.

Pesadas. Irregulares. Rasgadas.

Como se o pianista estivesse tentando tirar do teclado algo que doía demais para ser dito em voz alta.

Meu passo acelerou automaticamente.

Quando empurrei a porta da sala 32, lá estava ele: Chade, sentado diante do piano, o corpo tenso, os ombros rígidos, batendo nas teclas com força demais para alguém que sempre tocava como se tivesse nascido para aquilo.

Ele nem percebeu que eu entrei.

A música terminou abruptamente, como se ele tivesse desistido no meio.

— Cara… — falei, cruzando os braços. — Você tá tocando piano como se ele tivesse te ofendido.

Chade ergueu os olhos, surpreso, e soltou um riso seco, sem humor.

— Minjae, agora não.

— Agora sim — respondi, me encostando no batente da porta. — Porque se você continuar socando as teclas desse jeito, o piano vai pedir demissão.

Ele passou a mão pelos cabelos e respirou fundo, aquele tipo de respiração que não acalma ninguém — só denuncia o cansaço.

— Eu estraguei tudo — murmurou.

— Com a Amy? — perguntei, embora já soubesse a resposta.

Ele assentiu, olhando fixamente para as próprias mãos, como se elas fossem culpadas

— Eu devia ter contado antes. Sobre a Suíça. Sobre o acordo com meu pai. Sobre tudo. Mas aí… ela apareceu na minha vida do jeito que apareceu. E eu só queria aproveitar o tempo, sabe? Sem pensar no relógio correndo atrás de mim.

— Não contar é uma forma de mentir — falei com cuidado.

Ele me lançou um olhar irritado.

— Eu sei disso. Não precisa repetir.

Mas eu continuei:

— E você ainda espera que ela confie em você como antes?

Chade ficou em silêncio. O tipo de silêncio que quebra.

Abaixou a cabeça outra vez, pressionando as palmas contra os olhos, tentando impedir que a realidade escapasse pelas frestas.

Eu me aproximei devagar, sentando no banco ao lado dele.

— Você gosta dela — disse.

Ele soltou um suspiro curto, como se tivesse sido atingido.

— Eu… não sei como parar de gostar.

—Você deveria pedir ajuda para o Senhor... talvez seja hora de começar a ser honesto. De verdade. Não só com ela — acrescentei. — Com você mesmo também.

Chade riu, amargo.

— Você fala como se fosse fácil

— Não é. Mas é simples — respondi, repetindo a frase que tinha dito para a Delilah mais cedo. — O que é verdadeiro sempre encontra caminho. Mas só se você parar de correr.

Ele ficou quieto por um tempo longo, tão longo que o tique do relógio da parede parecia preencher todo o espaço

Por fim, olhou para o piano, depois para mim.

— Você acha… que ainda tem chance?

Pensei na Amy. No olhar quebrado que ela tentava esconder. Nas páginas do caderno que ela fechou como quem tenta fechar um ferimento.

E pensei na Delilah, que amava Amy como uma irmã e estava esgotada de medo.

— Chance? — respondi. — Sempre tem. Mas não é você quem decide o tempo. E não é você quem recupera o coração dela sozinho.

Ele engoliu seco.

— Então… o que eu faço?

— Começa confessando. Para Deus. E depois para ela. Sem floreio. Sem piano. Sem bilhetes lindos tentando consertar o que você quebrou. Só a verdade. Minjae... começa a orar, se ela for a pessoa que Deus esta preparando a você, ele vai construir o lugar, a hora, o momento, onde o caminho de vocês dois vai se cruzar!

Chade assentiu devagar, como se aquele simples gesto pesasse mais do que deveria.

Levantei-me, bati de leve no ombro dele e disse:

— E, por favor… para de descontar a culpa no piano. Ele realmente não fez nada.

Um sorriso fraco apareceu no rosto dele. O primeiro do dia.

E enquanto eu ia saindo, ouvi as primeiras notas suaves surgirem outra vez.

Dessa vez… não pareciam gritar.

Pareciam pedir perdão

# Capítulo 18

*(Amy)*

A universidade estava mais silenciosa do que de costume.

Não era só o som — era o ar, o clima, o jeito como os corredores pareciam ecoar diferente. Como se o prédio inteiro soubesse que tudo estava prestes a mudar. Um silêncio que parecia saber mais do que eu.

Arrastei os dedos pelos armários, como quem se despede de um lugar que foi casa e também prisão. O uniforme parecia apertar mais do que o normal — como se não fosse mais meu. Como se nunca tivesse sido.

As vozes dos professores soavam diferentes. Menos como lições, mais como adeus disfarçados. A rotina seguia, mas tudo nela parecia prestes a desabar.

Delilah me esperava no pátio dos fundos, sentada com aquele jeito dela de parecer bem, mesmo quando não estava. Duas latas de chá gelado entre as mãos — e um brilho nos olhos que eu conhecia bem. O tipo de brilho que tenta esconder tristeza atrás de empolgação.

— Último dia. O que a gente faz com isso? — ela perguntou, tentando soar leve.

Sentei ao lado dela. Dei de ombros.

— A gente respira. E tenta não pensar demais.

Ela riu. Eu também. Mas o riso morreu rápido — como tudo que tenta sobreviver a um fim.

— Não pensar demais? Você? — ela provocou, ainda rindo. — É impossível.

E era mesmo. Pensar demais era meu jeito de existir.

A pausa veio carregada demais.

— Vai falar com ele? — ela perguntou, mais séria agora.

Desviei o olhar. Meus dedos foram direto para o anel no meu dedo — aquele gesto automático de quando eu não sei o que responder.

— Não sei se ele quer que eu fale — murmurei.

Ela não respondeu de imediato. Mas quando olhei para ela, vi. Aquele olhar que empurra, mesmo quando dói. Que diz vai, mesmo quando você não quer ir. E fui.

O sol já caía quando subi pro segundo andar. Cada passo no corredor era pesado, como se os pés soubessem pra onde estavam indo, mas o coração ainda não

A sala de música estava com a porta entreaberta. O som do piano vinha lá de dentro — hesitante, meio quebrado. Era como se alguém estivesse tentando falar, mas ainda não soubesse como.

Era ele. Chade.

Estava sozinho, de costas. A postura caída, os ombros pesados. Tocava como se os dedos fossem a única parte dele que ainda aguentava sentir

Encostei no batente da porta. Não entrei.

— Você ainda vem aqui — disse, mais pra mim do que pra ele.

Ele parou, mas não se virou.

— É onde as coisas fazem mais sentido — respondeu.

E eu entendi. Mesmo assim

— E mesmo assim… você não me contou — dei um passo à frente, sem saber se queria ir mais longe.

Ele se virou. Devagar. Os olhos estavam tensos, mas calmos. Quase tristes demais pra suportar.

— Eu não contei porque achei que se eu não dissesse em voz alta… talvez não fosse real.

Assenti. Porque eu entendia. Mas doía igual.

— Paris não me assustava — falei, tentando não deixar a voz tremer. — O que me assustou foi perceber que você podia esconder isso de mim. Que confiava em mim…

Ele baixou os olhos.

A distância entre nós era pequena, mas parecia enorme. Como se um oceano tivesse se aberto no meio da sala.

— Eu nunca parei de confiar — ele disse, com esforço. — Só… não sabia como continuar sem perder você.

Senti os olhos arderem, mas me mantive firme.

— E agora?

— Agora… acho que só resta respeitar o tempo. E orar pra que Ele cure o que a gente ainda não sabe consertar.

Um vento frio entrou pela janela. Uma partitura caiu no chão, flutuando até parar aos meus pés.

Me abaixei, peguei. Li o título: *Sem nome.*

— Essa é nova? — perguntei, devolvendo a folha

— É pra quando eu não consigo dar nome ao que sinto — ele respondeu.

Fiquei em silêncio. Tinha tanta coisa entalada na garganta. Mas nenhuma palavra parecia certa.

Virei-me pra ir embora. Quase no fim da porta, me virei só com a voz:

— Você vai tocar amanhã?

— Se você estiver ouvindo, sim.

Parei. Só por um segundo. Só o suficiente pra deixar a verdade escapar:

— Eu sempre estive ouvindo. Só esperei que você falasse.

E fui.

Deixei ele lá — com o piano, as partituras e tudo que não foi dito.

E levei comigo o silêncio de tudo o que ainda morava entre nós.

Risos, flashes, abraços.

A energia da formatura — da *conclusão da faculdade* — era contagiante, mas para mim, tudo parecia desacelerar quando olhei para Chade.

Havia uma calma quase tímida entre nós, como se estivéssemos em um mundo à parte, mesmo rodeados de tanta agitação.

Nos juntamos para uma última foto. Segurei a beca com firmeza, sentindo o tecido como uma armadura — não para me proteger dos outros, mas para me proteger do turbilhão de sentimentos que surgiam no peito.

Ao meu lado, Delilah sorria, o tipo de sorriso que segura nossos sonhos mesmo quando tudo parece se mover rápido demais. Ela sempre foi meu apoio, minha constante, minha parceira silenciosa em tudo.

Chade estava ali, com o olhar calmo, observando cada detalhe ao seu redor. Parecia estar pronto para partir para Paris, como se a cidade inteira estivesse esperando por ele, mas, por algum motivo, seu olhar ainda me encontrava em meio à multidão.

E eu sabia que, de algum jeito, meus passos me levariam para lá também — seguindo meu próprio caminho, mas carregando cada memória dos dias tranquilos que compartilhamos.

Antes de nos separarmos, ele segurou minha mão com um cuidado quase reverente, como se temesse

quebrar a delicadeza daquele momento. O toque era leve, mas firme, e o calor que senti me lembrou de tudo o que passamos juntos — as conversas no pátio, as risadas nos corredores, os momentos silenciosos que diziam mais do que qualquer palavra poderia.

— Se for pra lembrar de mim, lembra dos dias tranquilos — disse ele, a voz baixa, quase um sussurro.

Sorri, olhando nos olhos dele.

— É deles que eu vou sentir mais falta — respondi.

A despedida foi calma. Nenhuma promessa exagerada, nenhuma pressa. Apenas um momento delicado, onde o toque das nossas mãos dizia tudo o que precisávamos.

Enquanto Chade se afastava, meus olhos seguiram cada passo dele.

Senti a mistura estranha de tristeza e esperança, de nostalgia e expectativa.

E descobri que o fim de algo não precisa ser dramático para ser inesquecível.

Que a vida pode seguir, mas algumas pequenas luzes continuam acesas dentro de nós — lembrando de quem fomos e do que fomos capazes de sentir.

Os aplausos começaram, e uma voz anunciou que haveria uma última apresentação musical.

Meu coração soube antes de eu entender.
O piano.

Chade caminhou até ele com a mesma calma de sempre.
Sentei, como todos, mas por dentro, era como se o tempo tivesse parado.

As primeiras notas soaram — e eu reconheci.
*Sem nome.*
A mesma melodia que ouvi da porta da sala de música.
A mesma que eu não entendi no dia, mas agora parecia falar diretamente comigo.

Era uma música sem pressa.
Sem dor.
Cheia de pausa, como se cada intervalo dissesse “eu ainda estou aqui.”

Fechei os olhos.
Deixei o som me alcançar.
E, por um instante, a confusão se dissolveu.
Não havia mais distância, nem mágoa, nem o medo de ter perdido algo.
Havia apenas o som.
E o som era paz.

Quando abri os olhos, ele estava de cabeça baixa, o rosto tranquilo.
Não me olhou — não precisava.
O silêncio entre nós dizia o que nenhuma palavra conseguiria.

Aplausos.
Luzes.

Despedidas.
Olhei pra ele uma última vez antes de sair.
E, no meio de toda aquela multidão, percebi:
alguns amores não precisam de confissão pra existirem — basta o som certo, no momento certo.

Do lado de fora, o ar da noite parecia mais leve.
Caminhei até o portão, tentando gravar cada detalhe — o barulho dos risos, o cheiro de chuva que vinha de longe, o peso doce do fim.
Mas antes que eu atravessasse a rua, ouvi passos atrás de mim.

— Espera! — a voz dele.

Parei, mas não me virei.
O som dos passos diminuiu até parar a poucos metros de distância.
Por um segundo, pensei que ele fosse dizer algo — qualquer coisa que quebrasse o que havia entre nós.
Mas ele não disse.

— Eu só... — começou, e a voz falhou. — Eu só queria que você soubesse...

Fechei os olhos.
O vento levou o resto da frase, como se o mundo não quisesse que eu ouvisse.
Fiquei ali, imóvel, respirando fundo, tentando não virar.

Quando finalmente me afastei, senti o peso do silêncio dele atrás de mim.
Um silêncio triste, resignado — o tipo que entende quando já é tarde demais.

Chade ficou parado por um tempo, olhando o caminho que eu segui.
Os ombros caídos, as mãos nos bolsos, o olhar perdido.
E ali, sob as luzes fracas do pátio, percebeu que alguns finais não vêm com portas batendo, nem gritos — só com a distância quieta de quem não consegue mais voltar.

# Capítulo 19

*(Delilah)*

O céu daquela tarde tinha a cor exata do meu nervosismo — um azul quase branco, esticado demais, como se estivesse prestes a rasgar. Eu fiquei parada na porta de casa, mexendo no bracelete no meu pulso, tentando organizar a confusão aqui dentro. Paris. Moda. Estágio. Eu

deveria estar eufórica. E eu estava… mas não só eufórica.

Quando o carro do pai da Amy entrou na rua, meu coração deu um salto.
Amy vinha no banco da frente, com as malas ocupando mais espaço do que ela.
E, ainda assim, o que mais chamava atenção era o olhar dela.

Cansado.
Saudoso.
Assustado.
E firme.
Tão firme que quase doía olhar.

Eu acenei, respirando fundo.

O pai dela desceu primeiro. Um homem grande, de expressão sempre contida. Ele tinha um jeito silencioso de demonstrar amor — desses que seguram mais do que dizem. Quando olhou pra mim, suavizou o rosto.

— Cuidem-se… e cuidem uma da outra, Deus abençoe vocês, queridas — disse, sem rodeios.

Amy saiu do carro e quando o pai dela a abraçou, eu quase desviei o olhar.

Ele segurou o rosto dela por um instante.
Vi o brilho nos olhos dele.
E vi o dela se quebrando aos poucos, mas ela engoliu tudo. Como sempre fazia.

— Qualquer coisa, me liga, eu te amo filha! — ele murmurou, com a voz falhando só no final.

Ela assentiu.

E então ele foi embora.

E eu senti — foi ali que a viagem começou de verdade.

Quando Amy entrou em casa, minha mãe praticamente se jogou nela, como se reencontrasse uma filha perdida.

— Minha menina! — exclamou, abraçando Amy forte, embalando ela no colo como se ainda tivesse dez anos. — Trouxe tudo? Passaporte? Casaco? Comida? Remédio?

— Tia, eu não tô indo pra guerra — Amy riu, mas o riso saiu meio trêmulo.

— Pra Paris é quase a mesma coisa!

Eu revirei os olhos.

— Mãe…

— O que foi? — ela rebateu. — Alguém nessa casa precisa agir como uma adulta.

Amy gargalhou e eu senti meu peito aquecer.
Ela precisava disso.
Desse abraço.
Desse barulho.
Desse lar que não era o dela, mas que já era.

Subimos pro meu quarto carregando três malas, dois travesseiros extras e todas as emoções possíveis embaixo do braço.

Quando fechei a porta, Amy soltou um suspiro tão grande que parecia ter guardado por semanas.

— Del… amanhã — ela murmurou, se jogando na minha cama. — É amanhã.

— Não me lembra — falei, sentando ao lado dela. — Eu ainda tô tentando fingir que dá tempo de desistir.

Ela me olhou como quem recebe um soco de surpresa.

— Desistir?

Eu ri.

— Brincadeira, Amy. Mas… é real, né? A gente realmente vai.

Amy ficou quieta por um instante, encarando o teto.

— Tem uma parte de mim que acha que o mundo vai desmoronar se eu entrar naquele avião — confessou.

Senti um aperto tão familiar que quase me tirou o ar.

— Por causa da sua mãe? — perguntei baixinho.

Ela fechou os olhos.

— Também. Sempre também. Mas… não é só isso.

Ela virou o rosto pra mim, e aquele olhar — aquele olhar — dizia tudo o que as palavras não davam conta.

Chade.
Paris.
O que fica.

O que vai.
O que machuca.
O que muda.

Eu entendi sem precisar pedir.

Quando começamos a organizar a mala dela, a bagunça emocional virou bagunça física. E, de algum jeito, isso facilitou.

— Você precisa MESMO de cinco casacos? — perguntei, erguendo um sobretudo bege.

— Preciso. Nunca se sabe quando vou surtar com o clima.

— Amy, é primavera.

— E ser dramática é minha marca registrada.

Ri tão alto que minha mãe gritou lá da cozinha:

— O QUE QUEBRARAM?

— Só a sanidade da Amy! — respondi.

— Eu nunca tive! — ela rebateu.

E as duas gargalharam juntas.

Meu quarto ficou cheio de tecidos, maquiagem, sapatos e decisões complicadas sobre vestidos.

Até que, em um momento de silêncio inesperado, Amy segurou uma blusa preta nas mãos e murmurou:

— Será que ele vai lembrar de mim lá na Suíça?

Meu coração apertou, doeu, torceu, mas eu fui sincera.

— Ele seria idiota se não lembrasse. E, mesmo tentando, não conseguiria.

Ela abaixou a cabeça.

— Eu não sei se quero que ele lembre… ou se quero esquecer.

— Isso é normal — respondi, organizando os perfumes dela. — É o preço de sentir. E a gente sempre sente mais do que deveria.

Amy respirou fundo.
Profundo demais.

— E você? — ela perguntou.
— Eu?

Ela me olhou com aquele sorrisinho que ninguém além dela sabe fazer.

— O Minjae.

Minha voz travou.
Ela sabia.

— Amy… não começa.

— Só estou dizendo: o jeito que você fala dele é diferente.

— Eu falo normal.

— Você fala… como quem tenta esconder alguma coisa.

Eu joguei uma meia nela.
Ela riu.

Mas a verdade ficou ali, pairando no ar.

Na hora do jantar, minha mãe preparou mesa como se fosse Natal.
Velas.
Guardanapo bonito.
Sobremesa que ela só fazia em ocasiões especiais.

— Mãe, é só uma viagem — reclamei.

— Só uma? — ela respondeu, colocando a travessa no centro da mesa. — É o início da vida de vocês. E vocês vão brilhar! Com a graça do Senhor. E eu quero fazer parte disso.

Amy abaixou o olhar, emocionada do jeitinho que só ela fica quando recebe amor sem pedir.

Minha mãe tocou a mão dela.

— E sua mãe… — ela disse, com a voz suave — … estaria tão, mas tão orgulhosa.

Amy engoliu seco.
Eu também.

E ninguém falou mais nada por alguns segundos.

Porque era o tipo de silêncio que abraça.

Dormimos tarde… ou fingimos dormir tarde.

Na verdade, ficamos falando por horas, deitadas lado a lado, como no ensino médio, mas com corações muito mais cansados.

Falamos de moda.
De Paris.
De saudade.
Falamos de tudo.
Falamos de nada.
Ficamos quietas quando doía.
Rimos quando doía também.

E, em algum momento, com a luz já apagada e só os carros da rua iluminando o teto, Amy murmurou:

— Obrigada por ser casa pra mim.

Meu peito se apertou de um jeito tão profundo que quase chorei.

— Obrigada por me escolher pra dividir Paris — respondi, virando de lado para olhar ela. — Eu prometo que vai dar certo. Mesmo que doa. Mesmo que assuste.

# Capítulo20

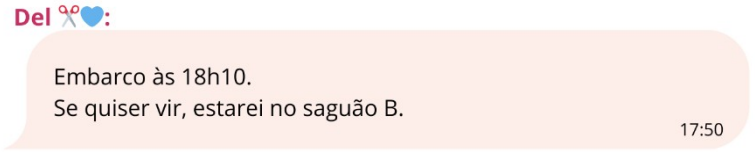
*(Minjae)*

Tudo no aeroporto parecia mais alto, mais rápido, mais distante do que eu lembrava.
O som das malas batendo, o arrastar apressado dos passos, os anúncios ecoando em coreano e inglês, os sorrisos forçados de despedida — tudo isso criava um ruído de fundo que eu não conseguia ignorar. Mas nada disso era mais barulhento do que o que acontecia dentro de mim.

O coração batia em um ritmo irregular, como se cada batida dissesse “ainda dá tempo” e, ao mesmo tempo, “é tarde demais”.
O cheiro de café queimado das cafeterias misturava-se ao perfume adocicado das lojas duty free. As pessoas passavam por mim apressadas — famílias inteiras, casais rindo, crianças puxando malas coloridas. E eu, ali no meio, sentia como se fosse o único parado num mundo que não esperava ninguém.

Andava rápido, meio sem direção, tentando achar a saída certa do metrô até o terminal. As luzes brancas do teto piscavam levemente, refletindo no piso de mármore liso, e cada reflexo parecia uma memória que eu queria esquecer, mas não conseguia.

Revisei a mensagem umas dez vezes no caminho:




Sem emoji. Sem “por favor”. Sem despedida. Só isso.
Parecia Delilah. E ao mesmo tempo… parecia tão longe da Delilah que eu conhecia.

Quando finalmente a vi, o tempo fez uma pausa que doeu.
Ela estava parada perto de uma das janelas amplas do terminal, com o sol da tarde atravessando o vidro e pintando o cabelo dela de dourado. Parecia uma cena fora do tempo — serena e distante, como um retrato que alguém esqueceu de guardar.
O rosto concentrado, os olhos fixos na pista de decolagem. O passaporte nas mãos, entreaberto, como se ela tivesse medo de fechá-lo.

Ao lado dela, Amy. Sempre presente. Sempre firme. Eu tinha uma relação silenciosa com Amy — um respeito estranho, como se ela fosse guardiã de uma parte da Delilah que eu nunca conseguiria alcançar. E talvez fosse mesmo.

Me aproximei devagar. Cada passo parecia uma contagem regressiva.
Amy percebeu primeiro. Tocou no braço de Delilah com leveza, falou algo que eu não ouvi, e então se afastou, discreta.
Delilah demorou a se virar. Quando o fez, nosso olhar se encontrou — e o mundo ao redor simplesmente perdeu o foco.

Foi como encarar uma versão de mim mesmo que ainda não tinha superado nada.

Ela sorriu. Um sorriso pequeno, contido, cheio de memórias e de coisas que não precisavam ser ditas. Respondi com o mesmo gesto, mas senti o peito apertar de um jeito que quase doeu respirar.

— Você realmente vai — falei, a voz mais rouca do que eu esperava.
— Eu realmente vou.

A resposta dela era firme, mas havia algo ali. Uma hesitação breve no olhar. Um traço de cansaço. Ou de resistência. E eu nunca soube ao certo o que era.

Por um instante, o barulho do aeroporto se dissolveu.
Tudo o que restou foi o som distante de uma música que alguém ouvia em fones, o zumbido das esteiras rolantes, o tilintar de um sino de loja ao lado.
E o coração — sempre ele — batendo descompassado.

Quis dizer que ela estava linda. Quis dizer: “Fica, nem que seja só mais um pouco.”
Mas isso morreu na garganta.

Ela deu um passo mais perto, e o cheiro do perfume dela me envolveu. O mesmo que usava nas apresentações da faculdade. Floral, discreto, com aquele fundo amadeirado que permanecia mesmo depois que ela ia embora.
Aquele cheiro sempre foi uma despedida anunciada.

— Não quero que isso pareça um adeus definitivo — ela disse, baixinho. — Só… um até logo sem data certa.

A voz dela era calma, mas tremia nas bordas.
Mordi a parte interna da bochecha, desviei o olhar para o chão lustrado, onde os reflexos do pôr do sol se misturavam com as sombras das pessoas passando. E então voltei a encarar ela.

— E se o tempo mudar tudo? — perguntei.

Não era provocação. Era medo. Medo puro.

Ela não respondeu de imediato. Mordeu o lábio inferior, pensou.
Quando falou, a voz soou diferente — mais madura, mais certa.
— Então que ele mude. E, se for pra durar, que a gente se reencontre mais maduros, mais certos… apenas o Senhor sabe dos planos dEle para nós.

Por um segundo, o ar pareceu sair do corpo.
Aquilo doeu. Doeu como uma página virada antes da última frase ser lida.

— Eu devia ter dito mais coisas antes — confessei. — Quando ainda dava tempo.

Ela tocou meu braço. Um toque leve, quase impessoal. Mas pra mim, foi tudo.
— Às vezes, o tempo que a gente acha que perdeu… só estava esperando a gente crescer.

O som do alto-falante cortou o ar:

“Última chamada para o voo 276, Paris–Charles de Gaulle.”

Então eu gelei.
O tempo tinha acabado.

Olhei pra ela com urgência, como se ainda pudesse pedir mais um minuto, mais uma palavra, mais um “fica”.
— Me promete uma coisa? — falei, com a voz trêmula.

Ela arqueou a sobrancelha, curiosa, tentando disfarçar o abalo.
— Depende do que for.

— Promete que, se um dia sentir que ainda tem algo aqui… você volta. Nem que seja só pra me dizer pessoalmente que acabou.

Delilah demorou. O olhar dela tremeu, e os lábios se entreabriram sem som.
Mas ela não desviou.
Assentiu devagar.
— Prometo.

Eu não sabia o que aquela promessa significava, de verdade. Mas era tudo o que tinha.

Então nós nos abraçamos.
Foi um abraço sem pressa, mas contido. Como se os dois tivessem medo de soltar rápido demais… ou de nunca mais soltar.
O corpo dela encaixou no meu de um jeito familiar, e por um instante, tudo o que era confuso fez sentido.
Encostei o rosto no ombro dela, fechei os olhos e memorizei tudo: a textura do casaco de lã, o perfume, o calor, o som abafado dos alto-falantes anunciando outro voo qualquer.
Como se pudesse guardar aquele instante pra quando ela não estivesse mais ali.

Ela se afastou primeiro, o olhar firme e doce.
— Cuida de você — disse.

Quis responder mil coisas, mas a garganta travou.
Tudo o que consegui dizer foi:
— Pode deixar.

Ela sorriu. Um sorriso que doía de tão calmo.
E foi.

Ficou o barulho do rodar da mala, o som da voz dela se perdendo entre as chamadas de embarque.
Fiquei parado, olhando a fila até não conseguir mais vê-la.
Mesmo depois de ela desaparecer, não me movi.
Parte de mim queria correr, gritar seu nome, pedir que ficasse.
Mas outra parte — a mais triste, e a mais lúcida — sabia que ela precisava ir.

Saí do aeroporto sem rumo.
O ar frio da noite me atingiu quando atravessei as portas de vidro. O cheiro de asfalto molhado

misturado ao querosene das aeronaves me fez fechar os olhos por um instante.
Luzes refletiam nas poças d’água, carros passavam em velocidade, e eu ali — parado, sozinho, com a alma latejando.

No metrô, sentei perto da janela.
O vidro mostrava meu reflexo misturado com as luzes do túnel.
Peguei o celular, abri o gravador de voz e comecei a tocar na tela, tentando montar os primeiros acordes que vinham à cabeça.
Notas simples, frágeis, mas cheias dela.

Salvei o arquivo sem pensar muito.
Nomeei apenas:
**Sem nome.**

Ainda.

Mas eu sabia pra quem era.
E, talvez, ela também soubesse.

# Capítulo 21

*(Delilah)*

Amy acordava cedo. Sempre antes de mim.

Eu escutava os passos leves dela pela cozinha, o barulho da chaleira, o ranger das janelas antigas sendo abertas para deixar Paris entrar. Aquela luz suave da manhã invadia nosso apartamento, iluminando tudo de um jeito quase cinematográfico — os tecidos jogados na poltrona, os lápis espalhados pela mesa, os croquis que viviam mais do que qualquer flor em vaso.

Paris era um caos bonito. E estavamos no meio dele.

Na maior parte dos dias, eu já estava no sofá quando ela voltava do quarto, com o cabelo preso de qualquer jeito e um brilho nos olhos que às vezes parecia resistência, às vezes só cansaço. Eu fingia que ainda rabiscava ideias pro desfile da faculdade, mas, na realidade, passava mais tempo observando

ela do que desenhando qualquer coisa que prestasse.

Amy e seus croquis. Ela “falava” com eles como quem conversa com uma parte de si mesma. Cada linha, um desabafo. Cada dobra, um detalhe da alma.

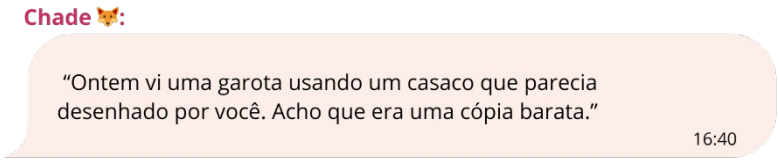
Eu percebia quando o dia dela começava bem — o café vinha com açúcar, e a playlist era mais leve. Mas também sabia quando algo não ia bem. Ela ficava mais calada. E hoje… hoje ela estava calada demais.

A notificação do celular dela tocou.

Vi o sorriso pequeno, rápido, surgindo no rosto dela. Não precisava perguntar. Era ele.

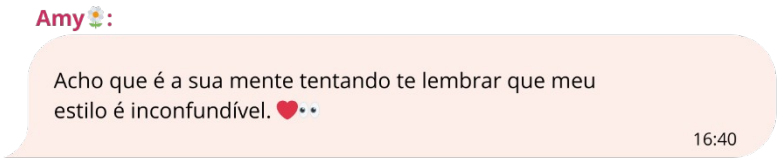
Chade.

Mesmo longe, ele ainda conseguia invadir o dia dela. E parte de mim queria achar isso bonito, mas outra parte — a mais cansada, talvez — só queria que ela parasse de esperar mensagens pra se sentir bem.




— ela leu pra si mesma, com aquele sorrisinho preso.

Respondeu na hora, com aquela ironia afiada que ela usava quando queria parecer mais forte do que estava.




Voltei a rabiscar. Mas observei.

Ela olhava o celular a cada cinco minutos depois disso.

E quando, horas mais tarde, a tela acendeu de novo com o nome dele — dessa vez, um vídeo — ela ficou imóvel por alguns segundos. Vi quando deu play. A música preencheu o ar. E o rosto dela mudou. Como se estivesse ouvindo alguma coisa que ninguém mais seria capaz de entender.

Mas o dia passou. E a música ficou pra trás.

Nos dias seguintes, Amy parecia… distraída demais.

Dizia que estava cansada, que era só a pressão das provas, o estresse do semestre. Eu fingia que acreditava, porque às vezes tudo o que a gente pode fazer é fingir.

Mas então eu vi.

A foto.

Ela tava no celular, parada no feed, olhando pra imagem como se o mundo estivesse desabando em silêncio.

Era Chade. Sorrindo ao lado de uma garota que nem eu, nem ela conheciamos.

A pose era casual, mas o olhar dela — o de Amy — ficou vazio.

Não perguntei nada. Mas vi o jeito como ela apertava o celular, como desviava o olhar, como fechou o aplicativo rápido demais. O nó no estômago dela era visível até pra mim.

E aí ela começou a se calar de verdade.

Foram dias de respostas curtas, olhares vazios pro caderno de desenho. Eu a via tentando rabiscar alguma coisa, mas não saía nada. E quando saía, ela amassava a folha antes mesmo que eu pudesse ver.

Eu sabia que ela queria falar com ele. Sabia que o coração dela batia num ritmo ansioso toda vez que o celular vibrava. Mas ela não falava nada. Só mergulhava no próprio silêncio, como quem se esconde de si mesma.

Aos poucos, ela parou até de tentar.

Deixou o celular de lado. E com ele, a esperança. Não me disse isso em voz alta — Amy não fala dessas coisas —, mas eu conhecia ela o suficiente pra entender o que não era dito.

Naquela noite, olhei pra ela do outro lado do sofá. Estava desenhando de novo, mas o traço era outro. Tinha raiva ali. Tinha dor. Tinha medo.

Eu queria dizer pra ela que às vezes o amor acaba antes de a gente perceber. Ou que às vezes ele muda tanto que a gente nem reconhece mais. Mas não disse. Só continuei ali, perto o suficiente caso ela precisasse. Longe o suficiente caso quisesse fingir que não.

E os dias seguiram.

Com Amy perdida em pensamentos.

Comigo tentando não deixá-la se perder de si mesma.

Esperando que o tempo — ou qualquer coisa — mostrasse um caminho de volta. Ou um caminho novo.

Amy olhou para o celular pela terceira vez naquela manhã, esperando uma mensagem que não chegava. Fazia dias que ela e Chade não se falavam direito — um silêncio sutil, mas pesado, fruto do turbilhão de trabalhos e provas que os dois enfrentavam nas faculdades em Paris e Zurique.

Eu estava na cozinha de nosso apartamento, quando olhei pra amy  parecia que seu coração havia se apertado de olhar para a tela do celular, não conseguia ver o que era, mas eu senti que aquilo doeu nela.

Ela passou dias e dias inteiros remoendo aquela imagem, na loja de tecidos, na máquina de costura, quando assistia a série dela...
Até mesmo eu estava curiosa sobre.
Durante uma semana, Amy evitou ligar, mandou poucas mensagens, até que a dúvida virou silêncio completo.
À noite, sentada diante do caderno de desenhos, ela rabiscava sem vontade, como se as linhas no papel não pudessem alcançar o que sentia.

Passado alguns dias, Amy e eu recebemos a notícia que alguns de nossos vestidos haviam sido selecionados para o primeiro desfile jovem em Milão.

Em uma tarde enquanto estávamos conversando sobre o ocorrido pelo celular, aparentemente, uma mensagem chegou para Amy, a qual ela me ligou para contar sobre, mas apenas me deixou na curiosidade e disse:

— Vamos sair para comemorar! — entusiasmada

O lugar era lindo, uma atmosfera rústica, móveis talhados a mão, um varal de luzes por fora, muitos doces apetitosos na vitrine e um cardápio de dar água na boca.

— o que achou?— disse Amy com aquele sorriso que fazia dês de pequena pra mim quando queria uma resposta positiva.

— é maravilhoso, mas o que aconteceu mesmo amiga? — respondi tentando parecer plena enquanto a curiosidade me corroía por dentro.

Ela esboçou um sorriso e respondeu — um designer famoso aqui de Paris, Patrício Albuquerque, elogiou nossas obras para uma empresa de lojas famosas e eles me enviaram dois convites como propostas para nós trabalharmos para eles— ela contou como se estivesse narrando um jogo de futebol de tão rápido.

Nunca pensei que aquilo poderia acontecer, minha mente demorou alguns segundos para responder, considerei tantas possibilidades de carreira para nós, mas tenho que confessar, essa nunca me ocorreu.

— Isso é maravilhoso Amy, o Senhor cuida de nós em todos os detalhes — respondi animada mas pensativa

Essa era a resposta de orações antigas e frequentes minhas e de Amy, após essa pequena conversa, ficamos nós duas pensativas e considerando muitos caminhos e possibilidades de seguirmos.

— Amy… acho que deveríamos pedir algo para comemorar então! — disse para dar uma descontraída

— claro, o que você acha de um bolo de morango, aquele que sempre sonhávamos em pedir, dês de pequenas, e agora podemos comer em frente a torre Eiffel — Amy relembrou com um sorriso no rosto.

— finalmente realizamos nosso sonho amiga, e permanecemos juntas, com a ajuda do Senhor— respondi agradecida a Deus.

Comemos, finalizamos uma conversa que foi esperada por muitos anos por nós, duas criancinhas sonhadoras, que mal esperavam que Deus realizaria seus sonhos.

# Capítulo 22

*(Amy)*

Acordamos cedo naquela manhã, ainda com o cheiro de croissants quentinhos que Delilah comprou na padaria de rua. Paris estava acordando devagar, como se a cidade respirasse antes de começar a correr. Eu me senti meio acordando junto com ela, mas com uma pontada de saudade no peito. Queria que Chade estivesse aqui, pelo menos para zoar comigo sobre quantos croissants eu estava prestes a comer.

Delilah e eu estávamos na sala do apartamento dela, cercadas por malas abertas, tecidos, roupas e esboços espalhados pelo chão. Era uma bagunça organizada — improvisada e charmosa, bem ao estilo dela. Eu me sentei no chão, apoiando o queixo nos joelhos e observando cada detalhe. Era impossível não me sentir grata por estar ali, mas meu coração ainda lembrava da minha mãe, e eu senti uma pontinha de culpa por rir tanto, sabendo que ela não poderia ver nada disso.

— Amy, você acha que vou conseguir colocar tudo nessa mala? — Delilah suspirou dramaticamente, segurando uma blusa de seda e tentando dobrá-la sem amassar.

— Ah, não sei… — respondi, rindo — Mas se você conseguir, vamos precisar de um caminhão para trazer minhas coisas também.

Ela me olhou, levantou uma sobrancelha e disse:

— Então é oficial: precisamos de mais malas.

Ri tanto que derrubei minha xícara de chá. Pequenos acidentes assim sempre me lembravam de casa, de quando minha mãe se irritava com a bagunça no café da manhã. Senti saudade dela de repente, mas sorri, tentando me concentrar no presente.

— Ótimo, começamos bem o dia — falei, pegando um pano para limpar — Nada como café derramado e caos de moda para animar uma manhã.

Enquanto dobrávamos roupas e tentávamos não perder nada, começamos a conversar sobre Chade. Senti meu peito apertar, uma mistura de saudade e preocupação.

— Sabe… — Delilah começou, pegando um vestido que eu tinha esquecido no chão — Eu ainda acho incrível como você consegue não surtar com ele. Eu provavelmente já teria jogado a bolsa na cabeça dele umas cem vezes.

— Haha! — dei uma risada nervosa — Eu tento… Mas às vezes, só às vezes, dá vontade. Ele é… difícil, Delilah. E ao mesmo tempo, impossível de não amar.

— Difícil ou impossível? — ela perguntou, olhos arregalados, esperando que eu me dramatizasse.

— Um pouco dos dois — respondi, rindo — É aquele sentimento que te deixa com borboletas no estômago e, ao mesmo tempo, um nó na garganta.

— Então você gosta de sofrer? — ela zombou, jogando um lenço sobre minha cabeça. Eu rolei os olhos, mas no fundo senti saudade de Chade de um jeito leve, misturado com risada.

— Não! Eu… eu só gosto dele. É diferente. — Falei, rindo, mas sentindo o aperto de saudade no peito.

Ela mudou de assunto, mas ainda manteve o tom divertido:

— E Minjae? Ele ainda é aquele conselheiro zen ou está tentando te convencer de que Chade não é tudo isso?

— Ele… — sorri, lembrando da calma dele — Ele tenta. Mas sabe, ele não quer que eu sofra. Ele só quer que eu enxergue que nem sempre o coração precisa resolver tudo de imediato.

— Zen demais — disse Delilah, querendo me ver explodir de ansiedade só para poder rir.

A tarde chegou rápido, e decidimos sair para explorar Montmartre. As ruas estreitas e inclinadas estavam cheias de artistas, cafés e turistas tentando tirar fotos com a Sacré-Cœur ao fundo. Senti uma pontada de nostalgia: eu queria que Chade estivesse aqui, mesmo só para me provocar com as expressões francesas erradas que ele provavelmente faria.

— Amy, olha essa lojinha de tecidos! — Delilah quase correu para a vitrine — Eu juro que se eu entrar aqui, vou sair com mais tecidos do que roupas no armário.

— Ahn… e você não vai querer fazer isso sozinha, né? — respondi, rindo — Vai me arrastar para um desastre fashion!

Entramos, e o cheiro de algodão, seda e tinta me deixou hipnotizada. Delilah começou a tocar cada tecido, comparando com os croquis que havia feito na universidade. Eu me sentei na beira de uma mesa e olhei para ela, encantada com a entrega dela, e pensando em como tudo aquilo parecia um sonho. Ao mesmo tempo, senti falta de casa — da minha mãe — e uma saudade de Chade me apertou o peito, leve, mas presente.

— Amy, eu realmente acredito que podemos criar algo incrível aqui

— disse Delilah, virando-se para mim com olhos brilhando — Tipo, um dia vamos ter nosso próprio ateliê. Quem diria que duas garotas do nada iam acabar em Paris, planejando isso?

— Eu sei… parece um sonho, mas também é assustador — respondi, sentindo aquela pontada de saudade da minha mãe. — Às vezes me pergunto se ela estaria orgulhosa ou rindo de mim, pensando: "Ah, minha garota está tentando dominar o mundo da moda!"

— Ela estaria orgulhosa, Amy. — Delilah segurou minha mão — Mesmo que estivesse rindo. Ela estaria orgulhosa de você, sempre.

— Obrigada… Del — murmurei, emocionada.

Mudamos de assunto com risadas, falando de coisas bobas: quem poderia vencer numa guerra de macarons, quem conseguiria equilibrar mais xícaras de café sem derrubar, e até quem dançaria pior em uma chuva repentina de Paris. Rimos tanto que atraímos olhares curiosos dos turistas, mas nem ligamos.

Paris não era só aquelas fotos bonitas que a gente via na internet. Já tinha cheiro de pão fresco, de café forte e de chuva leve molhando as ruas de paralelepípedo. Eu e Delilah caminhávamos pelo Marais, carregando mochilas cheias de papéis do estágio e uma empolgação que não cabia no peito. Uma saudade boa, uma nostalgia leve e um pensamento constante em Chade me acompanhavam, mesmo nos momentos mais engraçados.

— Amy, olha ali! — Delilah apontou para uma vitrine cheia de vestidos de verão — Olha só essa combinação de cores! É tipo… como se alguém tivesse pintado o arco-íris e colocado no manequim.

— Gente… se você entrar lá, eu vou ter que pedir falência — respondi, rindo — Já gastei metade do meu orçamento em cafés e macarons!

— Macarons não contam! — disse ela, dramática — São patrimônio da humanidade!

Ri alto e senti uma mistura de saudade e felicidade. Saudade de casa, de Chade, e felicidade de estar aqui, com Delilah, vivendo tudo isso juntas.

Paramos em um café minúsculo e pedimos chocolate quente. Ela já sabia que eu iria pedir três macarons junto.

— Então… como está lidando com o estágio? — perguntei, equilibrando xícara e macaron.

— Ah… é louco, Amy. Louco de um jeito bom e desesperador ao mesmo tempo — disse ela — Tipo, você tem que desenhar um vestido em 20 minutos e convencer a professora de que sabe o que está fazendo.

— E você consegue! — incentivei, sorrindo — Se fosse comigo, ia parecer que o gato da vizinha decidiu me ajudar com a pintura.

— Ai, para! — Delilah gargalhou — Mas sério, às vezes olho para os outros e penso: “Eles têm a vida inteira planejada e eu… estou tentando não derrubar o pote de glitter no chão.”

— E o que acontece se você derrubar o pote de glitter? — perguntei

— Paris explode? Ou só seu estágio termina com um arco-íris pegajoso no chão?

— Arco-íris pegajoso, com certeza — disse ela, rindo — Mas aí eu poderia dizer que foi arte conceitual!

Rimos tanto que algumas pessoas nos olharam estranho, mas nem ligamos. Era nosso momento. Entre risadas, ela começou a falar mais sério:

— Amy… você sente falta de casa? Da sua mãe? — perguntou, hesitante.

Engoli em seco. — Sinto… todos os dias. Mas aqui, com você, parece que a saudade se transforma em lembrança boa. Tipo… eu consigo sentir ela sorrindo pra mim de algum jeito.

Delilah tocou minha mão. — Eu sei, Amy. Mesmo longe, não está sozinha. Eu estou aqui, a gente se apoia sempre.

Ficamos em silêncio por alguns segundos, olhando o movimento da rua e os turistas que tentavam tirar fotos com a Torre Eiffel ao fundo. Então ela mudou o tom para algo mais leve:

— Então… e sobre Chade? Ele ainda está tocando piano como se tivesse ofendido o mundo?

— Haha! — ri — Ele está… do jeito dele. E você sabe que eu não consigo ficar brava com ele. Mas confesso que, às vezes, queria poder arrancar algumas preocupações do peito dele.

— Se você conseguir, me avisa, porque eu ia querer umas para mim também — disse Delilah, piscando — Minjae tá te dando conselhos ou só observando de longe, igual sempre?

— Ele… tenta me fazer ver as coisas com calma — respondi, sorrindo — Mas você sabe… quando é sobre Chade, ninguém consegue ser muito lógico.

— Verdade — concordou — Ah, lembra quando a gente quase se perdeu tentando achar o metrô no primeiro dia? Eu juro que se Paris fosse uma pessoa, ia estar rindo da gente agora.

— Rindo MUITO! — respondi, gargalhando — Aquela placa “Sortie” parecia escrita em código secreto

Delilah riu tanto que teve que se apoiar na mesa. Eu também, e percebi que o que tornava Paris tão especial não eram só as ruas ou os cafés, mas ela e eu juntas, rindo, conversando sobre tudo e nada, dividindo medo, saudade e sonhos.

— Amy… sabe o que é mais louco? — ela começou, com sorriso travesso — Eu nunca pensei que me sentiria tão… em casa, fora de casa.

— É mesmo — respondi, olhando para ela — É isso que torna tudo tão incrível. Paris é linda, mas a gente é ainda melhor juntas.

E assim seguimos, entre risadas, macarons, glitter imaginário e conversas que misturavam profundo e bobo, percebendo que cada dia aqui era uma nova chance de transformar saudade em alegria e incerteza em aventura.

No caminho de volta, sentadas no banco da praça, conversamos sobre Chade e Minjae, rimos das nossas trapalhadas, sentimos falta de casa, e nos lembramos que cada momento era precioso, pequeno demais para caber na memória, mas enorme no coração.

— Amy, você sente que conseguimos mesmo viver isso? — Delilah perguntou, séria, olhando para a Torre iluminada pela noite.

— Sim… e não — respondi, rindo triste — Sim, porque estamos aqui. Não, porque ainda sinto tanta falta de casa e de Chade… Mas você está aqui, e Paris também. Isso é incrível.

— Então vamos fazer disso incrível — disse ela, me dando um abraço apertado. — Cada dia, cada riso, cada desastre com tecido e cada croissant mal colocado.

E naquele abraço, senti que Paris não era só uma cidade, e não éramos só duas garotas longe de casa. Éramos duas sonhadoras, rindo, chorando, vivendo e criando memórias que iriam nos sustentar para sempre.

— Amy… amanhã, vamos nos perder de propósito? — ela perguntou, com sorriso travesso.

— Sim! — respondi, rindo — Mas dessa vez, com mapas, GPS e macarons de emergência.

E assim adormecemos, exaustas, com o coração leve, prontas para os próximos capítulos de Paris e da nossa vida juntas, mesmo com saudade de casa e de Chade batendo de leve no peito.

# Capítulo 23

*(Minjae)*

O fim da tarde em Paris tinha um tom mágico — o céu pintado em dourados suaves que se misturavam com o azul lavanda, criando uma atmosfera que parecia saída de um sonho.

No Campo de Marte, turistas capturavam cada ângulo da Torre Eiffel, encantados com a beleza da cidade. E eu só pensava em poder encontrar Delilah de repente. Sabia que ela estava em Paris por causa de Chade, que havia me contado, mas seria meio impossível pois Paris é uma cidade gigante, sabia que Paris era bonita, apenas por fotos, fui uma grande provisão de Deus eu ser um técnico de basquete e nosso time vir jogar aqui em Paris, talvez o Senhor realmente quisesse esse reencontro.

Eu não havia contado para Delilah que estava em Paris, não tinha o contato dela. — era um compromisso inesperado e delicado, e preferi manter o silêncio.
Fiquei apenas observando os turistas tirarem fotos e casais viverem suas felizes vidas em Paris, a cidade do amor.
De repente, como se fosse obra do destino, nossos olhares se encontraram.
O mundo ao redor pareceu silenciar, abafando os sons das vozes e passos apressados, como se o tempo tivesse desacelerado só para eles. Por um instante que durou uma eternidade, eu fiquei imóvel, e encarei Delilah, aparentemente ela havia me visto também. Nenhuma palavra foi dita, mas havia muito a dizer naquele silêncio.

— Minjae, Kim…?— disse ela parecendo surpresa em me ver

Meu coração começou a palpitar, e respondi sem pensar muitos, com um sorriso no rosto

— Eu te encontrei de novo. Sem querer… ou talvez não.

Ambos sorrimos, meio tímidos, meio aliviados. Começamos a caminhar lado a lado pelas calçadas do Campo de Marte, a Torre Eiffel ao fundo.

— Seu projeto em Viena? Com o time modelo, Conseguiu resolver tudo?— perguntou ela, realmente interessada

— Sim, mas ainda é difícil. Sinto falta dos dias tranquilos… E você? Como vai a coleção nova?— respondi entusiasmado

— Está tomando forma. Esses tons aqui, por exemplo… — disse ela mostrando alguns croquis — são inspirados naquelas músicas que você me enviou logo que saímos de Seul— disse ela com um sorriso no rosto

Fiquei impressionado, é difícil alguém prestar tanta atenção nessas pequenas coisas e realmente se lembrar delas, eu mesmo apenas me recordei por causa desse gatilho. Essa mulher é mesmo especial.

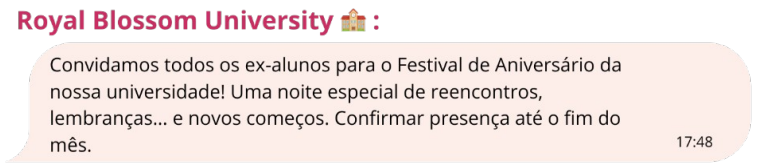
— quer tomar um chocolate quente? Conheço uma cafeteria muito boa por aqui! — enfatizei feliz por tê-la encontrado

— claro! Acho que sei de qual você está falando, fui com a Amy esses dias atrás— ela contou ansiosa

— que bom que vocês ainda estão juntas! Chade também está por aqui, talvez ela tenha interesse em encontrá-lo — disse esperando uma boa resposta — Tomara que eles estejam conversando bem, e que ele não tenha contado para ela que veio para Paris, assim podemos fazer algo para eles se encontrarem. — pensei

A notificação apareceu nas telas dos nossos celulares ao mesmo tempo, vibrando de maneira quase sincronizada — como se até a tecnologia tivesse decidido participar daquele reencontro inesperado.

Por reflexo, ambos abaixamos a cabeça para ver.




Delilah piscou algumas vezes, surpresa genuína refletida em seus olhos. Eu também fiquei sem reação por um instante, como se aquela simples mensagem tivesse aberto uma caixa de memórias.

— Eu… não esperava isso — ela murmurou, deslizando o dedo pela tela.

— Nem eu. — dei um sorriso curto. — Achei que a Royal Blossom tinha esquecido que a gente existia.

Ela riu, aquela risada leve que sempre pareceu mais gesto do que som.

— Eles nunca esquecem ex-alunos que deram trabalho — brincou ela.
— Então… você está dizendo que eu devo comparecer? — arqueei uma sobrancelha.

— Minjae… você quase expulsou um professor do próprio laboratório — ela provocou, em tom cúmplice.

— Isso é calúnia — ergui as mãos em rendição. — Ele só quase colocou fogo no equipamento, eu só… ajudei.

Ela riu de novo, mas logo seu olhar ficou distante, como se algo tivesse puxado memórias antigas para a superfície.

— Eu vivi muita coisa naquela universidade — ela disse, com um tom mais suave. — Projetos, noites sem dormir, gente que marcou minha história. Inclusive… — ela olhou para mim, com um sorriso pequeno — você.

Essa simples frase me atingiu sem aviso. Era tão simples, mas tão sincera, que por um instante esqueci de respirar.

— Eu também tenho boas lembranças — respondi. — E algumas pendências. — minha voz diminuiu — Com o Chade, principalmente.

O nome dele mudou a expressão dela por um instante, mas não de forma negativa — era mais como alguém que reconhece que existem histórias que ainda não foram completamente escritas.

— Eles não estão juntos — Delilah corrigiu imediatamente, com um suspiro. — Muito pelo contrário… estão distantes. Cada vez mais. — Ela olhou para o chão por um instante. — Mas… eles são orgulhosos. E o orgulho atrapalha tudo.

— É… — concordei, sentindo o peso da verdade nas palavras dela.
— Mas talvez esse festival seja a chance deles acertarem as coisas, O Senhor preparou tudo. Às vezes, umas lembranças não resolvidas precisam de um lugar familiar pra finalmente encontrar paz.

Delilah mexeu na alça da bolsa, pensativa, como quem guarda um monte de pequenas histórias que não contou para mais ninguém.

— Talvez seja a chance de muita gente — comentou, mais suave.

— Inclusive a gente.

Aquilo fez meu estômago revirar de um jeito estranho — não ruim, só intenso. Como se Paris inteira tivesse prendido a respiração para ouvir aquela frase. Como se o vento tivesse parado no mesmo instante.

Continuamos caminhando em direção à cafeteria, as luzes da Torre Eiffel surgindo entre as árvores, imponentes, douradas. O céu tinha aquele tom impossível de definir, entre o violeta e o âmbar, refletindo nas janelas dos prédios e criando um brilho que parecia existir só para aquele momento.

— Paris tem disso — disse Delilah de repente. — Faz parecer que a vida sempre está prestes a mudar.

— Talvez esteja. — respondi, sem pensar demais. — Pra mim… te encontrar aqui já é mudança demais pra um dia só.

Ela sorriu de canto, um sorriso pequeno, mas cheio de significado, como se minhas palavras tivessem tocado algo que ela tentava manter escondido.

— E você não contou para o Chade que viria pra Paris, né? — perguntou, tentando manter o tom casual, mas havia curiosidade ali.
— Não. — admiti. — Ele acha que eu estou em Busan, resolvendo umas pendências no hotel da família dele. — Dei de ombros. — Não queria criar expectativas. Nem confusão.

— Entendo. — Ela concordou devagar. — Mas… Paris é grande. Realmente não dava pra imaginar que a gente ia se encontrar assim.

— Mas a gente se encontrou. — respondi.

Ela ergueu os olhos para mim, e por um instante, nenhum dos dois desviou. A cidade parecia continuar ao nosso redor, mas totalmente desfocada.

— Se encontrou. — ela repetiu, quase como quem confirma algo maior do que o acaso.

Chegamos à porta da cafeteria. A luz quente escapava pelas janelas, o cheiro de chocolate quente e pão fresco criando um convite silencioso. Antes que eu abrisse a porta, senti a mão de Delilah tocar

meu braço — leve, quase tímida, mas suficiente para me fazer parar.

Virei-me para ela.

Os olhos azulados dela, sempre tão expressivos, tinham uma serenidade diferente. Não era incerteza, nem medo. Era expectativa… aquela que só aparece quando a vida parece preparar alguma coisa inesperada.

— Minjae… — ela chamou, num tom quase sussurrado. — Você vai no festival?

Respirei fundo.

— Vou. — respondi com sinceridade. — Se você for.
Ela sorriu devagar — um sorriso que parecia guardar histórias, promessas e um começo que ainda nem existia, mas já se anunciava.

— Então eu vou também.

— Ótimo. — Abri a porta com um gesto gentil. — Podemos fazer uma surpresa para o Chade e para a Amy… e talvez para nós dois.
Delilah riu, e o riso dela se misturou ao som suave do sino da porta quando entramos. A cafeteria estava acolhedora, iluminada por lâmpadas amareladas, com música francesa tocando baixinho — aquela atmosfera que fazia qualquer um acreditar em coincidências divinas.

Paris ficou do lado de fora, mas ao mesmo tempo parecia estar ali dentro, silenciosa, observando.

# Capítulo 24

*(Amy)*

O terminal de Seul parecia respirar junto com a multidão — vozes misturadas, malas arrastando, anúncios ecoando, tudo num ritmo caótico que batia contra meu peito. Eu caminhava devagar, puxando minha mala de rodinhas, tentando não permitir que meu coração corresse mais rápido do que meus passos.

Mas era inútil.

Porque, por mais que eu tentasse negar, havia uma inquietação dentro de mim.
E essa inquietação tinha nome.

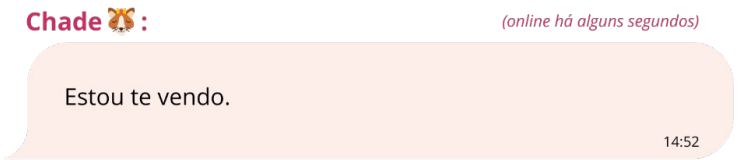
Chade.

Depois de tudo… depois da Suíça… depois do silêncio… depois de ele ter ido sem me contar nada. Eu ainda sentia a queimadura daquele abandono — por mais que dissesse para mim mesma que já tinha superado.

Segurei a alça da bolsa com mais força, inspirando fundo.

Foi então que meu celular vibrou.

Eu o tirei da bolsa de forma automática, esperando uma mensagem da equipe do festival, ou talvez do motorista. Mas quando a tela acendeu, meu coração literalmente se desmanchou no ar.




Eu parei no meio do terminal.

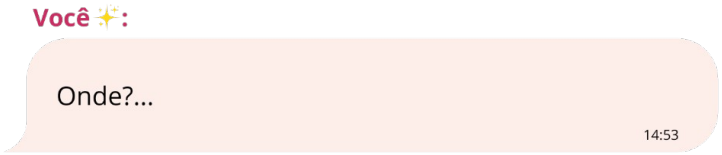
O mundo continuou se movendo — mas sem mim.
Tudo ficou baixo, lento, distante.

Minhas mãos começaram a suar.
Meu estômago revirou.

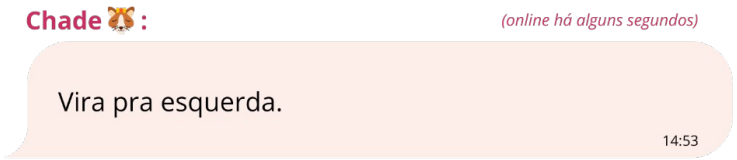
Ele estava ali.
Aqui.
Agora.

E eu… não fazia ideia.

Engoli em seco e digitei com dedos trêmulos:




A resposta veio em menos de dois segundos.




Meu coração bateu tão forte que chegou a doer.

Respirei fundo — ou tentei — e virei lentamente na direção indicada. Pessoas passavam por mim, malas raspavam pelo chão, anúncios tocavam de novo… mas meu foco estava fixo em uma única coisa:

Procurá-lo.

E então eu o vi.

Chade estava de pé próximo à porta de desembarque, mãos nos bolsos, mochila no ombro, cabelo um pouco bagunçado — e os olhos… os olhos presos em mim.

Como se ele tivesse esperado esse momento por muito tempo.
Como se eu fosse exatamente quem ele queria encontrar.

Meu coração se apertou.
Doeu.
E aqueceu tudo ao mesmo tempo.

O passado gritou dentro de mim — a mágoa, a saudade, a falta de explicações.
Mas o presente sussurrou mais alto.

Ele deu um passo em minha direção.
E eu não consegui me mover.

Foi só quando a distância entre nós diminuiu que percebi um detalhe que fez minha respiração falhar:

Ele parecia emocionado.

De verdade.

Ele se aproximou, devagar, com aquele olhar que sempre pareceu atravessar minhas barreiras…
e tudo dentro de mim tremeu.

Era o início de algo.
Ou talvez o retorno do que nunca deixou de existir

Chade parou a poucos passos de mim.
Por um instante, nenhum de nós disse nada. Apenas ficamos ali, suspensos em algo que eu não sabia nomear.

Delilah, que estava ao meu lado desde que meu voo pousou, abriu um sorriso gentil — quase compreensivo — e tocou meu braço.

— Vou pegar nossas malas ali — disse baixinho. — Vocês… conversem.

Eu apenas assenti, incapaz de tirar os olhos dele. Delilah deu alguns passos para trás, observou a cena como quem entende mais do que diz, e então se virou, caminhando em direção ao saguão… exatamente no momento em que Minjae aparecia.

Eles se encontraram no meio do corredor, ambos com expressões surpresas e encantadas.
Mas isso era outra história acontecendo ao mesmo tempo.

A minha estava aqui.

Com ele.

Chade respirou fundo antes de finalmente falar:

— Amy…

A forma como ele pronunciou meu nome já foi suficiente para fazer meu peito doer.

— Eu… não sabia que você ia voltar hoje — ele continuou, com uma sinceridade que parecia quase vulnerável.

Dei um sorriso pequeno, tentando manter o equilíbrio.

— Pois é. Surpresa para todo mundo, eu acho.

Ele mordeu o lábio por um segundo — aquele velho hábito que sempre denunciava quando estava nervoso.

— Você recebeu minha mensagem… — comentou, sem saber muito bem por onde seguir.

— Recebi. — respondi, segurando firme a pasta de croquis. — Não esperava que você… estivesse aqui.

— Eu sei. — Ele passou a mão pelo cabelo, desviando o olhar por um segundo antes de voltar a me encarar. — Eu devia ter te avisado. Mas quando soube que seu voo chegaria hoje… não consegui ficar parado.

Meu coração deu um salto desconfortável.

— Chade… — comecei, hesitante. — A última vez que você tomou uma decisão importante sem me avisar, você foi pra Suíça.

Ele piscou, como se as palavras tivessem caído sobre ele com força.

O silêncio ficou pesado.
Mas necessário.

— Eu sei. — disse finalmente, com a voz baixa. — E sei que te feri com isso. Você tem razão… eu devia ter falado. Devia ter confiado em você. Mas eu… eu era um garoto tentando resolver a vida correndo… e no processo, deixei você pra trás.

Senti a garganta apertar.

— E doeu. — admiti, olhando diretamente para ele. — Doeu por muito tempo.

— Eu sei. — Ele deu um passo mais perto, mas ainda respeitando minha distância. — E eu nunca parei de pensar nisso. Nunca parei de pensar em você, Amy.

Meu coração perdeu o ritmo.

— Você não falou comigo por meses, Chade.

Ele fechou os olhos por um instante, como se aquilo o atingisse de novo.

— Eu… não sabia como voltar. Não sabia se eu tinha o direito. Eu estraguei tudo. E quando pensei em procurar você… você já estava seguindo sua vida, fazendo coisas incríveis, crescendo, indo além de tudo. E eu pensei…

— Pensou o quê? — minha voz saiu falha.

Ele respirou fundo, muito fundo.

— Que talvez Deus estivesse te levando para longe de mim.

— Mas… — ele engoliu em seco, e sua voz ficou ainda mais suave. — Eu tenho orado. Todos os dias. Orado pra entender o que Ele quer pra minha vida… e pra sua.

O ar pareceu desaparecer por um momento.

— Orado… por mim? — perguntei num sussurro.

Ele assentiu.

— Se você for a mulher que Deus separou pra mim… então Ele vai nos guiar de volta. E se não for… Ele vai me ensinar a ficar em paz. — Seus olhos marejaram de um jeito tão discreto que talvez só eu perceberia. — Mas eu precisava te ver hoje. Nem que fosse só pra te dar boas-vindas de volta.

Eu senti meu peito inteiro se aquecer e doer ao mesmo tempo.

— Chade… — comecei, mas minha voz falhou.

O barulho do terminal voltou aos poucos ao meu redor — vozes, malas, passos, avisos — mas nada daquilo parecia mais real do que o homem parado na minha frente.

— Eu não vim aqui pra respostas hoje. — ele continuou, com delicadeza. — Vim só… pra te ver. Pra te dizer que estou aqui. Que não vou fugir de novo. Que aprendi. Que cresci.

Seu olhar encontrou o meu, tão firme e honesto que fez minha respiração prender.

— E que, se você permitir… eu quero te acompanhar nesse retorno.
Mesmo que seja só até a saída do aeroporto.

Meu coração estava um caos.
Bagunçado.
Acelerado.
Esperançoso.

E ferido também.
Mas feridas sabem reconhecer quando a cura está por perto.

— Eu… não sei o que dizer. — confessei.

Ele sorriu, pequeno, compreensivo.

— Então não diz nada. Só deixa eu andar com você até lá fora.

Pisquei, sentindo lágrimas teimosas arderem.

— Tudo bem. — murmurei. — Vamos.

Chade sorriu — aquele sorriso calmo, cheio de fé e ternura que sempre teve o poder de me desmontar por dentro.

E caminhamos lado a lado.
Devagar.
Sem pressa.
Sem respostas.
Só com a estranha e doce sensação de que talvez… talvez Deus estivesse começando algo ali.

A alguns metros atrás, Delilah e Minjae conversavam próximos às esteiras de bagagem — rindo baixinho, trocando olhares que pareciam carregar histórias próprias.

Mas naquele instante…

Era apenas eu e Chade.
E o primeiro passo de um caminho que, quem sabe, ainda estivesse sendo escrito para nós dois.

Saímos do terminal caminhando devagar, quase como se o ar ao redor tivesse ficado mais leve… e ao mesmo tempo mais denso. O hall externo do aeroporto estava cheio de gente, carros, buzinas e telões luminosos, mas nada daquilo parecia importante. A sensação era de que o mundo todo havia diminuído para caber apenas naquele pequeno espaço entre eu e ele.

O vento frio de Seul soprou contra meu rosto assim que atravessamos as portas automáticas.
Chade olhou para mim imediatamente.

— Sente frio? — perguntou com aquela voz baixa e cuidadosa que sempre me desarmava.

— Um pouco… — admiti.

Ele hesitou por meio segundo, como se lutasse consigo mesmo antes de falar:

— Posso te emprestar minha jaqueta?

Meu coração fez aquele movimento estranho — aquele que eu fingia não lembrar mais como era.

— Pode — respondi, com um sorriso tímido.

Chade tirou a jaqueta devagar, como se tivesse medo de ser invasivo, e a colocou sobre meus ombros sem me tocar de verdade. Apenas deixou que o tecido me envolvesse. O cheiro dele, tão familiar e tão distante ao mesmo tempo, me atingiu de imediato.

Quase fechei os olhos.

— Obrigada — murmurei.

— Sempre — respondeu ele, tão simples e sincero que quase doeu.

Caminhamos lado a lado até a calçada, onde o movimento de carros chegava e saía sem parar. Vi Delilah se afastar com Minjae em direção ao

estacionamento — claramente dando espaço, mas sorrindo de canto com aquele ar de “eu sabia”.

Chade viu também.

— Eles parecem… bem — comentou.

— É — respondi, rindo baixinho. — Acho que Paris fez bem pra eles.

Ele me olhou como se tentasse decifrar algo por trás das minhas palavras.

— E pra você? — perguntou com suavidade. — Paris… fez bem?

Respirei fundo.

— Paris… me fez pensar.

Ele engoliu seco.

— Pensar em quê?

Eu hesitei.
Não queria abrir demais.
Não ainda.

— Na vida. — respondi por fim. — No que vale a pena. No que ainda dói.
No que eu… sinto.

Chade desviou o olhar para o chão por um instante, respirando fundo, como se precisasse se manter firme para não transbordar.

— Amy… — começou ele, mas sua frase foi interrompida quando um carro passou rápido demais na rua, borrifando água da calçada.

Por reflexo, ele segurou meu braço e me puxou um passo para trás, protegendo minha roupa — e os croquis que eu carregava.

Seu toque foi rápido… mas meu corpo mergulhou em memórias.

Eu fiquei imóvel.
Ele também.

Nossos olhos se encontraram por um instante longo demais.

— Desculpa — disse ele imediatamente, soltando meu braço devagar. — Eu só… não queria que você molhasse suas coisas.

Meu coração ainda estava correndo.

— Eu sei. — respondi, sentindo o calor subir pelo rosto. — Obrigada.

Ele limpou a garganta, olhando em volta, como se tentasse organizar os próprios pensamentos.

— Amy… — disse novamente, agora mais firme. — Me deixa te levar para um café? Não pra… conversar sobre tudo isso. Não quero te pressionar. Só… pra gente respirar um pouco.
Juntos.

Eu o observei por um instante.

Havia honestidade ali.
E um cuidado que eu não estava acostumada a receber.
Havia também um silêncio — o tipo de silêncio que dizia mais do que qualquer intenção declarada.

— Café? — perguntei, sorrindo de leve.

— Café. — ele confirmou, com um sorriso pequeno, esperançoso, quase tímido.

Assenti.

— Eu quero.

Os olhos dele brilharam de um jeito que fez meu estômago virar novamente.

— Tem um lugar não muito longe daqui — disse ele, apontando para a saída do estacionamento. — Aberto até tarde. Calmo. Você vai gostar.

Caminhamos em direção ao carro dele.
A cidade já estava acesa — luzes brancas, amarelas, néons aqui e ali.
Dentro do veículo, o silêncio foi confortável, uma trégua tranquila depois da tempestade que nossos passados tinham deixado.

O rádio tocava algo suave, quase imperceptível.
A paisagem de Seul deslizava pela janela enquanto a noite se instalava por completo.

Eu me peguei olhando para o perfil dele — o maxilar firme, a expressão concentrada, a forma como ele segurava o volante. Ele parecia… diferente. Mais

maduro. Mais inteiro. E ainda assim, tão Chade quanto sempre foi.

Depois de alguns minutos, ele estacionou diante de um café pequeno e acolhedor, com luzes amareladas e janelas enormes. Havia um letreiro com letras cursivas que dizia *Moonlight Coffee.*

— Chegamos — disse ele, desligando o carro com um sorriso de canto. — Esse é meu lugar favorito quando… preciso pensar.

Eu respirei fundo.

— Então acho que combina.
Porque eu também preciso.

Ele abriu a porta para mim — não como alguém que quer impressionar, mas como alguém que respeita.

Entramos.

E o mundo, mais uma vez, pareceu desacelerar.

“Moonlight Coffee” tinha música suave tocando ao fundo, cheiro de café recém-passado misturado com baunilha, e uma luz dourada que deixava tudo confortável… íntimo.

Chade me conduziu até uma mesa no canto, perto da janela.

E, enquanto nos sentávamos, eu senti algo crescer dentro de mim — algo que eu não sentia há muito, muito tempo:

Esperança.

O interior do Moonlight Coffee era calmo demais para combinar com a tempestade que eu sentia por dentro. Era aconchegante, com luminárias penduradas que lançavam sombras suaves sobre as mesas, e uma vitrine cheia de bolos decorados com perfeição — mas nada disso conseguia distrair meu coração.

Chade esperou até eu me sentar antes de ocupar o assento à minha frente.
Uma gentileza simples, mas que fez meus dedos apertarem a alça da bolsa sem motivo aparente.

— O que você quer? — ele perguntou, pegando o cardápio. — O chocolate quente daqui é… perigoso. De tão bom.

Ri baixinho.

— Então vou confiar no especialista. Chocolate quente.

— Certo. — ele sorriu. — Dois chocolates quentes.

Ele se levantou para fazer o pedido no balcão.
E eu fiquei ali… respirando.
Tentando convencer meu coração a desacelerar.

Quando ele voltou, colocou dois guardanapos na mesa — um na minha frente, outro na dele. Era um hábito antigo. Pequeno. Mas que eu reconheci imediatamente.

E aquilo mexeu comigo.

Chade percebeu meu olhar e sorriu de canto.

— Eu ainda lembro dessas coisas, sabe?

Meu peito apertou.

— Eu também lembro — admiti, olhando para as mãos. — Talvez até mais do que eu deveria.

O silêncio que veio depois não foi desconfortável. Foi denso. Cheio de coisas não ditas.

O atendente trouxe os chocolates, e o aroma doce e quente preencheu o espaço entre nós.

— Então… — comecei, tentando controlar a voz. — Você viajou muito, né?

Ele prendeu a respiração por um instante — eu percebi.
O assunto era delicado, mesmo quando não dito diretamente.

— É — respondeu, mexendo devagar a espuma com a colher. — Mais do que eu planejava. Mais do que eu… queria.

Levantei os olhos devagar, curiosa.

— Não queria?

Chade mordeu o lábio inferior, pensativo.

— A Suíça foi… necessária. — disse com cuidado. — Mas não foi fácil.

Meu coração deu um salto.
Mas mantive a postura.

— Pra quem? — perguntei, a voz saindo mais suave do que eu esperava.

Ele me encarou.
De verdade.
Olhos firmes, honestos, como se finalmente estivesse autorizado a mostrar vulnerabilidade.

— Pra mim. — respondeu. — E… imagino que pra você também.

Eu ri sem humor.

— Você não imagina.

Ele abaixou o olhar imediatamente.
E naquele instante, eu vi.
Verdadeiramente vi.

Havia arrependimento ali.

— Amy… — ele começou, mas hesitou. — Eu… não sei se esse é o momento certo. Não quero estragar a sua noite.

Meu coração acelerou, confuso.

— Estragar? — repeti. — Chade, você não vai estragar nada só por… falar.

Ele inspirou fundo, apoiando os antebraços na mesa.

— Eu só… — fechou os olhos por um segundo. — Eu prometi pra mim mesmo que dessa vez eu ia ser cuidadoso. Que não ia te pressionar com coisas que talvez você não queira ouvir.

— E quem disse que eu não quero ouvir? — perguntei baixinho.

Chade abriu os olhos.
E naquele olhar… havia algo que me fez engolir seco.

Algo intenso.
Algo que eu não sabia se estava pronta para encarar.

— Eu… — ele passou a mão pelo cabelo, nervoso — …eu orei muito por esse momento.

O mundo pareceu parar.

Minhas mãos congelaram sobre a xícara.

— Você… orou? — sussurrei.

Ele sorriu, mas era um sorriso frágil, cheio de verdade.

— Todos os dias. — confessou. — Por mim. Por você. Pedi ao Senhor… que Ele dirigisse tudo.
E que… se fosse pra gente se reencontrar, que fosse no tempo dEle.
Não no meu.

Um arrepio percorreu minha coluna.

Eu não sabia disso.
E ao mesmo tempo… fazia sentido demais.

Expliquei com a voz baixa:

— E por isso você não me procurou antes?

— Sim. — admitiu. — Porque eu não queria atrapalhar o que Deus estava fazendo na sua vida. E também… — ele respirou fundo — …porque eu estava com medo.

Meu peito se apertou.

— Medo de quê?

Ele sustentou meu olhar sem desviar, sem esconder nada:

— De você não me querer mais por perto.

A xícara tremia levemente em minhas mãos.

O passado me queimou.
A partida sem aviso.
Os dias em que esperei uma mensagem que nunca veio.
A ideia de que talvez eu tivesse sido… descartável.

Mas agora, diante de mim, estava um homem que não parecia fugir de nada.
Um homem que, por trás da força, carregava um arrependimento silencioso.

— Chade… — comecei, a voz embargando. — Eu… não sei o que dizer.

Ele sorriu triste.

— Não precisa dizer nada agora.

Uma pausa longa.
Carregada de um tipo de silêncio que quase tocava a pele.

— Só me deixa… — ele continuou, olhando para a mesa — …estar perto.
Pelo tempo que Deus permitir.
Sem pressa.
Sem pressão.
Sem rótulos.

Minha garganta fechou.

Eu não esperava isso.
Não desse jeito.
Não com essa simplicidade que derrubava todas as minhas defesas.

Respirei fundo, sentindo a verdade subir lentamente como calor:

— Eu sinto sua falta. — soltei, antes de poder impedir.

Os olhos dele se levantaram imediatamente, como se eu tivesse dito algo impossível.

— Sério…? — ele perguntou, quase num sussurro.

Assenti devagar.

— Senti falta. Sinto ainda.

Ele fechou os olhos por um instante.
Como se guardasse aquela frase dentro dele.

Quando abriu novamente, havia calma.
Uma calma profunda, quase grata.

— Obrigado… — murmurou. — Você não sabe o quanto eu precisava ouvir isso.

Mas… eu prometo não me apoiar nisso.
Eu quero caminhar devagar.
Junto.
Se você deixar.

Eu percebi que minha mão estava perto da dele na mesa — não tocando, mas próxima.
Ele percebeu também, mas não se moveu.

E isso… isso disse tudo sobre quem ele era agora.

Eu sorri.
Simples, honesto.

— Eu deixo.

Chade soltou um suspiro lento, quase aliviado.

Chade girou a xícara entre os dedos, como se reunisse coragem. Ele olhou pela janela, respirou fundo e depois voltou o olhar para mim — um olhar firme, mas vulnerável ao mesmo tempo.

— Amy… — começou ele, a voz mais baixa que antes. — Tem algo que eu preciso te dizer. Mas eu só quero falar se você estiver confortável.

Meu coração acelerou. Eu assenti devagar.

— Pode falar.

Ele engoliu em seco, os ombros relaxando como quem finalmente decide abrir uma porta que vinha guardando há muito tempo.

— Eu tenho orado sobre nós dois. Bastante. — Ele fez uma pausa. — E… eu não quero repetir o

passado. Não quero esconder nada, nem avançar sozinho sem que você saiba pra onde estou pisando.

Minha respiração ficou presa no peito.

— Então… o que você quer? — perguntei.

Ele apoiou as mãos na mesa, não muito perto, mas perto o suficiente para que eu percebesse o tremor leve em seus dedos.

— Eu quero fazer tudo certo, Amy.
Com calma.
Com verdade.
Com Deus na frente.

Meu estômago virou.

Ele inspirou fundo e disse:

— Eu falei com seu pai. Não pra pedi namoro agora. Não apressando nada. Mas pedi permissão pra… orar com você.

Meu coração disparou.

— Orar… comigo? — repeti, a voz embargada.

Chade assentiu, os olhos brilhando de sinceridade.

— Sim.
Pra que a gente busque direção juntos.
Pra ver se é isso mesmo que o Senhor tem pra nós.
Se Ele nos quer como casal… como um propósito.
Ou se o caminho é outro.

O mundo pareceu ficar em silêncio por alguns segundos.
Eu senti um calor subir pelo rosto, uma mistura de surpresa, emoção e… medo também.

Ele continuou, com a voz suave:

— Eu não quero discernir isso sozinho. E não quero que você discirna sozinha.
Quero que a gente ore juntos.
Que a gente coloque nossos sentimentos, nossas dúvidas, nossos medos e até as nossas feridas… aos pés de Deus.

Meu peito apertou, como se as palavras dele encontrassem um lugar escondido dentro de mim.

— Mas… por que falar com meu pai? — sussurrei.

Ele sorriu — um sorriso tímido, mas cheio de respeito.

— Porque eu quero honrar você desde o primeiro passo.
E você merece que tudo seja claro, limpo e correto.
Eu quero que sua família saiba que minhas intenções são sérias.
Sem compromisso imediato.
Apenas buscando a direção de Deus… juntos.

Meus olhos marejaram sem aviso.

Chade manteve o olhar firme no meu.

— Eu não quero te confundir.
Não quero te magoar de novo.
E não quero avançar se não for da vontade do

Senhor.
Mas eu sinto… que preciso dar esse passo da forma certa.

Eu tentei sorrir, mas a emoção apertou minha garganta.

Ele respirou fundo e respondeu com uma serenidade que me desarmou:

— Então eu vou respeitar. E esperar. Porque se for de Deus… Ele vai abrir as portas. E se não for… Ele também vai mostrar.

Eu finalmente disse:

— Chade… isso é… muito mais do que eu esperava ouvir.

— Eu sei. — Ele sorriu fraco. — Mas você merece alguém que faça diferente. E eu quero ser esse homem. Com a graça de Deus.

Meu coração derreteu, mas também doeu — lembrar do passado, da Suíça, da ausência, das perguntas que ele nunca respondeu.

Ele pareceu perceber a tempestade nos meus olhos e disse baixinho:

— Eu errei antes. Eu sei. E eu quero consertar, não com palavras… mas com posicionamento.Com atitudes.

O café parecia pequeno demais para o que eu estava sentindo.

Chade tocou a borda da caneca, como quem tenta se firmar.

— Então... quando você estiver pronta... me avisa, e a gente começa o compromisso!

Com calma.
E com o coração disposto a ouvir o que ele tiver pra dizer.

Eu soltei o ar devagar, tentando organizar meus próprios sentimentos — tantos retornando ao mesmo tempo.

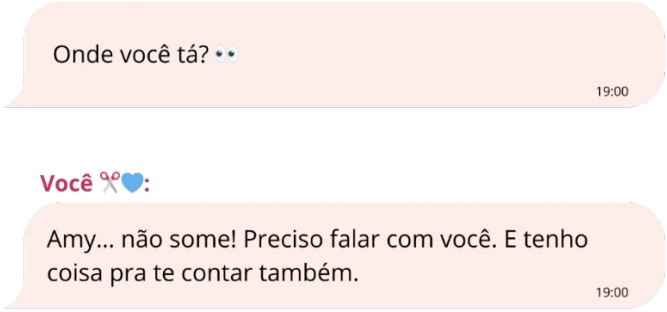
— Eu... vou pensar. — murmurei, sincera.

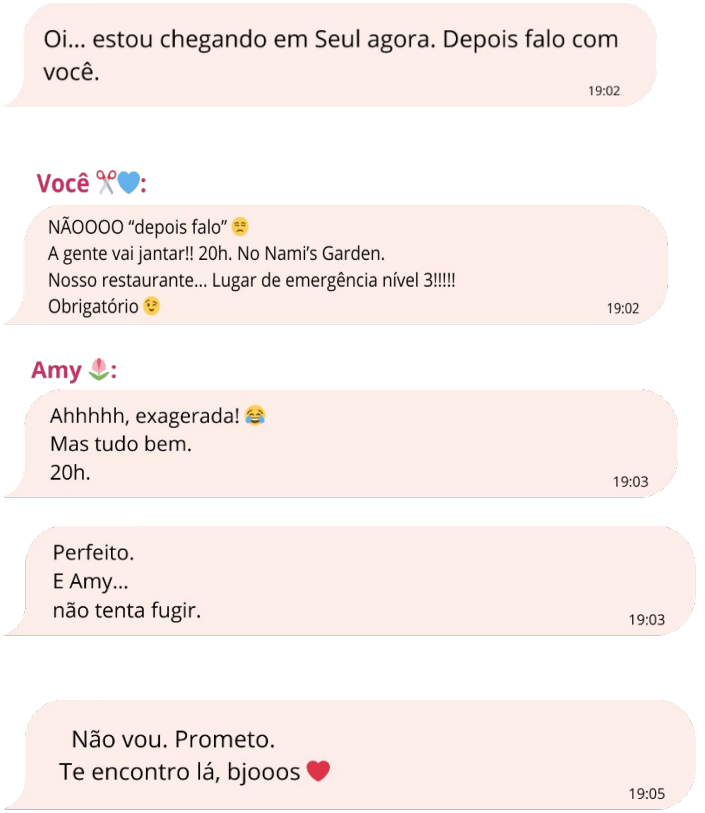
Ele sorriu, suave.

— É tudo o que eu peço. E enquanto isso... eu continuo orando. Por clareza. Por direção. Pelo que Deus quiser fazer em nós.

# Capitulo 25

*(Delilah)*






Fechei o celular, sorri sozinha e pensei:
Se ela não vai fugir… é porque aconteceu alguma coisa.
E quando se tratava dela e do Chade…
Sempre acontecia alguma coisa.

Cheguei ao Nami's Garden às 19h45.
O lugar estava aconchegante como sempre, com luzes âmbar refletindo nos vasos de glicínias artificiais e aquele cheiro de comida caseira que dava vontade de abraçar o ar.

Pedi nossa mesa favorita: a da janela, com dois bancos acolchoados e uma vista discreta da avenida.

Às 20h02, vi Amy entrar.
O coração dela estava estampado no rosto.
E, meu Deus… ela parecia macia.
Isso só acontecia quando algo mexia profundamente com ela.
Ela se sentou, suspirou fundo e apoiou a bolsa no colo.

— Então? — perguntei, inclinando o corpo para frente. — Quem é o responsável por esse brilho nos seus olhos? O Chade, certo? Ele já fez alguma besteira? Ou… alguma coisa boa?

Meu tom era de brincadeira, mas meus olhos estavam analisando cada detalhe.

Amy riu, mas foi uma risada nervosa.

— Delilah… aconteceu tanta coisa.

— Eu imaginei — falei com um sorriso vitorioso. — Começa do começo.

Ela pousou as mãos na mesa e respirou fundo.

— Quando eu cheguei no terminal… eu recebi uma mensagem.

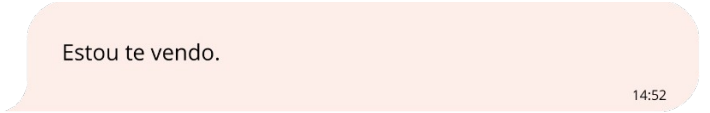
— Uma mensagem? — arqueei a sobrancelha. — Do tipo “tô te vendo”?

Ela me olhou tão surpresa que minha boca abriu num “AHÁ!”.

— ERA? — soltei, quase batendo na mesa. — Era uma mensagem de “tô te vendo”?

— Delilah… — ela cobriu o rosto com as mãos, rindo e corando.
— ME MOSTRA A MENSAGEM! — implorei como uma criança pedindo doce.

Amy, resignada, pegou o celular e virou a tela para mim.




Eu bati as mãos na boca, quase gritando.

— ISSO. É. CENA. DE. FILME! — falei pausadamente, abanando o ar. — Você tem noção? É tipo… príncipe que reaparece no salão de baile no último minuto!

Ela riu, envergonhada, e continuou contando:
Me contou como ele estava esperando, como a abraçou, como eles foram tomar café…
E então…

— Delilah… ele disse que falou com meu pai.

Minha mandíbula caiu.

— *Como assim falou com seu pai?* — já imaginando alianças e fogos de artifício.

— Não pediu namoro. Não ainda.
Ele pediu permissão… pra orar comigo.

Eu fiquei em silêncio por uns três segundos.
Três longos segundos.

E então dei um tapinha na mesa.

— NÃO, NÃO, NÃO. ISSO É OFICIALMENTE O MAIS FOFO QUE EU JÁ OUVI.
Parece FILME DE PRINCESA CRISTÃ!
Amy, isso é tão lindo que eu vou chorar.

Ela riu, mas seus olhos marejaram também.

— Eu não sei o que pensar. Foi tão sincero… tão diferente do que eu esperava.

— Amy. — segurei as mãos dela por cima da mesa.
— Você está percebendo o que isso significa?

Homens normalmente fogem quando têm medo.
O Chade… correu para você.
E com a Bíblia na mão — acrescentei dramática.
Ela riu alto.

— Delilahaa…

— Não, é sério! — insisti, toda empolgada. — Ele não quer só te recuperar. Ele quer fazer tudo certo. Com Deus no centro. Isso é… isso é raro. É lindo.

Ela arregalou os olhos, como se aquela palavra ressoasse forte dentro dela.

— Ele disse que só quer saber se é isso que o Senhor tem pra nós.
— Amy… — falei baixinho. — Isso já parece resposta.

Ela respirou fundo, deixando o peso da frase repousar nela.
O garçom trouxe nossos pratos, mas ficamos alguns segundos olhando o vapor subir, em silêncio confortável.

— Medo? — perguntei suavemente.

— Muito. — ela admitiu. — Mas… paz também.
Sorrimos uma para a outra.

— Paz costuma ser Deus dizendo: “Vai, filha, isso é meu.” — falei, colocando um pouco de arroz no meu prato.
Amy sorriu de um jeito que iluminou o restaurante inteiro.

— Obrigada por me ouvir.

— Obrigada por existir. — respondi, divertida. — E agora vamos comer. Depois você vai me contar tudo com detalhes
cinematográficos, porque isso aí… é material de livro.
Ela me olhou desconfiada.

— De livro?

— Sim — pisquei para ela. — Sabe… aqueles romances onde o príncipe é fofo, respeitoso e faz de tudo pra ter a princesa?...

— Aham…?

— Então. Esse é o seu.

Amy riu, meneando a cabeça, mas não negou.

E ali, entre risadas, comida quente e confidências, senti no fundo que algo grande estava começando na vida dela.
Algo bonito.
Algo escrito com calma.
Algo com propósito.
E eu… eu não poderia estar mais feliz por caminhar ao lado dela nesse começo.

Amy pegou a última batata do prato e a mergulhou no molho com toda a concentração do mundo, como se aquilo fosse uma missão de vida.

— Então amanhã… — começou ela, mastigando devagar. — Festival da universidade.

— É. — respondi, girando meu copo de limonada. — Tinha até esquecido por um segundo. Achei que você estivesse mais nervosa.

— Tô um pouco. — ela admitiu. — Mas não por causa do festival em si… é mais o reencontro com as pessoas. E com… coisas que eu deixei no passado.

Eu toquei a mão dela por cima da mesa.

— Você vai estar comigo. E com uma roupa perfeita. O resto, a gente improvisa.

Ela riu.

— Você sempre dá um jeito de colocar roupa nas soluções da vida.

— Sou estilista, amor. — ergui o queixo. — É meu superpoder.

E falando em superpoder… você já sabe o que vai usar amanhã?

Amy abriu um sorriso quase culpado.

— Não. Eu nem pensei nisso.

Eu arregalei os olhos.

— AMY! Como assim!? O festival é amanhã! A gente precisa de um look que diga “Venci na vida e estou plena”.

— Plena? — ela arqueou a sobrancelha.

— Pleníssima. Um arraso. Esmagando expectativas. Fazendo o campus inteiro questionar a visão.

Ela gargalhou tão alto que algumas pessoas olharam para nós.

— Ok, ok! — ela ergueu as mãos. — Você me ajuda amanhã?

— Ajudo? — coloquei a mão no peito, teatral. — Eu nasci pra isso. Eu me alimento disso. Eu acordo pensando nisso.

Ela riu mais uma vez, e eu quase me senti orgulhosa.

— E você? — ela perguntou. — Vai de quê?

— Ai, amiga… tô entre “fada outonal” e “presença impactante do século”. Dilemas reais.

— Nossa. — Amy balançou a cabeça. — Tá difícil mesmo.

— É. — suspirei dramaticamente. — A vida não é fácil pra quem tem tanto bom gosto.

Ela quase chorou de rir.

Depois de alguns segundos, a conversa seguiu para outro rumo — como sempre acontecia com a gente.

— E o Minjae? — ela perguntou de repente, quase casual, mas com um sorriso curioso.

— Ai, menina… — levei a mão ao rosto. — Ele tá tão… fofo. E maduro. E decidido. E… sei lá, parece que a viagem pra Paris fez ele crescer uns três anos em uma semana.

— Você tá gostando dele?

— Tô gostando de conhecer ele de novo. — respondi sincera. — A gente mudou, os dois. E agora é tipo… reencontrar uma versão nova da mesma pessoa.

Amy suspirou com um brilho no olho.

Dava pra ver que ela entendia aquilo melhor do que queria admitir.
— Ele te deixou feliz, né? — ela perguntou.

— Muito. — sorri. — E você? Vai reencontrar… certas pessoas?

Ela revirou os olhos, mas o sorriso apareceu mesmo assim.

— Delilah…

— O quê? — me fiz de inocente. — Tô só perguntando.

— Não sei. — ela disse por fim, olhando pra janela. — Mas tô disposta a descobrir. Acho que… tô mais aberta pra isso do que estava antes.

— Então pronto. — declarei. — É isso que importa. Você tá linda, tá bem, tá vivendo de novo. O resto, Deus cuida.

Amy sorriu daquele jeito suave, que só aparece quando ela realmente concorda.

— Você sempre sabe o que dizer. — ela comentou.

— Só quando é com você. — pisquei.

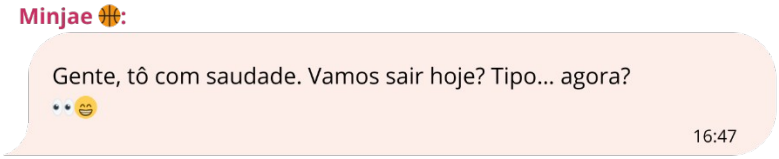
Depois, começamos a falar de tudo:
das unhas que precisávamos fazer, do restaurante novo que abriu duas ruas dali, das semanas que eu passei em Paris, do croissant perfeito, da família dela perguntando quando ela ia visitar, da loucura que tinha sido organizar a nova coleção, do jeito que Seul parecia diferente desde que ela voltou.

Rimos, fofocamos, suspiramos, fizemos planos.
Quando saímos do restaurante, a noite de Seul estava iluminada, viva, cheirando a comida de rua e promessas novas.
Amy respirou fundo, olhando para as luzes.

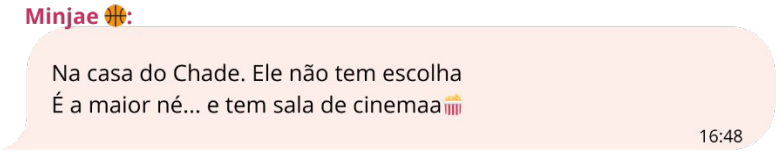
# Capitulo 26

*(Chade)*

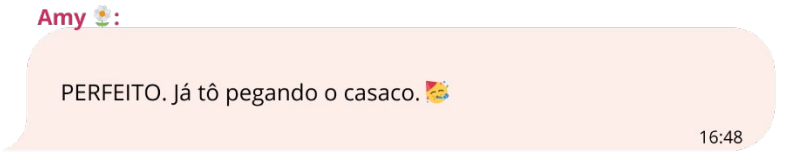
Dois dias depois de voltarmos de Paris, minha sala ainda estava com aquela bagunça discreta de viagem que eu fingia que iria arrumar “amanhã”. A mala semi-aberta num canto, alguns souvenirs que Amy insistiu que eu comprasse espalhados pela estante. Eu estava exatamente no processo de ignorar isso tudo quando o celular vibrou.
*MINJAE: *criou o grupo “patetas” e adicionou você*



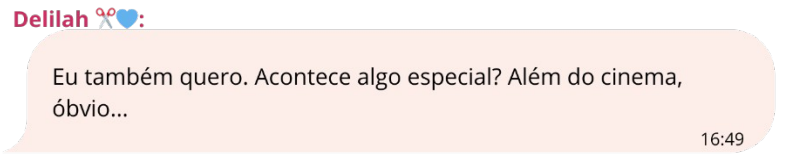

Logo depois:

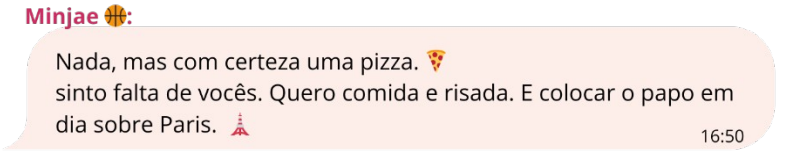



Revirei os olhos, mas o sorriso veio antes de eu poder evitar.
Amy respondeu em cinco segundos:

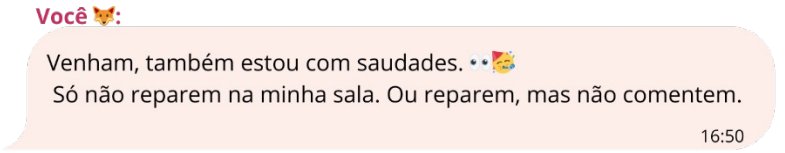



Delilah apareceu logo em seguida:




Eu cocei a nuca, suspirando.
— Eles realmente não sabem o significado da palavra aviso prévio, né?
Mas a verdade é que eu também estava com saudade. Saudades do caos, das piadas internas, da energia elétrica que parecia seguir a gente desde que voltamos da França.
Respondi:




Amy respondeu com um sticker rindo que eu sabia que significava exatamente: *vou comentar, sim.*

Vinte minutos depois, ouvi a campainha tocar com a intensidade de quem não conhece moderação.
Só podia ser a Amy.

Quando abri a porta, ela entrou primeiro, como se morasse ali.

— Eu sabia! — ela exclamou, apontando para a mala aberta. — Você não mexeu em *nada*! Eu amo a sua consistência, Chade.

— Entra logo antes que os vizinhos denunciem você por excesso de energia — respondi, puxando-a pra dentro.

Delilah entrou logo depois, com aquele sorriso suave que acalmava até caixa eletrônico.

Ela tirou o casaco devagar, observando tudo ao redor.

— Você devia deixar Paris bagunçar sua casa mais vezes. Ficou aconchegante assim.

— Não encoraja — murmurei, mas senti o rosto esquentar.
Minjae chegou por último, batendo os pés no tapete como se estivesse entrando numa cerimônia importante.

— Pronto — anunciou. — A equipe está completa. Agora podemos comer.
— Você vai pedir comida? — perguntei. — Ou só veio pra anunciar sua fome?

— Eu posso fazer as duas coisas ao mesmo tempo — ele disse, tirando o celular. — E já encontrei o lugar perfeito.

Foi assim que terminei dirigindo, com os três no carro:
Amy cantando alto demais, Minjae corrigindo a pronúncia dela, e Delilah rindo das brigas musicais no banco de trás.

O restaurante coreano estava iluminado com letreiros quentes, e assim que entramos o cheiro de caldo, fritura e temperos tomou conta de tudo.

Eu não percebia o quanto tinha sentido falta daquilo até aquele segundo.

— Mesa para quatro — disse Minjae antes que alguém pudesse abrir a boca.

Ele estava visivelmente feliz. Solto. Leve. Era bom de ver.

Sentamos nos fundos, numa mesa redonda perfeita para histórias que não deveriam ser ouvidas por estranhos.

— Ok — Amy começou, apoiando os cotovelos na mesa — primeira ordem do dia: *quais são os planos para a próxima viagem?*
— Nem acabamos de desfazer as malas — Delilah riu.

— Falando por mim — eu acrescentei — nem comecei.

— Isso não é novidade — Minjae disse, levantando as sobrancelhas pra mim. — A gente sabe.

O garçom chegou e todos começaram a pedir coisas diferentes ao mesmo tempo.

Foi caótico, mas de um jeito familiar — como se estivéssemos de volta em Paris, tentando decidir entre três padarias diferentes e optando pelas três.

A comida chegou rápido. O vapor se espalhou pela mesa, subindo entre a gente como uma pequena nuvem quente.

E foi ali, enquanto os três riam sobre a vez em que Amy quase perdeu o metrô e Delilah falava sobre a livraria escondida que encontramos no Marais, que me dei conta:
Eu estava exatamente onde queria estar.
Com eles.
Com essa bagunça deliciosa.
Com essa sensação de que, não importa onde a gente vá, esse grupo sempre volta a se encontrar — talvez na minha sala bagunçada, talvez num restaurante barulhento, talvez em outro continente.

Quando saímos, a noite estava fresca, com um vento que carregava o cheiro de chuva distante.

Amy entrelaçou o braço no de Delilah, as duas andando à frente e rindo de alguma conversa que eu não consegui ouvir.

Minjae ficou ao meu lado, mãos nos bolsos.

— Eu precisava disso — ele disse, olhando pra elas.

— Eu também — confessei.

— Acha que isso dura? — ele perguntou.

Olhei pros três, caminhando como se fossem parte do mesmo ritmo, a mesma melodia.

— Se depender da gente… — respondi — dura pra sempre.
Minjae sorriu, aquele sorriso sincero que ele guardava para raras ocasiões.

— Então tá decidido.

Seguimos andando juntos pela calçada iluminada, sem pressa, sem roteiro, sem peso.
A amizade não precisava de Paris para existir.
Mas Paris tinha deixado ela ainda mais forte.

E eu sabia — com todas as certezas silenciosas que não cabem em palavras — que momentos como aquele seriam sempre o meu lugar favorito no mundo.

# Capitulo 27

*(amy)*

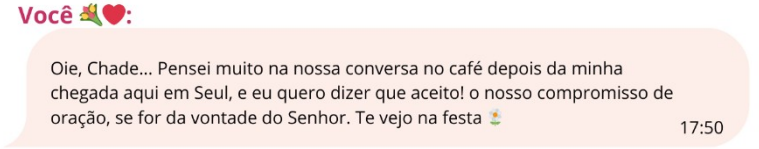
— Esse, definitivamente não.
Olhei no espelho e sacudi a cabeça. O vestido verde-musgo me fazia parecer alguém que eu não era mais.
Delilah rolou os olhos, impaciente, e foi até a arara improvisada no canto do quarto. As pilhas de tecidos, cabides e sapatos denunciavam a bagunça das últimas duas horas.

— Você tá tratando isso como um desfile de moda ou como um possível acerto de contas emocional com o passado?

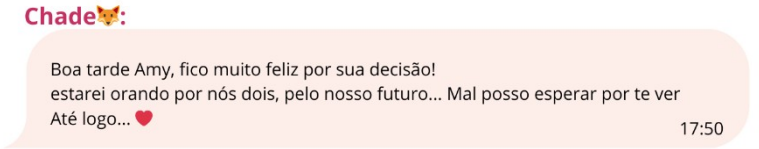
— Existe diferença? — perguntei, meio rindo, meio cansada.
Ela bufou, puxando outro cabide. — E esse azul?

Olhei. Meu desenho. Meu tecido. Meu vestido.
Só acenei com a cabeça.
Delilah me lançou aquele olhar que dizia tudo — o tipo de olhar que não precisa de palavras. O olhar de quem entende, mesmo sem aprovação.

Então senti que era hora, hora da mensagem de confirmação:




E logo em seguida:




E isso iluminou a minha noite, sabia que muito mais do que imaginei estaria por vir! Junto com Chade

Desci do carro sentindo o vento levantar a barra do vestido. Azul-marinho, rodado, com caimento leve. Era meu. Eu o desenhei num daqueles dias em que tudo parecia distante, e o futuro era só uma hipótese bonita. Nunca soube quando ou onde o usaria. Só sabia que, um dia, ia precisar dele. E era hoje.

As luzes coloridas piscavam entre as barracas no pátio da escola. Crianças corriam rindo, adultos seguravam copos plásticos, pais tiravam fotos dos filhos em frente a murais que pareciam mais velhos do que eu lembrava. A escola parecia viva de novo — ou talvez apenas maquiada para parecer.

O ar cheirava a pipoca e algodão-doce. O som de uma banda desafinada escapava de algum canto da quadra. E, por um instante, eu me senti de volta a um tempo em que a vida cabia em uma semana de provas e ensaios de teatro.

Virei de costas e caminhei sem rumo. Meus pés me levaram para dentro da escola.

Os corredores pareciam menores. Ou talvez eu é que tivesse crescido — por dentro, principalmente. Ainda assim, o cheiro das árvores do pátio entrava pelas janelas, e o som da quadra ecoava como um fantasma. Tudo ali sussurrava: *você voltou.*

Parei diante da sala de música.
Ele ainda estava lá.
O piano.
Sorri.
Eu sabia quem ia tocar.

Andei devagar, sozinha. Meus olhos passearam pelo pátio até encontrá-lo.
Chade.
Ele estava em um banco, com um suco, aquele que ele gostava na época da universidade, me surpreendi por não ter ninguém ao lado dele, logo, foi aí que eu criei coragem para me aproximar e sentei ao lado dele.
O silêncio entre nós era confortável. Quase raro.
Chade. O Chade da época da escola.
Com as mãos nos bolsos e aquele olhar tranquilo — o mesmo que me irritava e me encantava ao mesmo tempo.

Me preparei para falar com ele, quando uma voz conhecida rasgou o ar:
— *Chade!*

Não precisei olhar. O perfume chegou primeiro.

Vanessa.

Ela se aproximou com aquele andar calculado, como se cada passo fosse parte de uma coreografia. Vestido vermelho ajustado demais, salto alto demais, presença grande demais pra um evento pequeno. Mas ela fazia questão de ocupar espaço — e sabia como.

— Estava te procurando — disse, sorrindo pra ele como se eu não estivesse ali. — O Minjae quer que você toque de novo. Mas eu falei que ia tentar convencer você a tocar comigo. Um dueto. Que tal?

Ela tocou o braço dele com a ponta dos dedos, leve, casual — mas nada que Vanessa fizesse era casual.

Chade deu um sorriso — daqueles que ele usava quando não sabia o que dizer, meio educado, meio constrangido. Mas ele não recuou o braço. Só riu de leve.

E foi ali.
Ali que eu senti.
Não foi raiva. Nem ciúme. Foi uma… desistência silenciosa.
Como se eu tivesse voltado no tempo por um segundo e me lembrado por que me afastei.

Ele parecia… se divertir.

Não com ela. Mas com o jogo. Com a leveza dela. Com a ausência de peso que talvez ele preferisse agora.
Peguei meu copo vazio e me levantei devagar.

— Vou dar uma volta — falei, tentando manter o tom neutro.
Chade virou pra mim, surpreso.

— Amy?… espera!

— Tudo bem — cortei, sorrindo, sem mostrar os dentes. — Vocês dois têm química. Vai ser bonito de ver.

Vanessa não disse nada. Mas seu olhar dizia tudo. Vitória.
Virei as costas antes que meu orgulho resolvesse falar mais do que devia. Caminhei pelo corredor meio escuro, tentando não sentir. Só andar. Só sair dali com alguma dignidade intacta.
Vanessa! Que raiva, porque ela sempre aparece em momentos assim? as vezes eu tenho vontade de...

—Aí!

Foi então que eu nem percebi o porquê eu estava caindo, ou no que eu tropecei, e pensei naquela fração de segundo, pronto, só me faltava essa.
Mas senti algo quente me segurar e uma voz firme e preocupada.

—Meu Deus, se não fosse por mim você já teria levado cada tombo senhorita. —a voz riu, e então reconheci aquele perfume.

Chade.

Me levantei rapidamente e me desvencilhei dos braços quentes dele, até gostaria de ficar mais, entretanto estava irritada com a situação.

Parei. Respirei fundo.

— Achei que tinha ficado pra tocar com a Vanessa.

— Eu não quero tocar com a Vanessa.

— Você parecia… confortável. — Minha voz saiu mais baixa do que eu gostaria. — Como se preferisse alguém que não pergunta, que não complica. Que não sente demais.

Chade passou a mão no cabelo, o gesto clássico de quando estava tentando organizar o que sentia.

— Eu ri porquê… porque ela é previsível. Porque é mais fácil do que lidar com você.

— Obrigada?

— Não. Não é isso. — Ele se aproximou, devagar. — Eu tô dizendo que você me desmonta. Desde sempre. E quando você saiu daquele banco, parecia que estava se afastando de novo. E isso... isso me assusta mais do que qualquer dueto forçado com a Vanessa.
Fiquei em silêncio. Meu coração batendo mais rápido do que deveria.

— Então por que não disse nada antes? — perguntei.

— Porque com você, tudo importa. — Ele deu um meio sorriso triste. — E eu sou péssimo com coisas que importam.

A luz acima da gente piscou mais uma vez.
E dessa vez, foi Vanessa que ficou sozinha no banco

O pátio estava mais silencioso agora. Algumas barracas já desmontavam, e as luzes piscavam em tons mais suaves. Segurava um copo de suco gelado, quase vazio, e me sentei num banco perto das árvores do fundo, onde o som da festa parecia chegar filtrado, como se o tempo ali passasse devagar.

— Você ainda senta exatamente do mesmo jeito. Levantei os olhos, quase rindo. — E você ainda chega do nada, como se brotasse do chão.

— Gosto de manter o mistério.

Ele sentou ao meu lado. Não muito perto, mas também não longe.

— Onde estava? — perguntei.

— Circulando. Escapando de cumprimentos formais e elogios passivo-agressivos. E você?

— Escondida. Como toda boa covarde de festival escolar.
Ele riu, aquele riso abafado pelo nariz, o mesmo que eu conhecia de cor.

— Seu vestido é bonito.

— Obrigada. Eu que desenhei.

— Claro que foi você. Tem cara de ideia sua. Lindo e um pouco… dramático.

Revirei os olhos. — Dramático?

— Dramático de um jeito bom. Tipo: *olhem pra mim, mas só um pouco.*

— Você continua insuportavelmente observador.

— E você continua insuportavelmente sensível às críticas que não são críticas.

Eu ri. E por um momento, era como se estivéssemos de novo naquela sala de aula velha, trocando bilhetes dobrados em quatro, rindo de piadas que só faziam sentido pra nós.

— Você tocou bem — disse depois de um instante. — A música… tinha alma.

— Alma demais, talvez. — Ele abaixou o olhar. — Mas não era pra ninguém em especial.

— Claro que não. — Bebi o resto do suco. — Só tinha a minha assinatura no final.

Ele me olhou, e rimos de novo. Mas dessa vez o riso não chegou inteiro. Ficou suspenso entre nós, com gosto de lembrança.

— Lembra daquela vez que a gente ficou trancado na sala de artes depois do horário?

— Você ficou trancado. Eu só estava tentando roubar pincéis pra um projeto.

— Roubar é uma palavra forte.
— Era por uma boa causa. Eu precisava deles pra pintar o muro do clube de leitura.

— Ah, sim, o glorioso mural do clube de leitura. Um peixe lendo um livro… debaixo d’água. Lindo.

— Era *conceitual*! — protestei, rindo.

— Era ridículo.

— Era nosso.
Ele assentiu, e o silêncio que veio depois foi gentil. O tipo de silêncio que não pesa.

— Engraçado como a gente muda, né? — falei.

— Como assim?

— Você ainda segura o copo com as duas mãos quando tá desconfortável. Ainda tem aquele ar de quem observa o mundo inteiro enquanto finge que não se importa. E ainda responde com piada quando quer fugir de alguma coisa.

— E você ainda analisa as pessoas como se fosse escrever um perfil psicológico depois.

— Eu escrevo.

— Você devia ser detetive.

— Eu preferia ser pianista.

Silêncio de novo. Mas agora com outro peso.

— E por que não foi? — perguntei.

— Vida. Caminhos. Outras vontades. — Ele deu de ombros. — Mas de vez em quando, eu volto. Como hoje.

— Você sempre foi bom nisso.
— Em quê?

— Voltar.
Ele me olhou. Longo. Como se procurasse uma resposta que não tinha coragem de dizer em voz alta.

— Foi bom te ver, Amy.

— Foi bom te ouvir, Chade.

Nos levantamos devagar. Ele ajeitou os punhos da blusa — o gesto que fazia quando estava nervoso, mesmo fingindo o contrário.
Nos abraçamos. Breve. Mas firme. Forte.
Com mais história do que tempo.
E então, cada um caminhou para um lado diferente do corredor.
Mas levei comigo a certeza de que, naquela noite, não fomos mais adolescentes tentando entender o que sentiam.
Fomos dois adultos que, por alguns minutos, conseguiram não fingir.
E talvez isso fosse o bastante.

# Capitulo 28

*(Delilah)*

Subi os últimos degraus com calma, o barulho da festa ficando cada vez mais distante, reduzido a um murmúrio abafado que se misturava com o vento frio. Meu coração batia um pouco mais rápido do que o normal — não sei se era por causa do ar da noite, ou por saber que, mais cedo ou mais tarde, ele apareceria. Sempre aparece.

Quando alcancei o terraço, respirei fundo e me encostei na grade de metal, sentindo o frio subir pelo braço, espalhando um arrepio que eu não queria admitir que gostava. A cidade brilhava lá embaixo, cheia de luzes pequenas e intermitentes, e

o céu, claro, estava limpo — quase uma tela preta pronta para os fogos que, a qualquer momento, começariam a colorir o espaço.

Não me virei quando ouvi os passos atrás de mim, mas reconheci a presença mesmo assim.

— Até aqui, hein? — ele falou, com aquela voz calma, quase provocante.

Não consegui evitar um sorriso.

— Você me seguiu? — perguntei, tentando manter o tom leve, como se fosse só uma brincadeira.

— Claro que sim. Quem mais viria pra cá, no meio da festa, sem avisar?

Olhei para ele, e aquilo me atingiu como um flash: a camisa desarrumada, a gravata pendurada no bolso da calça, o jeito meio largado, mas ainda assim tão... Minjae.

Ele trouxe duas latas de refrigerante nas mãos, e eu peguei uma, ainda sorrindo.

— Oferta de paz? — brinquei, tentando disfarçar o quanto meu peito estava apertado.

— Só guaraná — disse ele, e o sorriso dele era quase tímido, diferente do habitual —, mas espero que sirva pra alguma coisa.

Ficamos ali, lado a lado, olhando para a cidade iluminada, e um silêncio confortável caiu entre nós.

— Sabia que você viria — ele disse, a voz baixa.

— E você veio atrás — respondi, com um leve desafio —, mesmo sem saber se eu queria ficar sozinha.

— Se eu quisesse que você ficasse sozinha, teria escolhido outro lugar — disse ele, simples, e eu senti o coração apertar.

Sorri, mesmo com aquela mistura de nervoso e saudade.

— Talvez eu tenha subestimado você.

— Isso acontece muito — ele respondeu, com aquela risada gostosa que eu sempre quis ouvir só pra mim.

Olhei para o céu e vi os primeiros fogos explodirem à distância, espalhando luz colorida nas nuvens. O vento soprou forte, bagunçando meu cabelo, e por um instante fechei os olhos, aproveitando aquele pequeno momento de paz.

Ele ficou me olhando. Não disse nada, só ficou ali.

— Lembra quando a gente subiu aqui pra fugir daquela prova de matemática? — perguntei, puxando uma memória que sempre me fazia rir.

— Lembro — ele sorriu —, você dizia que estava “preservando sua sanidade”.

— E você dizia que fazia um “protesto silencioso contra o sistema”.

Fiz aspas no ar, e ele riu.

— Eu era tão pretensioso.

— Ainda é — respondi, cutucando.

Rimos juntos, o som meio abafado pelo vento.

O silêncio voltou, mas agora era diferente. Aquele silêncio entre nós tinha peso, carregava tudo que a gente não tinha coragem de dizer.

— Tudo aqui parece menor agora — falei, devagar —. Quando a gente estudava, parecia que a escola era gigante. Agora, parece só um cenário antigo, meio esquecido.

Ele me olhou, sério.

— Talvez a gente que tenha crescido — disse.

— Você acha que cresceu? — perguntei, um pouco cética.

— Acho que a gente está tentando.

Segurei a lata com força, o frio da bebida escapando pela minha pele.

— Eu também estou tentando — admiti —, mesmo que às vezes pareça que estou presa naquela versão de mim mesma que não sabia lidar com nada.

— Você nunca foi alguém que não sabia lidar — ele disse, sem rodeios —. Você sempre fez do seu jeito. Às vezes torto, às vezes irritante. Mas sempre você.

Eu quis rir, mas minha voz falhou. Olhei para ele, tentando achar coragem para falar o que estava guardando.

— Minjae...

— Hm?

— Por que você ainda está aqui?

— Agora?

— Não só agora. Quero dizer, depois de tudo, depois de tanto tempo.

Ele demorou para responder, como se escolhesse cada palavra com cuidado.

— Porque eu nunca consegui ir embora direito.

Meu peito apertou. O silêncio depois disso ficou enorme.

— Sabe o que é mais estranho? — falei baixinho.

— O quê?

— Eu gosto quando você está por perto. Mesmo quando não diz nada.

— Eu sei — ele respondeu, com uma calma que parecia firme demais para o que sentia.

Desviei o olhar, sentindo o rosto queimar. O chão sob meus pés parecia menos firme. Talvez fosse o frio, talvez fosse o nervosismo.

— Odeio esse tipo de conversa — murmurei.

— Por quê?

— Porque sempre parece que algo vai acontecer.

Ele me olhou, sério.

— E se acontecer?

Meu coração disparou.

— Aí talvez eu tropece e caia no chão de tanta vergonha — falei, tentando rir, mas era um riso fraco.

No mesmo momento, como se o universo tivesse ouvido, tropecei no próprio pé.

Senti meu corpo perder o equilíbrio, e então sua mão segurou meu braço rápido demais para eu reagir.

Fiquei imóvel por um instante, o rosto a centímetros do dele. A respiração dele misturava-se com a minha.

Ele ainda segurava meu braço, e seus olhos estavam fixos nos meus, intensos, dizendo tudo aquilo que as palavras não tinham coragem.

Meu coração batia tão forte que eu podia jurar que ele ouvia.

— Minjae... — sussurrei, quase sem ar.

— Não foge agora — ele pediu, a voz rouca.

— Eu não estou fugindo — respondi.

Ele se aproximou um pouco mais, e falou baixo:

— Então me responde uma coisa.

— O quê?

— Se eu te beijar agora, você vai me bater?

Engoli seco. Hesitei, mas não consegui me afastar.

— Só se você errar o timing — respondi, com um sorriso tímido, tentando esconder o quanto estava nervosa.

Ele riu — um riso leve, sincero, que me fez esquecer de respirar por um instante.

Mas o beijo não veio.

Ele soltou meu braço com cuidado, olhando para mim como se tivesse medo de quebrar alguma coisa.

— Tá tudo bem? — perguntou, quase num sussurro, querendo prolongar o toque.

— Tá. Acho que eu precisava cair pra perceber que você estava ali.

— Sempre estive — disse ele.

Dei um passo para trás, respirando fundo.

— Minjae...

— Hm?

— Se você tentar de novo... me pegar antes de eu cair, acho que eu deixo.

Ele sorriu, um sorriso verdadeiro, aberto, e eu olhei para frente, tentando esconder a tremedeira que sentia por dentro.

O terraço voltou a ficar silencioso. Mas agora, nada era como antes.

Eu sabia que alguma coisa tinha mudado. E eu não sabia se estava pronta para isso, mas também não queria fugir.

# Capitulo 29

*(Minjae)*

Descemos do terraço em silêncio, cada passo ecoando na escada estreita como uma batida surda, como se o prédio escutasse a nossa hesitação. O som abafado da música vinha lá de baixo, distante, como se estivéssemos deixando um sonho barulhento para trás.

O ar mudava conforme descíamos, do calor abafado da festa para o frescor calado do corredor. Ainda havia risos atrás das paredes, ecos de um mundo que continuava mesmo sem nós.

Minjae caminhava ao meu lado, mãos nos bolsos, os ombros tensos. Quando chegamos ao fim da escada e pisamos no corredor comprido, ele parou, e eu senti o olhar dele antes mesmo de virar o rosto.

— Quer sair daqui? — ele perguntou, a voz baixa, quase hesitante.

— Tem um café na esquina... ainda deve estar aberto.
Demorei um segundo. Tive vontade de dizer não. Tive vontade de dizer sim. Parte de mim queria fugir de tudo aquilo, parte queria ficar até o fim da noite. Mas quando minha boca se abriu, foi por conta própria:

— Vamos.

Ele sorriu, pequeno, e aquilo tirou um peso do ar. Não era um sorriso cheio de intenção — era um sorriso de alívio, como se estivéssemos nos salvando de alguma coisa sem nome.

Saímos do prédio em silêncio, atravessando a rua iluminada por postes antigos, a luz amarelada tingindo a calçada com sombras alongadas. O vento era frio, daquele que corta a pele devagar, mas andar ao lado dele tornava tudo suportável. Nossos passos faziam barulho demais na calçada molhada, e mesmo assim, nenhum de nós apressou o passo.

O café era pequeno, meio escondido entre duas lojas fechadas. A luz interna era suave, amarelada, e as mesas de madeira escura convidavam à pausa. Lá dentro, o tempo parecia se mover mais devagar. O cheiro de café fresco, misturado ao de pão recém-assado, preenchia o ambiente como uma lembrança boa.

Sentamos perto da janela, e ele não hesitou ao pedir.
— Dois cappuccinos, com canela — disse ao garçom, antes de se virar pra mim com um sorriso de canto.
— Ainda toma com canela?

Assenti, surpresa. — Você lembra.

— Lembro de muita coisa.

O silêncio entre nós não era incômodo. Pelo contrário. Era como se o mundo tivesse dado uma trégua para a gente se reencontrar com calma.

O café chegou rápido, a espuma formando um redemoinho bonito por cima. A primeira golada trouxe calor imediato. Tomamos devagar, sem urgência. Falamos sobre coisas bobas — professores que se aposentaram, amigos que sumiram, projetos que ficaram pelo caminho. Às vezes, ríamos. Às

vezes, só nos olhávamos e deixávamos o silêncio completar as lacunas.

Mas tinha algo nas pausas. Um tipo de pergunta não feita. Um peso suave entre as palavras.

Depois de um tempo, ele se levantou, passou o cartão e voltou até a mesa com as mãos nos bolsos outra vez.

— Quer andar um pouco? — perguntou, hesitante. — Tem um jardim atrás da escola. Está cheio de flores nessa época do ano.

Eu podia ter dito não. Estava tarde, o frio era mais forte agora. Mas havia uma parte de mim que queria prolongar aquilo. E foi essa parte que falou:
— Quero.

Caminhamos devagar pelas ruas quase desertas. A cidade parecia dormir. As luzes dos postes lançavam sombras longas que nos seguiam pelo asfalto. Em algum momento, ele começou a andar mais perto de mim, nossos ombros quase se encostando. E mesmo sem palavras, dava pra sentir que algo se ajeitava — como se um tempo tivesse se refeito.

O portão do jardim rangeu quando ele empurrou, mas ninguém pareceu ouvir. Lá dentro, tudo era quieto. As flores dormiam abertas, tingidas pelo prateado da lua. As pequenas luzes espalhadas pelo chão lançavam um brilho tênue, e o perfume doce do jardim parecia mais forte à noite, mais presente.

— Não lembrava que esse lugar era tão bonito — falei, tocando de leve uma pétala pálida.

— Acho que a gente nunca veio aqui de noite — ele respondeu, a voz suave, como se o lugar pedisse respeito. — E de dia... a gente nunca parava pra olhar.

Andamos entre os canteiros, os pés fazendo um som leve sobre o cascalho. O mundo parecia ter encolhido, cabia inteiro ali naquele jardim.

Paramos perto de um banco de madeira gasto pelo tempo. Sentamos lado a lado. O frio era insistente, mas havia um calor estranho na presença dele, como se o corpo soubesse antes da mente que aquilo era certo.

Por um instante, o tempo parou.

Nenhum de nós falou. Só respiramos o mesmo ar. O silêncio se tornou quase uma terceira pessoa ali com a gente, tão cheio de significados que mal dava pra decifrar.

— Delilah — ele chamou, quase num sussurro.
— Hm?

— Você ainda pensa em tudo que a gente deixou pra trás?
Demorei para responder. O coração deu um nó, e não era só pelas palavras — era pela maneira como ele olhava, como se também carregasse um peso antigo.

— Penso — respondi, olhando pra frente. — Às vezes mais do que queria.

Ele passou a mão no cabelo, um gesto nervoso, e suspirou.

— Eu também. Mas hoje... hoje eu não quero pensar no que passou. Só queria isso aqui. Só queria agora. Fiquei quieta, mas o silêncio parecia concordar. Então senti: a mão dele tocando a minha, devagar, como quem pede licença antes de entrar. Ele não apertou, só deixou ali, quente contra meus dedos. E eu não afastei.

— Delilah... Tenho notado você a um tempo já, mas não tinha certeza se era o tempo certo de demonstrar meus sentimentos por você. Vi você, uma mulher esforçada com as coisas do Senhor, disposta a servir, disposta a acolher e abraçar. Cuidadosa com o falar, vestir, e se portar. Se tornou uma amiga muito importante na minha vida, me divertindo e exortando. Pensei muito em todas essas coisas, e também na possibilidade de você ser a mulher na qual eu quero passar toda a minha vida, e te amar como o nosso Salvador e Senhor Jesus Cristo ama a igreja! Venho orado muito por esse momento, conversado com seus pais e pedindo ajuda dos irmãos mais velhos porque... Delilah Borjuar... A senhorita gostaria de namorar comigo, e me ajudar, a testemunhar para o mundo a união de Cristo e a igreja por meio desse nosso relacionamento... Até ficarmos velhinhos?

— Claro que sim !. Acho que tropeçar foi o melhor erro que eu já cometi. —Respondi sorrindo, e o abraçando forte, com os olhos enxarcados de lágrimas, mas lágrimas de alegria, uma que durará pra sempre. E o abracei tão forte que quase fiquei sem força.

Quando nos afastamos, o cheiro das flores parecia mais forte e meu coração batia rápido, mas era como se tivesse encontrado um ritmo novo — ou um antigo, esquecido.
Sorri, sentindo o rosto corar, mas sem vergonha. Só um tipo novo de alegria.

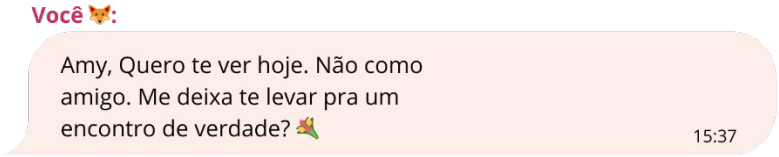
Ele riu, e eu ri junto. E pela primeira vez em muito tempo, o futuro pareceu menos assustador. Talvez porque, ali naquele jardim, entre pétalas, sorrisos e café, alguma coisa finalmente tivesse começado a florescer.

# Capitulo 30

*(Chade)*

Acordei cedo, com a luz suave entrando pela janela. Não era meu costume levantar tão cedo, mas algo dentro de mim dizia que aquele dia seria diferente. Peguei o celular e, depois de respirar fundo, escrevi a mensagem que estava guardando desde ontem à

noite:




Enviei e deixei o aparelho de lado, imaginando a reação dela. Será que ela ficaria nervosa? Surpresa? Meu coração acelerou só de pensar.

Levantei-me e me preparei com calma, tentando controlar o nervosismo que insistia em aparecer. Escolhi uma camisa escura, dobrei as mangas e passei a mão pelo cabelo ondulado, ajeitando os fios. Olhei no espelho, tentando parecer tranquilo, mas sabia que meus olhos denunciavam o que eu sentia.

Antes de ir, passei na floricultura. Entrei e fui cercado pelo aroma das flores. Havia tantas cores, tantos formatos, mas meus olhos buscaram uma só coisa: uma rosa branca.

Peguei com cuidado e pensei nela — a Amy que eu conheci, delicada e forte, como aquela flor.

Paguei pela rosa e, segurando-a firme mas com delicadeza, caminhei até o prédio dela. Meu coração batia forte a cada passo. Cheguei, respirei fundo e bati na porta. Ela abriu, e aquele sorriso tímido no rosto dela fez tudo valer a pena. Estendi a rosa.

— Eu sempre achei que você ficaria linda com esse vestido — falei, tentando parecer natural, mas meu peito apertava.

Ela corou, e o tempo pareceu parar.

Seguimos para a cafeteria no alto do prédio, com uma vista incrível da cidade. Sentamos perto da janela, e comecei a puxar assunto para quebrar o silêncio.

— Você ainda lembra daquelas tardes no campus depois das aulas? — perguntei.

Ela sorriu, nostálgica.

— Como esquecer? Aqueles dias eram simples… mas bons. Às vezes, sinto falta disso.

Concordei, sentindo uma saudade que só quem viveu entende. Pedi dois vinhos tintos, e brindamos, celebrando tudo o que fomos — e o que talvez ainda pudéssemos ser.

Foi então que ela apareceu.

Vanessa.

Aquela mulher sempre soube como aparecer na hora errada, com o sorriso mais falso que já vi. Ela se aproximou da mesa com uma naturalidade que me deixou em alerta, como se fosse uma predadora em seu habitat.

— Olá, Chade. Que surpresa te ver aqui.

A voz doce dela escondia uma intenção clara, e eu podia sentir o veneno ali, na forma como ela olhava para mim — e para Amy.

Enquanto falava, ela segurava uma bandeja, mas havia algo estranho no jeito que andava, na forma como os olhos dela brilharam com uma faísca cruel. E, então, aconteceu.

Ela tropeçou. Não por acidente.

O vinho saltou da taça e caiu em cascata pelo vestido branco de Amy.

O choque congelou o tempo por um instante. O olhar de Vanessa tinha um brilho sádico, quase desafiador. Ela olhou para mim, para Amy, e eu soube que aquilo não foi acidente.

— Ai, meu Deus! — disse Vanessa, fingindo horror.

Amy ficou imóvel, surpresa, envergonhada e furiosa. Levantei a mão para tentar acalmar.

— Vanessa, não foi nada — falei, tentando manter o controle, mas a raiva fervia sob a superfície.

Amy se levantou, limpando o vestido com um olhar que dizia tudo: decepção, constrangimento e raiva contida. Vanessa ficou ali, parada, com aquele sorriso que agora eu sabia ser uma máscara, esperando pela reação.

O clima mudou completamente. O que poderia ter sido uma noite para recomeços virou um campo minado de emoções e lembranças que tentei enterrar.

Ela olhou para mim, e naquele olhar, vi tudo o que não fomos capazes de dizer até agora — a dúvida, a mágoa, a insegurança.

E eu sabia que a presença dela — Vanessa — ia complicar tudo ainda mais.

A noite estava longe de acabar, e o que eu mais queria era proteger Amy de tudo isso, mesmo que isso significasse enfrentar fantasmas que pensei ter deixado para trás.

Depois que Vanessa derrubou o vinho no vestido da Amy, o silêncio caiu pesado na cafeteria. O olhar dela, confuso e magoado, encontrou o meu, e eu queria dizer tudo, pedir desculpas, explicar — mas as palavras pareciam insuficientes.

Amy se afastou da mesa, tentando limpar o vestido e controlar o constrangimento que brilhava em seus olhos. Levantei-me, pronto para ajudá-la, mas algo na expressão dela me fez hesitar. Ela parecia querer distância, espaço.

Sem querer parecer invasivo, segui-a até a varanda, onde o vento fresco soprava, misturando-se ao som distante da cidade.

— Amy — comecei, a voz baixa e cuidadosa — Eu sei que isso tudo está complicado... mas eu só quero que você saiba que eu não vou desistir.

Ela virou-se lentamente para mim, e no momento em que deu um passo em minha direção, o vestido molhado a fez escorregar no piso liso.

O tempo pareceu desacelerar. Ela perdeu o equilíbrio.

Instintivamente, estendi os braços e a segurei antes que caísse no chão.

Sentir o peso dela contra o meu corpo, seu coração acelerado junto ao meu peito — tudo isso me fez entender que não era apenas um reencontro, era um momento decisivo.

Ela respirou fundo, a cabeça encostada no meu ombro, e seus olhos se fecharam por um segundo.

— Eu confio em você — sussurrou, quase sem voz.

Foi como se todo o resto — Vanessa, o passado, as dúvidas — tivesse ficado do lado de fora, naquele instante.

Eu a abracei com força, sem medo de mostrar o que sentia.

— Eu também confio em você, Amy. Sempre confiei.

Então, ela ergueu o rosto lentamente. Nossos olhares se encontraram, tão próximos que podíamos sentir a respiração um do outro. Havia uma ternura ali, uma pergunta silenciosa no fundo dos olhos dela — e eu respondi sem dizer nada.

Nossos lábios se encontraram num beijo breve, suave, quase um sussurro entre corações. Nada urgente, nada apressado. Apenas um toque leve, como se estivéssemos dizendo: *"Estamos aqui. Ainda há tempo."*

E por um instante, tudo parou.

A cidade ao fundo brilhava como testemunha silenciosa daquele momento frágil e precioso.

Quando ela abriu os olhos, um leve sorriso surgiu, e eu soube que, apesar das dificuldades, estávamos prontos para tentar de novo.

Amy se aproximou e nossos lábios se encontraram. Foi um beijo simples, sem pressa, mas cheio de significado. Quando nos afastamos, olhei nos seus olhos e ela sorriu, tranquila.

Nada mais importava além dela, naquele momento

# Capítulo 31

*(Amy)*

Estava em casa, pensando o que faria no dia a seguir, já havia feito meu devocional, limpado a casa, mas ainda faltava alguma coisa fi ai que eu mandei mensagem para Delilah! Totalmente no automático:

Liguei a televisão, separei um pote de sorvete, fiz suco de laranja (nosso favorito) e arrumei o sofá, e depois de alguns minutos Del chegou, com uma pizza deliciosamente cheirosa.

— Oiii, sumida, estava com saudades!— Ela disse com aquele sorriso de orelha a orelha estampado no rosto

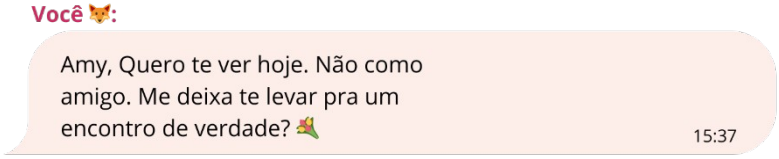
Corri em direção a porta, largando tudo que tinha na mão

—AHHHH eu tenho tantas coisas para te contar! Tu nem sabe! Mas... antes o nosso sorvete de sempre.

Ela colocou a pizza em cima do balcão, arrumamos nosso ninho de aconchego e felicidade (um sofá cheio de almofadas), colocamos nossos Crocs, benditos Crocs, e finalmente, finalmente! Pegamos as colheres de sorvete!

—Pronto, agora me conta tudinho, quero saber, detalhe por detalhe, de tudo o que aconteceu nesse seu encontro com o Chade.

—Então, vamos do começo, primeiro, recebo uma mensagem do Sr. Chade:



— Então, me arrumei, coloquei um vestido branco, e a campainha tocou. Quando abri a porta e vi ele ali com uma rosa… — sorri sozinha — Ele falou do vestido, eu fiquei sem graça. A gente subiu pra cafeteria do prédio. Sentamos perto da janela, conversa fácil. Não tinha esforço.

Del pegou uma fatia de pizza, sem tirar os olhos de mim.

— A gente falou do passado, da faculdade… dessas coisas que você acha que superou, mas claramente não.

— Péssima ideia. — ela comentou, mastigando.

— Pedimos vinho, brindamos. Eu tava bem. De verdade.

Del inclinou a cabeça, sinal claro de “continua”.

— Aí a Vanessa apareceu.

— Ah. — foi só isso que ela disse.

— Fingiu simpatia, tropeçou e jogou vinho em mim. No vestido inteiro.

Del fez uma careta lenta.
— Elegante como um carrinho de supermercado.

— Eu fiquei sem reação. Não era nem o vestido, era o constrangimento. Saí dali. Ele veio atrás, mas sem pressão. Isso eu reparei.

— Ponto pra ele.

— A gente foi pra varanda. Ele falou que não ia desistir, mesmo com tudo bagunçado. Eu tava tentando processar.

Del apoiou o queixo na mão.

— Aí eu escorreguei. — ri baixo — Clássico.

Ela soltou um sopro de riso.
— KKKKK! Minha amiga sempre muito lady.

— Ele me segurou antes de eu cair. Forte. Rápido. Ficou tudo muito perto.

Del não falou nada. Só me encarou, esperando com as sobrancelhas levantadas.

— Eu falei que confiava nele. Saiu sem filtro. Ele respondeu na hora.

— Hmm.

— E a gente se beijou.

— AHHHH! Eu sempre amo essas partes!

Soltei um sorriso involuntário. Ela esticou a mão e pegou a colher.

— Ok — eu disse — agora come esse sorvete. Porque você claramente gostou e vai pensar nisso a noite inteira.

Sorri.

— Sensação?

— Sensação!

E assim passamos a noite, afundadas no sofá,
Dorama, pizza, sorvete e muitas histórias, que só fazem sentido quando contadas pra quem conhece a gente de verdade.

# Capítulo 32

*(chade)*

Nunca entendi como o tempo podia andar tão devagar e tão depressa ao mesmo tempo. Aquela tarde, por exemplo, parecia durar dias — longos e densos, como se cada minuto estivesse sendo estendido de propósito só pra me testar. E mesmo assim, mesmo com essa lentidão quase sagrada, não parecia haver tempo suficiente pra eu encontrar a postura certa, o tom certo, a coragem certa.

O espelho do elevador refletia mais do que eu queria ver. A gola do terno estava no lugar, a gravata alinhada, o sapato polido. Por fora, tudo parecia sob controle. Por dentro… era como se um milhão de perguntas estivessem empilhadas dentro de mim, umas sobre as outras, todas começando com *“E se…”*.

O terno era novo. Claro, engomado. Escolhido dias antes, com cuidado quase obsessivo. Mas apertava. Não no corpo. Apertava por dentro. No peito. No estômago. Era como se o tecido carregasse o peso simbólico do momento. A gravidade do que eu estava prestes a fazer.

Quando cheguei em frente à casa dos Kim, hesitei por um segundo. O portão antigo rangeu sob minha mão, como se estivesse me perguntando se eu realmente tinha certeza. Não era dúvida. Era reverência. Eu sempre acreditei que certos momentos merecem ser pisados com pés mais leves. E aquele era um deles.

O pai dela estava no fundo da sala, sentado em sua poltrona preferida. Não se levantou — e eu entendi. Aquilo não era descaso. Era o lugar dele. Observador. Calado. Presente. Havia algo no olhar dele que pesava mais que palavras. Não era desconfiança, mas experiência. Tempo. Teste.

Sentamos nós dois. Xícaras de chá em mãos. Por um instante, tudo parecia casual demais — como se estivéssemos ali só por cortesia. Falamos sobre o tempo, que em Paris anda de mãos dadas com o inesperado. Sobre o vento frio que insiste em ficar, mesmo quando as flores já brotam nos jardins. Sobre as estações que chegam com poesia, como se alguém lá em cima ainda escrevesse cada pôr do sol à mão.

Depois, falamos dela. Da Amy. Dos vestidos que ela costura como quem molda alma em tecido. Dos concursos que ganhou, das viagens, dos desfiles.

E então veio a pergunta.

Curta. Direta. Mas não ríspida. O tipo de pergunta que pede verdade, não performance.

— E o que te trouxe aqui exatamente, Chade?

O tempo parou por um segundo.

Senti a xícara tremer levemente entre meus dedos. Não por insegurança, mas porque, às vezes, a verdade é tão grande que não cabe inteira na boca. Encostei a xícara na mesa com cuidado. Respirei fundo. Tentei lembrar de tudo que eu tinha ensaiado nas últimas semanas, mas na hora, tudo que ficou foi o que era sincero.

— Eu só queria… pedir algo que sempre foi precioso — comecei, tentando encontrar os olhos dele com os meus.

— E prometer que vou cuidar disso como a coisa mais valiosa que existe, colocando o senhor acima de todas as nossas decisões. Eu tenho orado por isso, com sinceridade. E acredito que Deus colocou no meu coração o momento certo de pedir permissão. Sr. Kim… eu amo a sua filha. E não tenho dúvida disso.

Houve um silêncio.

Denso. Sagrado. Como se as palavras estivessem sendo pesadas, não com desconfiança, mas com reverência.

Ele olhou para a xícara em sua mão. Depois pra mim. Depositou-a lentamente na mesa, sem pressa, como quem sela um pensamento com um gesto pequeno, mas cheio de significado.

— Entendo — disse, com uma voz baixa, serena. E um pequeno sorriso se formou em seu rosto.

Era só isso. “Entendo.”

Mas dentro daquela palavra havia espaço suficiente pra caber um “sim”.

Alguns dias depois, fui até o ateliê da Amy.

O sol já estava baixo, e os últimos raios da tarde pintavam as janelas com aquele tom dourado que parece acontecer só em lugares que a gente ama. O ateliê estava cheio — de tecidos, de moldes, de sons leves, de coisas que nascem das mãos dela. Era um caos artístico, mas de um jeito bonito. Autêntico.

Ela estava em pé, finalizando um vestido em um manequim, com a fita métrica pendurada no pescoço e os cabelos presos num coque bagunçado. O tipo de bagunça que, nela, sempre parecia proposital. Intencional.

Entrei devagar, com um pacote de croissants ainda quentes na mão, e um sorriso que eu já não conseguia mais disfarçar.

— Trouxe reforço. Você parece estar costurando a Mona Lisa.

Ela riu, sem me olhar.

— Estou quase. Esse vai pro desfile de jovens talentos em Seul.

Me aproximei devagar, como quem entra num templo. Porque ali, com ela criando, era isso mesmo — um templo de criatividade, paciência e beleza. Observei o vestido em silêncio por alguns segundos. Ela sentiu meu olhar, virou-se devagar e arqueou uma sobrancelha.

— Você tá com essa cara de quando pensa demais.

— E se eu tiver? — tentei brincar, embora ela soubesse que eu não estava só brincando.

— Então deve ser algo importante.

Ela já me conhecia demais pra eu tentar esconder.

Sentei na borda da mesa, de frente pra ela. A luz entrava pelas janelas de um jeito quase cinematográfico, como se o tempo tivesse desacelerado de novo. Ou talvez fosse só o jeito que ela fazia o tempo parecer mais leve.

— Sábado, 18h — disse, com calma. — Quero te levar a um lugar.

Ela cruzou os braços.

— Um lugar?

— Um jantar. Mas não desses que a gente marca em cima da hora e acaba pedindo café demais. — Sorri, meio nervoso. — É… especial. Só nós dois. Lugar aberto. Com flores. Silêncio bom.

Ela me olhou daquele jeito que ela tem — como quem lê além das palavras.

— Eu só quero ver você num lugar bonito… onde o tempo pare um pouco, só pra nós dois.

Ela ficou em silêncio por alguns segundos. Depois se aproximou. Encostou a testa na minha, com aquele sorriso calmo, contido, que dizia mais do que qualquer resposta falada.

— Sábado, 18h — murmurou. — Estarei lá com meu vestido favorito.

Ficamos assim. Por um instante longo, calmo, precioso. Depois ela voltou ao trabalho. Os dedos voltaram ao tecido, mas os olhos tinham um brilho diferente. Como se algo dentro dela também tivesse mudado.

Do meu lado, na bancada, uma rosa ainda fresca estava num copo com água. A mesma que eu tinha deixado ali semanas atrás, num dia qualquer, sem esperar muito.

Ela tinha cuidado da flor.

Talvez cuidasse de mim do mesmo jeito.

E talvez, só talvez, isso fosse tudo o que eu precisava pra ter certeza.

# Capítulo 32

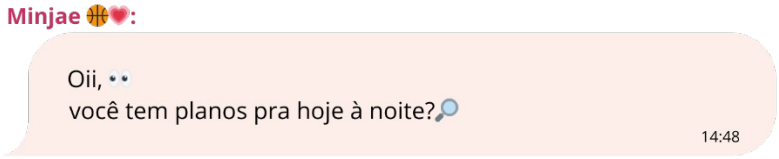
*(Delilah)*

Outubro tem um jeito estranho de me deixar mais sensível. É quando as árvores começam a despir suas folhas, o vento ganha um cheiro de mudança, e tudo parece sussurrar que o tempo está passando — mesmo quando a gente finge não perceber.

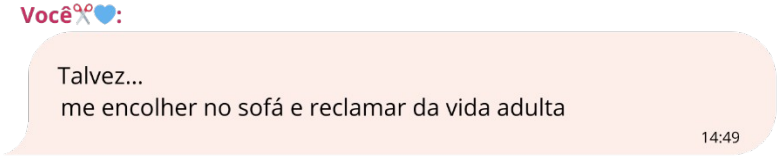
Naquele sábado, eu estava em casa, enrolada no meu cobertor velho, com uma xícara de chá que já tinha esfriado há muito tempo. O céu lá fora estava acinzentado, e uma playlist de jazz instrumental tocava baixo, como se também tivesse preguiça. Eu tentava ler um livro, mas meus olhos passavam pelas palavras como se estivessem só cumprindo tabela.

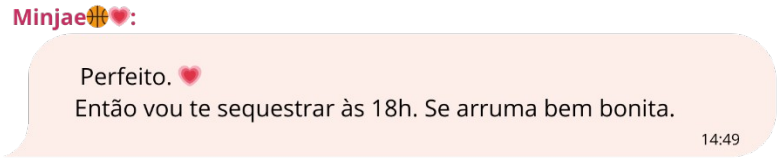
A verdade é que eu me sentia meio vazia. Não triste, exatamente. Só… distante de mim mesma.

Foi então que meu celular vibrou.




Senti um calor estranho no peito. Ele ainda conseguia fazer isso comigo, mesmo depois de todos esses anos. Mesmo depois de termos atravessado juntos tantas versões de nós.




Sorri. Sozinha.

Fechei o celular e fiquei olhando pro teto por um tempo. Algo me dizia que aquela noite não ia ser só um encontro. E não por causa de um grande gesto ou um pedido esperado. Mas por causa do jeito que ele sempre soube entrar nos meus silêncios sem pedir licença.

Fui até o quarto e encarei o guarda-roupa como se estivesse escolhendo uma versão de mim pra apresentar. Vesti, tirei, vesti de novo. Acabei escolhendo um vestido vinho, leve, que balançava

junto com meu corpo. Soltei o cabelo, passei meu batom cor de boca, e finalizei com o perfume de flor de laranjeira que ele sempre dizia que "cheirava como abraço depois da chuva".

Às 18h em ponto, ele estava lá.

Encostado no carro, com uma jaqueta escura e o sorriso mais bonito que já vi. O tipo de sorriso que carrega lembranças — dos nossos anos de faculdade, bilhetes escondidos na mochila, tardes no terraço da escola ouvindo música pelo fone.

— Uau… — ele disse, me olhando devagar. — Você sempre consegue me fazer esquecer como se respira.

Revirei os olhos, mas por dentro… eu derreti.

— Ainda usando essas frases cafonas?

— Ainda com esse efeito em mim.

No carro, a trilha sonora era jazz — claro. Começou com *Autumn in New York*. Depois veio Chet Baker. Nina Simone. E tudo isso me puxou pra um tempo em que a gente ainda estava descobrindo como se aproximar, tropeçando nas palavras, deixando bilhetes, rabiscando letras de músicas nos cantos dos cadernos.

— Isso é nostalgia ou provocação? — perguntei, com um meio sorriso.

— Isso é só um bom começo de noite — ele respondeu, com aquele tom de mistério que me deixava boba desde sempre.

O céu já estava dourado-alaranjado quando ele estacionou.

Desci do carro e levei alguns segundos pra entender onde estávamos. Lanternas de papel pendiam das árvores. Um palco iluminado ao longe. Pessoas sentadas em mantas, casais rindo, o som de instrumentos sendo afinados.

Festival de Jazz de Hanuel Park.

Meu coração se apertou.

— Minjae… esse é o festival que eu falava desde a universidade.

— Eu lembro — ele respondeu. — Você falava como se fosse um sonho distante. Achei que era hora de trazê-lo pra perto.

Não respondi. Só entrelacei meus dedos nos dele. Forte.

Sentamos debaixo de uma árvore, numa parte mais afastada do palco. Ele estendeu uma manta sobre a grama e tirou de uma sacola uma garrafa de vinho, duas taças, e uma caixinha com queijos e frutas secas.

Tudo pensado. Tudo com intenção.

Me deitei de lado, apoiando a cabeça no colo dele. O som da banda preencheu o ar com uma versão delicada de *Autumn Leaves*. O cheiro do vinho, da terra úmida, da noite chegando... tudo me atravessava devagar.

— Sabe o que é estranho? — murmurei. — Eu passei o dia achando que hoje ia ser só mais um sábado. Mas agora… parece que tô vivendo uma daquelas noites que a gente nunca esquece.

Ele demorou um pouco. E então disse:

— Com você… até os dias normais parecem especiais.

Fechei os olhos. Quis guardar aquela frase num frasco pequeno e pendurar no pescoço

Quando a última música estava começando, Minjae puxou do bolso um caderninho preto, antigo.

— Você lembra disso? — perguntou.

— Aquele caderno onde você escrevia letras cafonas? — brinquei.

Ele riu.

— Algumas eram cafonas. Outras… eram sobre você.

Abriu numa página e começou a ler. A letra era simples, mas intensa. Falava de uma garota que sorria como o fim do verão, que tinha olhos onde ele

podia morar, e uma presença que fazia tudo ao redor perder o peso.

Fiquei em silêncio. Escutando não só as palavras, mas o tempo que ele guardava dentro delas.

Quando terminou, ele fechou o caderno com cuidado.

Não me pediu nada. Nem casamento, nem promessas. E foi perfeito assim.

Foi então que o palco anunciou:

— “Agora, convidamos todos a acenderem suas lanternas e enviarem seus desejos ao céu.”

Minjae tirou uma lanterna dobrada do bolso. Papel branco, com detalhes dourados. Ele a desdobrou com cuidado e me estendeu.

— Vamos fazer isso juntos?

Segurei com ele. Acendemos a base e esperamos o ar quente fazer a lanterna ganhar leveza. Ficamos ali, ajoelhados na grama, nossas mãos lado a lado, sentindo o calor e o silêncio entre nós.

— Tem que fazer um pedido? — perguntei, baixinho.

— Não precisa dizer em voz alta — ele respondeu. — Só sentir.

Fechei os olhos. Pedi calma. Amor sem pressa. Pedi que esse momento virasse raiz.

A lanterna começou a flutuar.

— Pronta? — ele sussurrou.

Assenti.

E soltamos juntos.

Ela subiu devagar, como se estivesse relutante em nos deixar. Subiu entre outras dezenas de lanternas, pintando o céu com luzes suaves. Mas eu sabia qual era a nossa. Mesmo quando virou só mais um ponto brilhante lá em cima… eu sabia.

Minjae passou o braço pelos meus ombros, e nos sentamos de novo na grama, olhando pra cima.

Não dissemos nada.

A verdade é que o amor mora mesmo nessas horas em que o silêncio diz tudo.

# Capítulo 33

*(Amy)*

A luz da manhã entrou pela janela como quem não queria atrapalhar, apenas tocar. Um raio tímido, morno, que atravessava as cortinas claras e dançava sobre os lençóis. Eu ainda estava deitada de lado, com o rosto meio enterrado no travesseiro, tentando entender se o mundo lá fora já tinha começado.
O despertador tocou baixinho, quase educado demais para o que representava.

Estiquei o braço, tateando até encontrar o botão. O silêncio voltou, e por um momento fiquei ali, imóvel, sentindo o coração bater num ritmo diferente. Lentamente, virei o rosto para o calendário na parede — aquele que eu sempre deixava meio esquecido, preso por fita adesiva, mas com um único dia marcado com atenção.

Sábado.

Um pequeno coração desenhado à mão. Ao lado dele, em caneta delicada, a anotação:

**18h.**

Foi aí que meus olhos se abriram de verdade. Como se aquele pequeno detalhe tivesse me chamado de volta ao corpo, ao tempo, ao presente. Um sorriso se formou, primeiro tímido, depois inevitável.

— É hoje — sussurrei para mim mesma, com a voz ainda rouca de sono.

Me arrumar nunca foi só sobre me vestir. Era como montar uma pintura — uma escolha de textura, cor, memória e emoção. Cada detalhe contava uma

história. E naquela tarde, cada detalhe parecia respirar.

Prendi o cabelo em um coque leve, deixando alguns fios soltos ao redor do rosto. O tipo de bagunça intencional que Chade dizia gostar. Escolhi um brinco pequeno, discreto, quase invisível. Experimentei dois vestidos antes de parar diante daquele.

Era um dos meus preferidos. Leve, em tons claros, com um bordado floral na cintura que eu mesma desenhei meses atrás, numa noite em que ele me inspirou sem nem perceber.

Passei o perfume devagar, fechando os olhos por um instante como quem segura o fôlego antes de mergulhar. E quando olhei no espelho — realmente olhei — vi mais do que aparência. Vi uma espera. Vi um capítulo prestes a virar.

Peguei a bolsinha com cuidado, dei um pequeno giro diante do espelho. O sorriso veio nervoso, mas cheio de carinho.

O jardim era tranquilo, discreto. Um pequeno paraíso escondido dentro da cidade, entre árvores e flores que pareciam ter sido plantadas para esse dia. As minhas favoritas estavam lá — Margaridas, lavandas e lírios. Tudo simples, mas com um cuidado que só quem me conhece de verdade saberia ter.

Quando cheguei, ele já estava me esperando.

De pé, com as mãos atrás do corpo, como se estivesse tentando não tremer. O olhar dele me encontrou antes de qualquer palavra. E naquele instante, tudo o que era ansiedade virou quietude. Ele estendeu o braço. Eu aceitei.

Caminhamos entre as flores.

— Na época da faculdade, você dizia que amava jardins com caminhos tortos — ele disse, com aquele meio sorriso de lembrança.

— Porque sempre levam pra algum lugar inesperado — respondi, sentindo o coração disparar.

— E se esse caminho levasse direto… pra sempre?

Eu não consegui responder. Só parei. Olhei pra ele com os olhos cheios de um futuro que eu nunca ousei nomear. E foi ali, no meio do jardim, sob a luz dourada do entardecer, que ele se ajoelhou.

Tive que tampar a boca com a mão. Um gesto tão natural que nem percebi que estava chorando.

Ele abriu a caixinha de veludo devagar, como se tivesse medo de que o momento acabasse antes de começar. Lá dentro, um anel simples e delicado, que brilhava como uma promessa tímida.

Ele respirou fundo, olhou nos meus olhos e sorriu daquele jeito que sempre me desmontava.

— Eu… — ele riu, nervoso, passando a mão pelo cabelo. — Eu ensaiei isso umas cem vezes, mas agora que você tá aqui, nada parece bom o bastante.

Meu coração já estava nas nuvens.

— Então eu vou só falar a verdade — ele continuou, a voz suave, sincera. — Você deixou minha vida mais leve. Mais bonita. Mais minha. Eu acordo pensando em você, oro por você, e sonho com um futuro onde a gente divide tudo… até os dias ruins. Principalmente eles.

Ele deu um passo mais perto.

— Eu te amo. De um jeito que me assusta e me acalma ao mesmo tempo. E… eu quero construir uma vida inteira ao seu lado, quero servir ao Senhor do seu lado. Amy Lee Park. Você quer casar comigo?

A resposta que eu queria dar já estava pronta há muito tempo, mas meu corpo não cooperou. Eu me ajoelhei também. Abracei ele com força, o anel ainda entre nós dois.

— Eu achei que meu coração fosse explodir desde que você se ajoelhou! — sussurrei, rindo e chorando ao mesmo tempo.

Ficamos assim: dois bobos ajoelhados, rindo sem conseguir respirar direito, no meio de um caminho torto que, por algum motivo, parecia o lugar perfeito no mundo.

Quando nos levantamos e ele colocou o anel no meu dedo, os primeiros pingos de chuva começaram a cair, leves como confetes do céu.

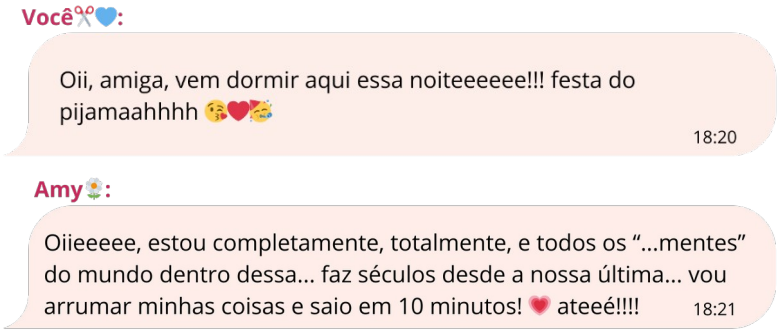
Nada precisava ser dito.

Porque naquele instante, tudo já estava no lugar.

# Capítulo 34

*(Delilah)*

Estava entediada, então decidi chamar Amy para vir aqui em casa, fazia alguns dias desde a nossa ultima comemoração assim, e agora AMY ESTAVA NOIVA!




A verdade é que eu ainda não conseguia acreditar que a Amy, a minha Amy cheia de glitter, drama, risadas espontâneas e abraços de urso, agora era uma noiva oficial. A palavra ainda brilhava na minha cabeça como se estivesse escrita em néon cor-de-rosa.

E lá estávamos nós: na minha sala transformada em um acampamento improvisado de cobertores, travesseiros e luzinhas pisca-pisca presas com fita adesiva. Do jeito totalmente Amy de celebrar.

Ela entrou correndo com dois potes de guacamole nas mãos, quase derrubando um deles, com um sorriso que tomava o rosto todo.

— DEL! Minha melhor amiga!

— Ainda sou sua melhor amiga, mesmo você estando noiva? — provoquei.

Ela soltou um gritinho.

— Oh meu Deus, EU TÔ NOIVA.

Ela pulou, e eu juro que os churros tremeram na mesa.

Tacos, burritos, nachos, quesadillas… era praticamente um banquete mexicano. Eu só não sabia se era pra celebrar o pedido do Chade ou pra evitar que ela explodisse de energia.

Quando ela finalmente parou de correr pela sala, se jogou ao meu lado no chão e respirou fundo como alguém que acaba de fazer maratona.

— Delilah… ele me pediu em casamento. — ela disse de novo, pela décima vez.

— E você disse sim. — falei, empurrando um taco na mão dela. — Agora come antes que desmaie de euforia.

Ela mordeu, fechou os olhos, fez um som dramático de aprovação e apoiou a cabeça no meu ombro.

Eu senti um calorzinho no peito. Minha melhor amiga realmente estava começando uma nova fase. Um capítulo. Uma vida.

E eu? Eu estava feliz. Sinceramente feliz.

Mas também…
Bom, havia aquela outra parte de mim.

A parte que, por mais que eu odiasse admitir, imaginava como seria *o meu* pedido perfeito. Com o Minjae.

A ideia me pegou desprevenida, como sempre. Bastava eu ver a felicidade da Amy que aquele desejo silencioso, tímido, quase vergonhoso, dava as caras. Não por ciúmes — nunca — mas por esperança. Por sonho.

Mas antes que eu ficasse sentimental demais, a Amy levantou o microfone do karaokê portátil como se fosse a espada do Rei Arthur.

— DELILAH. Karaokê. AGORA.

— Nem terminamos de comer!

— Não importa. O amor me deu superpoderes!

E assim começou a fase musical da noite.

Ela escolheu uma música romântica brega dos anos 2000, e cantou como se estivesse se apresentando no casamento dela naquele exato segundo. Eu ria tanto que nem conseguia cantar minha parte.

No refrão, ela virou pra mim, segurando meu rosto com as mãos:

— Você vai ser minha dama de honra.
— Não tava planejando fugir pra Honolulu antes disso — respondi.

Ela riu, me abraçou com força, e por um momento achei que fosse esmagar minhas costelas.

Quando nos cansamos de cantar, nos deitamos dentro do “forte” de travesseiros. As luzinhas refletiam no cabelo dela, e eu vi pela primeira vez, com calma, o brilho diferente nos olhos dela. Um brilho tranquilo. Satisfeito. Completamente apaixonado pelo Chade.

— Del… — ela murmurou, encarando o teto. — Eu nunca achei que alguém fosse me amar tanto assim.

Senti meu coração apertar, mas do jeito bom.

— Você merece esse tipo de amor. E mais.

Ela sorriu, meio emocionada, e depois virou pra mim com olhar suspeito.

— E você? — perguntou. — Alguma novidade… coreana, tipo… do Minjae?

Eu rolei os olhos.

— Amy…

— DELILAH. Não mente pra mim. Você fica olhando pro celular como se estivesse esperando uma mensagem do Minjae sair de dentro da tela com um megafone dizendo “CASA COMIGO”.

Eu dei um tapa no travesseiro dela.

— Não é assim.

— É sim — ela respondeu, dando um sorriso que eu conhecia bem. — Você tá esperando. Dá pra ver nos seus olhos.

Suspirei. Não havia muito sentido em tentar esconder.

— Talvez eu esteja. — admiti. — Mas… eu não sei se ele pensa nisso ainda.

Amy me olhou com a expressão mais doce que já vi nela.

— Del. O Minjae te olha como se você fosse… tipo… wifi estável. Amor verdadeiro. Salvação.

Eu gargalhei.

— Essa comparação foi horrível.

Ela apoiou a cabeça no meu braço.

— E… como seria o seu pedido perfeito? — perguntou baixinho.

A pergunta caiu dentro de mim como uma pedra num lago.

Eu respirei devagar.

— Não sei ao certo — comecei, escolhendo as palavras. — Acho que… seria algo tranquilo. Íntimo. Nada cheio de gente. Nada com fogos de artifício ou

telões. Só… ele. Eu. Talvez ao pôr do sol. Talvez em algum lugar que fosse nosso, sabe?

No fundo… no fundo… doeu um pouquinho.
Um tipo de dor quieta. Não amarga.
Só… esperançosa demais pra caber dentro do peito.

Amy percebeu. Ela sempre percebe.

— Ei — ela disse, segurando minha mão. — Seu pedido vai chegar. Eu sei. O Minjae só tá juntando coragem. Ou preparando alguma coisa muito fofa. Ou treinando no espelho. Esses homens demoram, mas chegam lá.

Eu encostei a cabeça nela.

— Tomara.

— Eu aposto um burrito nisso — ela declarou.

— Você aposta comida em tudo.

— Por isso mesmo é um compromisso sério.

Rimos.

E ficamos ali, abraçadas, conversando sobre flores do casamento dela, sobre vestido, sobre madrinhas, sobre como o Senhor muda nossa vida, muito rapidamente.

E no meio de tudo isso, no fundo do coração, uma parte de mim — miudinha, paciente e teimosa — continuava esperando.

Esperando o dia em que o Minjae diria meu nome do jeitinho dele.
Esperando o pedido.
Esperando o “sim” que seria só nosso.

Mas naquela noite?

Naquela noite eu era só felicidade pela Amy.
E isso era o suficiente pra me preencher inteira.

— Del… — ela sussurrou, com aquele tom de confidência que só existia entre nós. — Eu sei que você tá pensando no Minjae.

Ri baixo, meio envergonhada, mas sem fugir da verdade.

— Tá sim. — admiti. — Mas eu prometi a mim mesma não ficar ansiosa. Não quero estragar nada. Só quero que seja do jeito dele, sabe? Do jeitinho Minjae.

Ela apertou minha mão, como se entendesse exatamente cada palavra não dita.

— Vai chegar. — disse firme. — Ele só tá construindo o momento perfeito, porque ele quer que seja seu também, não só dele.

Suspirei, sentindo o coração aquecer. Amy sempre tinha a palavra certa, no momento certo. Ela entendia que esperar podia ser tão bonito quanto qualquer surpresa.

— E enquanto isso… — continuei, olhando para os pisca-pisca que refletiam no cabelo dela — a gente vive o agora. A gente come churros, canta música brega e constrói nosso forte de travesseiros.

Amy riu, e dessa vez o riso trouxe uma leveza que parecia preencher todo o cômodo.

— Delilah, você é minha melhor amiga. — ela disse, segurando meu rosto com carinho. — Mesmo que eu esteja noiva, mesmo que você esteja esperando o Minjae… nada disso muda.

Sorri, com o peito apertado de felicidade.

— Nada muda mesmo. — murmurei. — Eu só… quero que você seja feliz. Que cada passo que você dê daqui pra frente seja cheio de alegria, de amor, do seu jeito de Amy.

— Agora, Del… — ela disse, com o olhar brilhando, — vamos cantar mais uma música antes que eu fique sem voz. E você vai me acompanhar, porque ninguém solta a melhor amiga no karaokê!

Sorri, e peguei o microfone que estava à minha frente. No fundo, enquanto a música começava, uma parte minha sabia que o pedido do Minjae estava chegando. E talvez, só talvez, aquela noite fosse a preparação perfeita para algo ainda maior.

Mas por enquanto, era só isso: eu, Amy, risadas, luzinhas e a certeza de que amizade verdadeira sempre encontra seu lugar no coração.

# Capítulo 35

*(minjae)*

Era uma dessas noites silenciosas em que a cidade parecia respirar devagar, mas meu coração não acompanhava. As luzes dos postes se espalhavam pelas ruas como pequenos faróis cansados, e eu caminhava sem realmente sentir o chão sob os pés. Eu havia decidido: ia pedir Delilah em casamento. Mas a verdade? Eu estava apavorado.

Os dias que antecederam essa decisão foram um turbilhão de pensamentos e orações. Em vários momentos, eu simplesmente parava onde estava — no meio da rua, no quarto, até no trabalho — e me perguntava se aquele era realmente o momento certo. Se eu tinha maturidade suficiente. Se eu conseguiria ser o homem que ela merecia.

Será que ela diria sim?
Será que eu saberia cuidar do coração dela nos dias difíceis?
Será que eu estava pronto para carregar uma responsabilidade tão grande?

Foi nesse turbilhão que pensei em Chade. Ele não era apenas um amigo; era alguém que já tinha atravessado essa ponte. Alguém que conhecia o peso — e a beleza — do compromisso.

Peguei o celular, respirei fundo e escrevi:

*Minjae:*
“Chade, você tem um tempo hoje? Tô precisando conversar… coisa séria.”

A resposta veio quase imediatamente.

*Chade:*
“Claro. Quer jantar fora? A gente conversa com calma.”

Olhei para a tela por alguns segundos antes de responder.

*Minjae:*
“Gostaria. Obrigado mesmo.”

Antes de sair de casa, me ajoelhei ao lado da cama. O quarto estava em silêncio, mas meu coração fazia barulho demais.

“Senhor, me dá coragem. Me ensina a amar a Delilah como Tu amas: com paciência, bondade e fidelidade. Se esse passo vem de Ti, fortalece meu coração. Que nossa vida juntos glorifique o Teu nome. Amém.”

O restaurante era simples, acolhedor. Luz amarela, mesas de madeira, um cheiro de comida quente que trazia uma estranha sensação de segurança. Chade já estava lá quando cheguei. Ele se levantou, me cumprimentou com um abraço firme, daqueles que dizem mais do que palavras.

Sentamos. Pedimos a comida quase no automático. O silêncio inicial não era constrangedor — era carregado.

— Chade… — comecei, passando a mão pelo rosto — eu decidi pedir a Delilah em casamento. Mas estou com um medo que não sei explicar. Parece que esse momento é maior do que eu.

Ele me observou com atenção, sem pressa.

— Minjae, se você não estivesse nervoso, aí sim eu ficaria preocupado — disse, com um leve sorriso. — O medo mostra que você entende a importância do que está prestes a fazer.

— Eu fico pensando se vou conseguir ser constante… se vou saber liderar, proteger, amar do jeito certo — confessei. — Tenho medo de falhar.

Chade respirou fundo antes de responder.

— Eu senti tudo isso antes de pedir Amy em casamento. A ansiedade, o peso, a sensação de não ser suficiente. O que me sustentou foi entender que casamento não é sobre ser perfeito, mas sobre estar disposto a crescer todos os dias.

A comida chegou, mas mal toquei no prato.

— Teve algo que te deu paz naquele momento? — perguntei.

Ele assentiu, tirando uma pequena Bíblia do bolso da jaqueta.

— Teve um texto que me acompanhou o tempo todo.

Abriu com cuidado e leu, em voz baixa, mas firme:

— “O amor é paciente, o amor é bondoso. Não inveja, não se vangloria, não se orgulha. Não maltrata, não procura seus interesses, não se ira

facilmente, não guarda rancor. O amor tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta.”

As palavras pareceram desacelerar o tempo ao nosso redor.

— Isso me ensinou — continuou ele — que amar no casamento é uma decisão diária. É escolher a paciência quando o orgulho quer falar mais alto. É bondade quando o cansaço pesa. É fé quando o medo tenta dominar.

— E quando a insegurança volta? — perguntei, apertando o guardanapo entre os dedos.

— Aí você lembra que não caminha sozinho. Deus sustenta o que Ele mesmo planta. Se Ele colocou esse amor no seu coração, Ele também te capacita para cuidar dele.

Ficamos em silêncio por alguns instantes. Pela primeira vez naquela noite, meu peito pareceu respirar melhor.

— Você acha que devo mostrar pra Delilah que estou nervoso? — perguntei por fim. — Ou tentar parecer confiante?

Chade sorriu.

— Seja verdadeiro. A confiança mais forte não é a que finge segurança, mas a que se apoia na sinceridade. Honestidade cria raízes profundas. Bom, agora vamos comer que eu estou com fome!

— Claro, claro! Muito obrigada cara. Seus conselhos sempre me salvam.

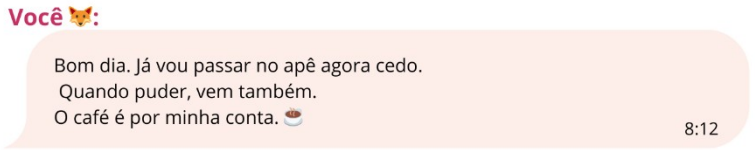
Ele assentiu, com um sorriso no rosto. Quando saímos do restaurante, a noite parecia diferente. O medo ainda estava ali, mas não estava mais sozinho. Caminhei para casa com o coração acelerado — não por pânico, mas por expectativa.

Eu ainda tinha medo de falhar.
Mas, pela primeira vez, também tinha esperança.

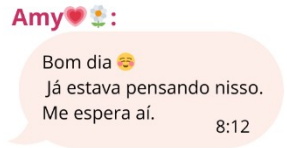
# Capítulo 36

*(Chade)*

A manhã começou cedo demais para um sábado. Acordei com a sensação de que tinha algo importante para acontecer, mesmo sabendo exatamente o que era. Eu e a Amy finalmente íamos ao apartamento — e, mais tarde, o Minjae e a Delilah viriam conhecer. Peguei o celular ainda na cama e mandei mensagem para ela:




Ela respondeu quase na hora.




Cheguei ao apartamento antes das nove. Abri a porta e, por alguns segundos, fiquei parado, só olhando. O lugar ainda estava vazio demais, mas não parecia frio. Talvez fosse só minha cabeça tentando se acostumar com a ideia de chamar aquilo de lar.

Deixei as janelas abertas, tirei algumas coisas das caixas e tentei organizar o mínimo possível. Nada muito planejado. Só o suficiente para não parecer um depósito.

Quando a Amy chegou, entrou sorrindo, olhando tudo de novo, como se fosse a primeira vez.

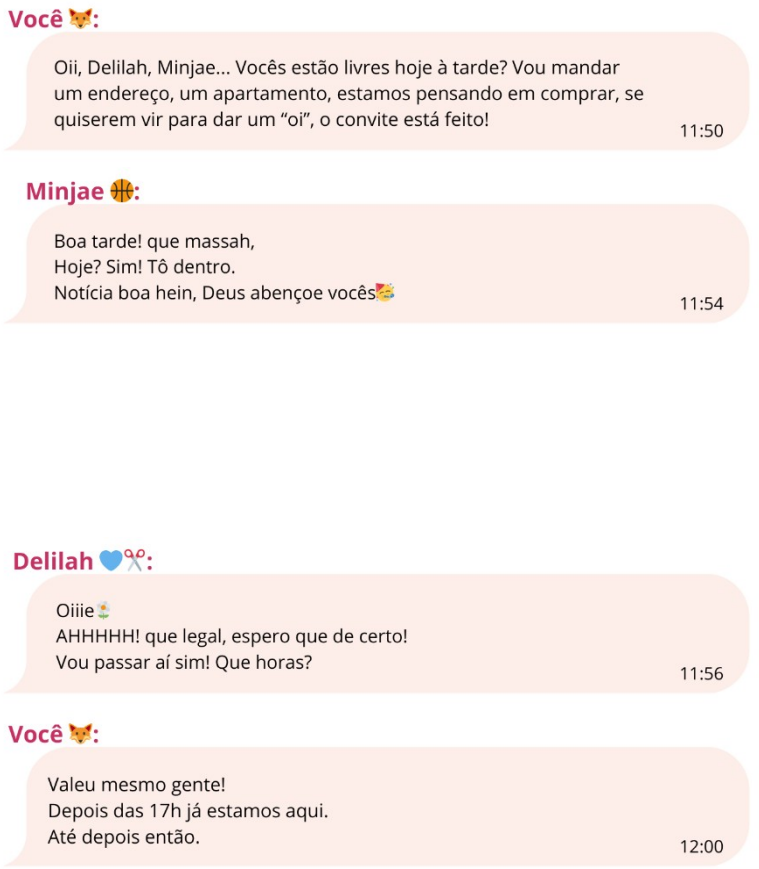
— Cada vez que entro aqui parece diferente — ela disse.

— Acho que é porque agora está começando a parecer real — respondi.

Passamos a manhã ali, resolvendo coisas pequenas. Medidas, ideias, o que dava pra comprar depois. Em algum momento, sentamos no chão da sala, encostados na parede, só conversando. Não falamos muito. Também não precisava.

Perto do almoço, mandei mensagem no grupo.

*Grupo — Patetas*




A Amy olhou pra mim quando viu a confirmação.

— Vai ser bom — ela disse. — Compartilhar isso.

— Também acho.

Quando ouvi a campainha tocar, soube que era hora. Peguei a chave e abri a porta. E lá estavam eles: Minjae e Delilah, com aquele sorriso curioso que sempre me fazia sentir que nada podia dar errado.

— Oi! — Delilah disse, entrando — vocês disseram que era só pra dar um “oi”, mas parece que estou entrando num filme de surpresa!

— Bom… — comecei, tentando conter o sorriso — a gente tem uma novidade.

Os olhos deles se arregalaram quando perceberam que o apartamento era vazio, mas organizado o suficiente para perceber que não era apenas um espaço alugado temporariamente.

— Vocês compraram…? — Minjae disse, parando no meio do corredor.

— Compramos — confirmei. — É nosso apartamento. Meu e da Amy.

O choque durou alguns segundos, depois vieram os sorrisos e alguns “parabéns” e abraços. Delilah riu, passando a mão pelo braço da Amy.

— Isso é incrível! — disse. — Vocês precisam nos mostrar tudo.

Depois da primeira ronda pelo lugar, alguém falou:

— Que tal pedir pizza? — sugeri. — A gente ainda não tem mesa direito, mas podemos improvisar.

Minjae riu.

— Improvisar? Ah, gosto dessas ideias.

Fomos até a cozinha e pegamos o vidro que tínhamos guardado embaixo do sofá, apoiando sobre duas caixas para servir de mesa improvisada. Sentamos todos no chão, encostados nas paredes, cada um com seu pedaço de pizza no prato.

— Isso aqui é tão… confortável — Delilah comentou, mordendo uma fatia.

— É, melhor que a gente imagina — Amy concordou.

Enquanto comíamos, a conversa foi fluindo: trabalho, estudos, planos, risadas. Minjae contou algumas histórias engraçadas do escritório, Delilah fez piadas sobre tentar cozinhar, e a gente riu como se fosse uma tarde qualquer, só que não era — era a primeira vez deles no nosso apartamento, e isso fazia tudo mais especial.

Depois de alguns minutos, eu respirei fundo e disse:

— Antes que eu esqueça… quero que saibam que oramos pra que esse lugar fosse um lar seguro, cheio de paz e amizade. A gente queria que vocês estivessem aqui, compartilhando isso com a gente.

Eles sorriram.

Sentados ali, comendo pizza no chão, olhando para a sala ainda sem mobília, percebi que era exatamente

assim que a vida cristã funciona: às vezes simples, improvisada, mas cheia de significado. E naquele momento, ter amigos por perto era a melhor parte do nosso novo lar.

Depois da pizza, Amy bateu palmas suavemente:

— Hora de colocar essas caixas em algum lugar decente — disse, sorrindo.

Minjae olhou ao redor, surpreso:

— Vocês têm mais caixas do que eu imaginava! E olha, estou dentro da missão, mas aviso: experiência zero em organização.

— Não se preocupa — respondi rindo — a gente também tá aprendendo. Vamos improvisando.

Começamos a arrastar caixas pequenas para cantos estratégicos. Amy cuidava dos livros, Delilah ajudava a decidir o que ia para a cozinha, e Minjae ficou responsável pelas roupas. Entre uma caixa e outra, todos soltavam risadas com ideias absurdas sobre onde colocar cada coisa.

— Essa caixa é minha — Minjae disse, segurando uma grande — mas se cair, não é minha culpa!

— É só colocar devagar — Delilah respondeu — se cair, a gente ri junto.

No fim da tarde, conseguimos organizar a maior parte das coisas básicas. Nada impecável, mas

funcional. O vidro ainda era a mesa improvisada, cercado pelas caixas agora “domesticadas”, cada uma com seu conteúdo definido.

— Sério, Chade, isso tá parecendo que já é um lar — Delilah comentou, encostando-se na parede, sorrindo.

— Pois é — respondi, olhando pra Amy — e a melhor parte é que ele vai melhorar aos poucos, mas já é nosso.

Minjae assentiu, com expressão satisfeita:

— Concordo. E a melhor parte é poder rir e ajudar. Isso não se compra em loja nenhuma.

O sol começava a se pôr, espalhando uma luz morna pelo apartamento. Todos nós ainda estávamos no chão, cansados, mas felizes. Aquele dia simples, com pizza, caixas e improviso, já tinha feito o apartamento se sentir como um lar de verdade.

— Bora guardar as últimas caixas amanhã? — Amy perguntou.

— Com certeza — disse eu. — Hoje a gente aproveita o momento.

E assim terminou o primeiro dia de todos juntos no apartamento: pizza, risadas e improviso, mas cheio de vida e boas memórias.

# Capítulo 37

*(Amy)*

Seul acordava devagar, como se espreguiçasse sob um cobertor de névoa e luz dourada. Era o meio do outono, o tipo de manhã em que o frio ainda escapa pelas frestas da janela, mas o cheiro do café recém-passado avisa que o dia tem promessas.

Então, empurrei a porta do apartamento com o ombro, equilibrando duas canecas quentes e uma baguete mal embrulhada em papel pardo. O lugar ainda estava um caos, mesmo depois de ontem — caixas empilhadas, sacolas abertas, uma planta triste tentando sobreviver no parapeito. Tudo cheirava a mudança, a coisa nova. A recomeço.

Chade estava no meio do turbilhão, com a camisa dobrada até os cotovelos, os cabelos bagunçados e aquele sorriso que ele só dava quando estava cansado demais pra fingir outra expressão. Parecia deslocado no meio da bagunça, mas também... em casa. Como se ele fosse parte daquilo tudo.

— Você não empacotou isso aqui — brinquei, largando as canecas na bancada. — Você sequestrou um prédio inteiro.
Ele deu uma risada curta, esfregando a nuca.

— Culpa da minha mãe. Ela acha que todo adulto precisa de dez tipos diferentes de pratos. E um faqueiro para jantares que eu nunca vou dar.

Me sentei no chão, dobrando as pernas, empurrando uma caixa com o pé. Li a etiqueta escrita em caneta preta: “cozinha – talvez?”. A interrogação dizia mais sobre o estado mental dele do que sobre o conteúdo da caixa.

Começamos a abrir tudo juntos. Caixas com livros velhos, meias órfãs, panos de prato herdados de alguma tia, e, no meio de tudo, encontrei uma foto nossa. Universidade. Aquelas roupas feias da formatura, sorrisos jovens, olhos cheios de planos que nunca saíram do papel.

Fiquei olhando praquela foto por um instante. Não falei nada. Só sorri. E ele, do outro lado da sala, entendeu. Às vezes, o silêncio entre duas pessoas que se conhecem há tempo suficiente é mais confortável que qualquer explicação.

Depois, fomos montar os móveis. Eu sou o tipo de pessoa que olha pra uma peça de madeira e começa a parafusar na intuição. Chade é o oposto — lê cada passo do manual como se estivesse decifrando um código sagrado. Foi uma mistura cômica. Parafuso no chão, um martelo que quase caiu na minha cabeça, ele tentando entender qual era a “peça 12-B”, e eu montando tudo de trás pra frente. E ainda assim, de algum modo estranho, deu certo.

Quando terminamos a cristaleira, ele caiu sentado, derrotado. Eu me joguei ao lado, rindo de exaustão.

A janela estava aberta e a luz do fim da tarde atravessava a sala, deixando tudo com um tom meio dourado, meio poético.
— Obrigado por isso — ele disse, com a voz baixa, quase tímida.
Virei o rosto pra ele.

— Por quê?

— Por ser… a primeira casa que já parece casa de verdade.
Fiquei em silêncio por alguns segundos. Depois encostei a cabeça no ombro dele. Foi um gesto pequeno, quase imperceptível. Mas naquele momento, bastou.

Ainda não era meu lar. Ainda não era “nossa” casa. Mas alguma coisa ali já era.

Terça-Feira chegou devagar, como sempre chega em Seul. Eu estava de moletom, com meias grossas e uma caneca de chá entre as mãos quando a campainha tocou.
Abri a porta sem muita pressa.

— Você chegou no versículo ou só veio pelo pão de queijo? — perguntei, encostada no batente.

Chade sorriu, daquele jeito dele. Sempre um pouco comedido, sempre parecendo que está escondendo um pensamento que prefere guardar.

— Vim pelos dois. Mas o versículo primeiro, prometo.
Ele entrou tirando o casaco, ainda úmido da garoa fina que caía lá fora. Tirou os sapatos, colocou os

óculos, ajeitou a gola da camisa como se estivesse se preparando para algo importante — e, de certo modo, estava.

Sentei no sofá com minha Bíblia no colo. A dele já estava nas mãos, cheia de marcas, post-its coloridos, anotações feitas a lápis. Cada sublinhado dizia algo sobre ele. Sobre como ele tentava entender, reter, aplicar. Eu admirava isso nele — essa vontade de mergulhar fundo, mesmo quando as águas pareciam confusas.
Nos cobrimos com um cobertor e nos sentamos lado a lado. O apartamento estava quieto, salvo pelo som distante da chuva tocando os parapeitos.

Abri numa das páginas marcadas e comecei a ler em voz alta:

— “Confie no Senhor de todo o seu coração e não se apoie em seu próprio entendimento.” — Provérbios 3:5.
Ficamos em silêncio depois disso. Um silêncio bom. Cheio de pensamentos.

— Às vezes, eu tento planejar tudo demais — ele disse, sem olhar pra mim.

— Mas aí você lê isso… e tudo volta pro lugar.
Eu encostei minha cabeça no ombro dele. De novo. Era uma repetição, mas não era costume. Era cuidado. Ainda não era um lar compartilhado — não havia escovas de dentes lado a lado, nem roupa dele no meu armário, nem contrato com os dois nomes. Mas havia esse momento. Havia fé, e pão de queijo, e silêncio confortável. E nós estávamos montando nossa primeira casa juntos, com a ajuda do Senhor.

E, às vezes, isso era mais do que suficiente.

# Capitulo 38

*(delilah)*

Eu estava no meu quarto naquela tarde, envolta na luz dourada que entrava pela janela. O dia tinha sido longo, cheio de tarefas e pequenas preocupações, mas eu queria me arrumar, mesmo que fosse só para mim mesma. Peguei a escova, deslizando lentamente pelos fios, ajeitei o vestido leve que escolhi para a noite — um tom pastel, que parecia abraçar a pele

com suavidade. Senti vontade de me presentear com aquele momento de calma antes da correria.
Foi quando ouvi uma batida delicada na porta. Meu coração pulou uma batida, surpresa — não esperava ninguém. Abri devagar, e lá estava ele. Minjae, com um sorriso tímido, segurando um buquê de flores do campo, simples, mas com aquele tipo de beleza que parece feita especialmente para mim.

— Oi, Delilah — ele disse, a voz suave, quase como um segredo que estava ansioso para contar. — Pensei em te tirar um pouco da rotina hoje. Quer sair comigo?

Meu sorriso veio sem hesitação, embora um turbilhão de emoções começasse a girar dentro de mim — surpresa, alegria, aquela faísca antiga que sempre acendia quando ele estava por perto.

Saímos pela porta, ele ainda segurando as flores, que exalavam um perfume fresco e leve. Caminhamos juntos pelas ruas tranquilas da cidade, iluminadas pelo sol que começava a se despedir. A atmosfera era calma, mas havia uma energia sutil, uma expectativa que eu não conseguia ignorar. Enquanto andávamos lado a lado, ele parecia nervoso, mexendo no bolso da jaqueta, o olhar às vezes fixo no horizonte, às vezes pousado em mim. Eu tentei me concentrar no som dos nossos passos e no cheiro da tarde, mas meus pensamentos giravam em torno do que ele queria dizer.

Finalmente, chegamos ao nosso lugar especial — o jardim escondido atrás da universidade, onde as flores cresciam livres e o silêncio era um convite

para sermos nós mesmos, sem pressa, sem julgamentos.

Nos sentamos no banco de madeira, e ele ficou olhando para as flores ao nosso redor antes de falar.

— Delilah… tem alguns dias que eu venho pensando muito, e eu precisava compartilhar isso com você — começou, a voz baixa, quase um sussurro.

Ele fez uma pausa profunda, respirou fundo e continuou.
— Sabe, há uns quatro dias, acordei com o coração inquieto. Eu sentia um vazio estranho, uma sensação de que algo precisava mudar, mas não sabia exatamente o que. Então, naquela manhã, eu decidi orar. Falei com Deus, pedi que me mostrasse com clareza se você é a mulher que Ele tem preparado para mim.
Ele sorriu, meio nervoso, meio emocionado.

— Eu disse: “Senhor, se Delilah é essa pessoa, que ela seja a primeira que eu encontrar hoje.”

Ele olhou para mim, os olhos brilhando.

— E foi assim. Saí para comprar pão, e, antes mesmo de entrar na padaria, lá estava você foi a primeira pessoa que eu vi naquele dia.
Eu senti um calor se espalhar pelo peito, e ele continuou, com mais firmeza.

— Foi um sinal tão claro pra mim, Delilah. Um sinal de que Deus está guiando esse caminho para nós. Por isso, decidi que quero um compromisso além do namoro, para construir uma vida contigo. Ainda

mais depois de tudo o que aconteceu, quero te manter segura, quero que eu seja o homem que vai te proteger com a ajuda de nosso Senhor, até que ele venha.

Ele virou para mim, buscando meus olhos.

— Eu sei que o casamento é uma decisão enorme, e por isso tenho orado muito para que a gente siga no caminho que Deus deseja. Além disso, tenho a benção de seus pais, e confirmação dos irmãos mais velhos, que isso é do Senhor. Porque casamento não é só a gente, é um plano maior, uma união que Ele criou para nos fortalecer.

Eu me senti quase sem fôlego diante da sinceridade e da fé dele.
— Minjae — eu disse, a voz embargada —, isso é muito mais do que eu podia sonhar ouvir. Quero caminhar com você, quero que a gente construa nossa história juntos.
Ele sorriu, aliviado e feliz, deslizando a mão na minha, apertando com ternura.

— Então. Delilah Leblanc Bourjuar. Você aceita se casar comigo?

As lágrimas escorreram silenciosas, enquanto eu assentia, com o coração transbordando.

— Aceito — respondi, sentindo que aquele momento era o começo de tudo.

Nos abraçamos, envoltos pelo perfume das flores, pela luz suave da tarde que se despedia. Naquele instante, soube que a vida tinha nos presenteado

com um novo começo — um que valia cada oração, cada espera, cada sonho compartilhado.

# Capitulo 39

*(Chade)*

Enquanto o carro avançava lentamente pelas ruas iluminadas, meu olhar se perdeu nas luzes piscando, refletindo nos vidros e no brilho nos olhos de Amy. Ela estava ao meu lado, mexendo no celular, provavelmente conferindo alguma última confirmação com a decoradora ou com a florista. Mas eu não me importava com os detalhes agora.

Eu apenas respirava.

E agradecia.

Agradecia a Deus por cada passo que nos trouxe até aqui, por cada momento que nos formou, separadamente e juntos, até que nossas vidas se encontrassem exatamente neste ponto. Eu fechava os olhos por um instante, sentindo o calor da mão dela na minha, e agradecia mais uma vez.

“Amanhã vai ser o dia perfeito, Senhor”, pensei, quase em oração silenciosa. “Não porque eu ou Amy sejamos perfeitos, mas porque o Senhor nos guiou até aqui. Que tudo corra bem, que nossos familiares e amigos sintam a alegria que já sinto no coração, e

que o Seu amor esteja presente em cada detalhe, em cada olhar, em cada passo.”

Eu pensava em como Deus tinha sido paciente comigo, comigo com minhas falhas, minhas preocupações, meu medo de não estar à altura. E ainda assim Ele me abençoou com Amy — não apenas minha noiva, mas minha melhor amiga, minha inspiração diária, minha parceira em tudo. Ela era luz e graça, bondade e risadas, tudo o que eu poderia ter pedido, e mais.

— Amanhã vai ser incrível — murmurei baixinho, mais para mim mesmo do que para qualquer outra pessoa no carro.

Delilah e Minjae conversavam do outro lado, rindo de alguma piada boba, e Amy sorriu para mim, sem dizer nada, apenas deixando que nossos dedos entrelaçados falassem por nós. Eu observei o sorriso dela, e meu coração se encheu de gratidão.

“Obrigado, Senhor, por me confiar a Amy”, pensei. “Obrigado por me dar a oportunidade de ser o homem que Ela merece, mesmo que eu tropece no caminho. Que amanhã seja um dia de alegria, de amor, de fé. Que eu consiga refletir a bondade do Senhor em cada gesto, em cada palavra, em cada promessa que vou fazer a ela.”

Meu peito se aqueceu com a certeza de que, mesmo que algo saísse fora do planejado — um pequeno atraso, uma flor fora do lugar, uma risada nervosa

demais — tudo ainda seria perfeito. Porque o que importava não era a perfeição do evento, mas a presença de Deus no centro de tudo.

“Que tudo seja bem no dia seguinte”, repeti em pensamento, como se fosse uma oração contínua. “Que todos sintam a paz, a alegria, e que eu consiga olhar para Amy e enxergar nela o que sempre vi: a bênção que o Senhor colocou na minha vida.”

E enquanto o carro continuava pela rua, cercado pelas luzes e risadas, senti meu coração se aquietar de uma maneira que só a fé verdadeira consegue fazer. Amanhã seria nosso dia. E ele seria perfeito, porque estávamos nas mãos de Deus.Ela estava ao meu lado, mexendo distraidamente no celular, provavelmente conferindo os últimos detalhes da decoração. Apertei sua mão discretamente, sentindo o calor que sempre me acalmava.

— Ei, vocês dois ainda vão falar comigo ou é só ficar olhando pela janela e suspirando? — Delilah quebrou o silêncio, rindo.

— Suspirando? — Amy revirou os olhos, sorrindo. — Ele tá só fingindo que não tá nervoso, pra eu não perceber.

— Nervoso nada — eu retruquei, tentando soar firme. — Só tentando manter a compostura. Amanhã vou casar com a mulher mais incrível do mundo, isso exige foco.

Delilah riu e cutucou meu ombro:

— Ainda bem que é a Amy. Se fosse outra, Chade, você provavelmente estaria suando frio, pedindo oração e chorando por tudo antes da cerimônia.

— Na verdade… — Minjae, sentado do outro lado, soltou a fala com aquela seriedade que só ele tinha — você provavelmente faria isso mesmo se fosse outra pessoa.

Todos rimos. Amy bateu no braço de Delilah, enquanto eu sentia o coração se encher de gratidão. Essas duas amigas eram inseparáveis desde sempre, e o jeito como Delilah cuidava de Amy sempre me lembrava que ela era mais que uma amiga: era família.

— Lembram da primeira coleção que projetamos juntas? — Delilah começou, sorrindo. — Com dez anos? Aqueles vestidos de papel de embrulho e fita crepe?

— Como esquecer? — Amy gargalhou. — E você ainda tentou vender um deles na feira da escola!

— Pelo menos tentei lucrar com talento precoce — Delilah retrucou, rindo. — Vocês só queriam me ver passar vergonha.

— Verdade — Amy respondeu, rindo. — Mas agora é só você e eu, Del. Sempre juntas, mesmo que em diferentes capítulos da vida.

Eu olhei para elas e sorri. Aquela amizade era algo raro. Ver Amy tão confortável, rindo, me lembrava do quanto éramos abençoados.

— Chade aqui tá tentando manter a calma, mas a cada detalhe do casamento ele parece que vai explodir.— Disse Minjae

— Explodir? — Amy revirou os olhos de novo. — Não consigo imaginar você mais ansioso do que ele.

— É questão de responsabilidade — eu disse, rindo. — Mas também é sobre começar a vida certa, no tempo certo, e com Deus à frente.

—Verdade — Delilah disse, sorrindo. — Não adianta tentar guiar o barco. É Deus que está no comando.

— E ainda bem — Amy respondeu, apertando minha mão. — Porque se dependesse só de vocês dois, Chade e Minjae, estaríamos em completo pânico.

— Talvez — Minjae admitiu, rindo. — Mas pelo menos temos experiência em administrar crises… hotéis, casamentos… quase a mesma coisa.

— Com estilo — complementei, olhando pra ele.

Amy se encostou em mim, e eu senti o mundo se acalmar por alguns segundos. Delilah e Minjae se entreolharam, sorrindo, como se compartilhassem do mesmo pensamento silencioso: “Eles nasceram um para o outro”.

— Então vamos brindar? — Delilah perguntou, animada. — Ao Senhor, que nos guiou até aqui.

— E à certeza de que, com Deus à frente, podemos enfrentar qualquer coisa juntos.  eu disse, levantando o copo

Amy segurou minha mão mais forte, e Minjae disse:

— Amém.

Naquele momento, rodeado pelos melhores amigos que poderíamos ter, com minha futura esposa sorrindo ao meu lado e a certeza de que Deus guiava nossos caminhos, eu soube que estávamos prontos. Prontos para o casamento, para a vida, para tudo.

A noite ainda ia ser longa, mas não importava. Estávamos juntos, com fé, amor e amizade, e isso bastava.

# Capítulo 40

*(Amy)*

Não foi grandioso.
Não teve teto de catedral, nem orquestra. Não teve discurso longo, nem vestidos bordados com pedras. Não teve multidão, nem exageros.

Foi um jardim pequeno, no inverno, escondido entre paredes cobertas de hera. As flores de sakura já começavam a cair, suaves, como se também estivessem se despedindo de uma estação para dar lugar à próxima.

Eu usava um vestido leve, quase feito de vento. Os bordados discretos na barra carregavam símbolos que só ele reconheceria. Escolhi estar simples porque era assim que sempre me senti mais verdadeira ao lado dele.

Ele, por outro lado, chegou com aquele terno cinza claro que me fazia sorrir. As mangas dobradas até os antebraços. Como sempre. Porque Chade nunca gostou de seguir regras demais — e isso, de algum modo, sempre me fez confiar nele ainda mais. Era como se ele dissesse: *"Sou fiel ao essencial. O resto, eu descomplico."*

Quando caminhei até ele, segurando um pequeno ramo de sakura que colhi sozinha naquela manhã, percebi que não havia euforia em nós dois.

Era algo mais profundo.
Era encontro.
Era uma calma que só chega quando o tempo já não nos cobra pressa.

Os olhares disseram mais do que qualquer música poderia traduzir. Um brilho sereno no fundo dos olhos dele encontrou o meu — e ali havia tudo. Os anos, as pausas, as orações. As quase palavras. Os silêncios escolhidos com carinho.

Cheguei ao altar. A brisa levantou um pedaço do meu véu. Ele ajeitou, devagar, com um gesto que era só nosso. E o Sr. Borjuar, pai de Delilah, começou a cerimônia.

Até que alguém, discretamente, se levantou entre os convidados. Uma presença tranquila, sem ameaça. Não disse o nome. Apenas caminhou até nós com um álbum de couro escuro nas mãos.

Me entregou o objeto com um aceno breve. Folheei, sem saber exatamente o que esperar.

E lá estavam...
*Nós dois.*
Em tantos momentos que eu nem lembrava mais.

Fotos da época da faculdade, nas viagens, nos intervalos em que eu fingia não estar olhando pra ele. Fotos borradas, algumas com sorrisos tímidos, outras com olhos que já contavam segredos. Passamos por cada página como quem revê um caminho torto, mas abençoado.

E então, uma página em branco.

Parei.

— Por que essa está vazia? — perguntei, ainda tocando o espaço com delicadeza.

A pessoa sorriu, com um olhar que parecia vir de muito longe.

— A foto já vai aparecer.

Voltei o álbum para meu colo, ainda sem entender. O momento não foi interrompido. A cerimônia seguiu.

Então foi a vez de meu pai falar, eu realmente não esperava por esse momento, ele pegou o microfone, desdobrou um papel antigo e começou a falar, no mesmo instante lágrimas escorreram de meus olhos.

— Filha... — ele disse, a voz trêmula — encontrei esta carta da sua mãe anos atrás. Ela me pediu para guardá-la até o seu casamento.

Meu coração disparou. Chade apertou minha mão, mas eu só consegui olhar para meu pai, sentindo uma mistura de saudade e expectativa.

Ele respirou fundo e começou a ler:

"Minha querida Amy,

Se você está lendo esta carta, é porque chegou o dia que todos nós esperávamos: o seu casamento. Eu não estou mais aí para ver você caminhar até este

momento, mas meu coração sempre esteve com você, e sempre orei a Deus pela sua vida.

Quero que saiba que você sempre foi uma filha cheia de luz, de coragem e de bondade. Nunca duvide do quanto você é capaz de amar e de fazer o bem ao seu redor. Lembre-se de que, mesmo quando a vida ficar difícil, Deus está ao seu lado, e Ele sempre dará forças para continuar, para perdoar, para recomeçar.

O casamento é mais do que um dia bonito ou uma cerimônia. É uma escolha diária de amar, respeitar e caminhar junto com outra pessoa, tudo isso representando Cristo, e a igreja! Eu oro para que você encontre no seu parceiro escolhido pelo Senhor, alguém que a ame de verdade, que caminhe com você na fé e que esteja disposto a enfrentar a vida lado a lado, com paciência e bondade. Que vocês construam juntos um lar cheio de alegria, fé e compaixão, e que nunca se esqueçam de colocar Deus no centro de tudo.

Que Delilah continue sendo uma irmã, uma amiga e alguém com quem você possa sempre contar. Que vocês duas se apoiem e cresçam juntas, mesmo com a distância ou os desafios da vida.

Lembre-se: você não precisa ser perfeita. Só precisa ser verdadeira, generosa e fiel àquilo que Deus colocou no seu coração. Que Ele guie cada passo, cada decisão e cada sonho que você e Seu marido compartilharem.

Com todo o amor que uma mãe pode ter,
Mãe"

Enquanto meu pai lia, senti meu corpo tremer. Cada palavra parecia atravessar o tempo, trazendo minha mãe de volta por alguns segundos, segurando minha mão e sorrindo para mim.

— Ela sempre orou por você — meu pai disse, engolindo a emoção — e queria que você sentisse que Deus guiou sua vida até este dia. Que Ele continue abençoando você e Chade, e que vocês nunca esqueçam que o amor verdadeiro exige fé, paciência e companheirismo.

Chade apertou minha mão com força. Eu tentei sorrir, mas só consegui deixar as lágrimas rolarem. O salão estava em silêncio, cheio de reverência, e eu senti que a presença da minha mãe estava ali, comigo, abençoando cada passo daquele dia.

— Obrigada… — consegui sussurrar, a voz falhando.

Meu pai assentiu, me entregando a carta com cuidado.

Nossos votos vieram sem papel.
Sem ensaio.
Sem rima.

Foram só palavras que brotaram quando nossos olhos se encontraram.
Palavras vivas, com cheiro de terra molhada e coração exposto.

E então, quando tudo foi dito, e as alianças estavam entrelaçadas nos nossos dedos, eu me inclinei um pouco. Só para ele. E sussurrei. Como quem finalmente abre um segredo antigo, guardado com cuidado por muitos anos:

— Foi um sentimento guardado, quieto, por muito tempo…
mas hoje ele não cabe mais dentro.
Chegou a hora de florescer.

Ele apertou minha mão com firmeza. Aquele tipo de firmeza que diz: *“estou aqui”*.
Fechou os olhos. Sorriu. E me beijou. Não como em um final de filme. Mas como quem respira pela primeira vez.

E então…

**Click.**

Uma câmera registrou o momento.
Polaroide.
O beijo, o véu, as sakuras caindo devagar.
A página que estava em branco, enfim, preenchida.

A legenda já estava pronta.

# Epílogo

*(Minjae)*

O salão estava cheio de risos e flores, a luz suave criando um clima quase mágico. Eu observava Amy e Chade do outro lado da sala, a certeza no olhar deles falando mais alto do que qualquer palavra.

Delilah estava ao meu lado, linda naquele vestido azul claro que ela escolheu com cuidado. Peguei a mão dela discretamente, sentindo a textura da pele, o calor que se espalhava na palma da minha mão.

— O casal do piano finalmente deu certo — ela disse sorrindo

— E a gente? — perguntei

— a gente não é o casal do piano

— Ainda não — repeti, rindo pelo nariz.

Delilah levantou a sobrancelha, fingindo indignação.

— Como assim “ainda não”? — ela perguntou, cruzando os braços de leve. — A gente já tá noivo, você esqueceu?

— Não esqueci — respondi, olhando para a aliança brilhando na mão dela — mas eles têm todo esse charme de “casal do piano”. Aquele negócio poético, cinematográfico…

— Ah — ela disse, voltando a sorrir. — E você quer ser poético também?

— Eu posso tentar — dei de ombros. — Mas você sabe que eu sou mais tropeço do que poesia.

Ela riu, a risada gostosa que sempre me desmontava um pouco.
— Pois eu gosto do seu jeito mesmo — Delilah admitiu,

aproximando-se um passo. — Esse “tropeço” aí foi quem me pediu em casamento, lembra?

— Ajoelhado, tremendo e quase derrubando a caixa do anel — completei.

— E eu disse sim mesmo assim — ela rebateu. — Então… acho que estamos indo bem.

A música no salão mudou para algo mais lento, e luzes douradas rodavam pelo teto como constelações dançando. Delilah olhou para o centro da sala, onde alguns casais começavam a se mover ao ritmo suave.

— O “casal do piano” pode ter seu charme — ela disse, tocando de leve meu braço, sem pressa — mas eu prefiro ser o “casal que deu certo do nosso jeito”.

Senti um calor familiar no peito — aquele tipo de certeza tranquila que só acontece quando se está exatamente onde deveria estar.

— Dança comigo?

Delilah sorriu daquela forma que sempre parece dizer “é claro que sim”, mesmo antes das palavras saírem.

E enquanto ela colocava a mão na minha, percebi que não precisávamos de nada épico, nem de metáforas grandiosas.

Estávamos noivos.

Estávamos juntos.

E o jeito dela entrelaçar os dedos nos meus já fazia qualquer salão parecer mágico.

— Você está nervosa? — perguntei baixinho.

Ela sorriu, meio tímida, meio esperançosa.

— Um pouco. Mas é uma alegria nervosa, sabe? Não é só o casamento deles, é como se fosse um lembrete do que a gente pode ter.

— Eu sei — respondi. — Mas também me pergunto... Se estamos prontos para tudo que vem depois.

Delilah apertou minha mão, os olhos brilhando.

— Prontos? Não acho que exista “pronto” pra isso. Acho que a gente vai se encontrando no caminho. Aprendendo juntos.

Olhei para ela e vi ali, no rosto dela, toda a coragem que ela tinha escondido atrás de tantos medos.

— Então a gente vai continuar caminhando. Do nosso jeito. Com calma.

— E sabe? Eu já quero começar a construir isso com você. Não precisa ser tudo de uma vez, mas… planejar, sonhar, dividir.

Um silêncio confortável tomou conta da gente enquanto a música suave tocava no fundo.

— Vamos fazer isso — respondi, sorrindo. — Com calma, do nosso jeito.

E no meio do salão, enquanto Amy e Chade trocavam votos, eu sabia que, ali, entre flores e amigos, a gente também estava começando algo que ia muito além do que um beijo ou uma declaração. Era a promessa de um futuro.

## Autoria

Nome — Toque ou clique neste marcador de posição de texto para adicionar uma biografia de autor ao livro. Deixe que os leitores saibam mais sobre o que torna você e seus livros interessantes ou por que eles deveriam escolher o seu livro.